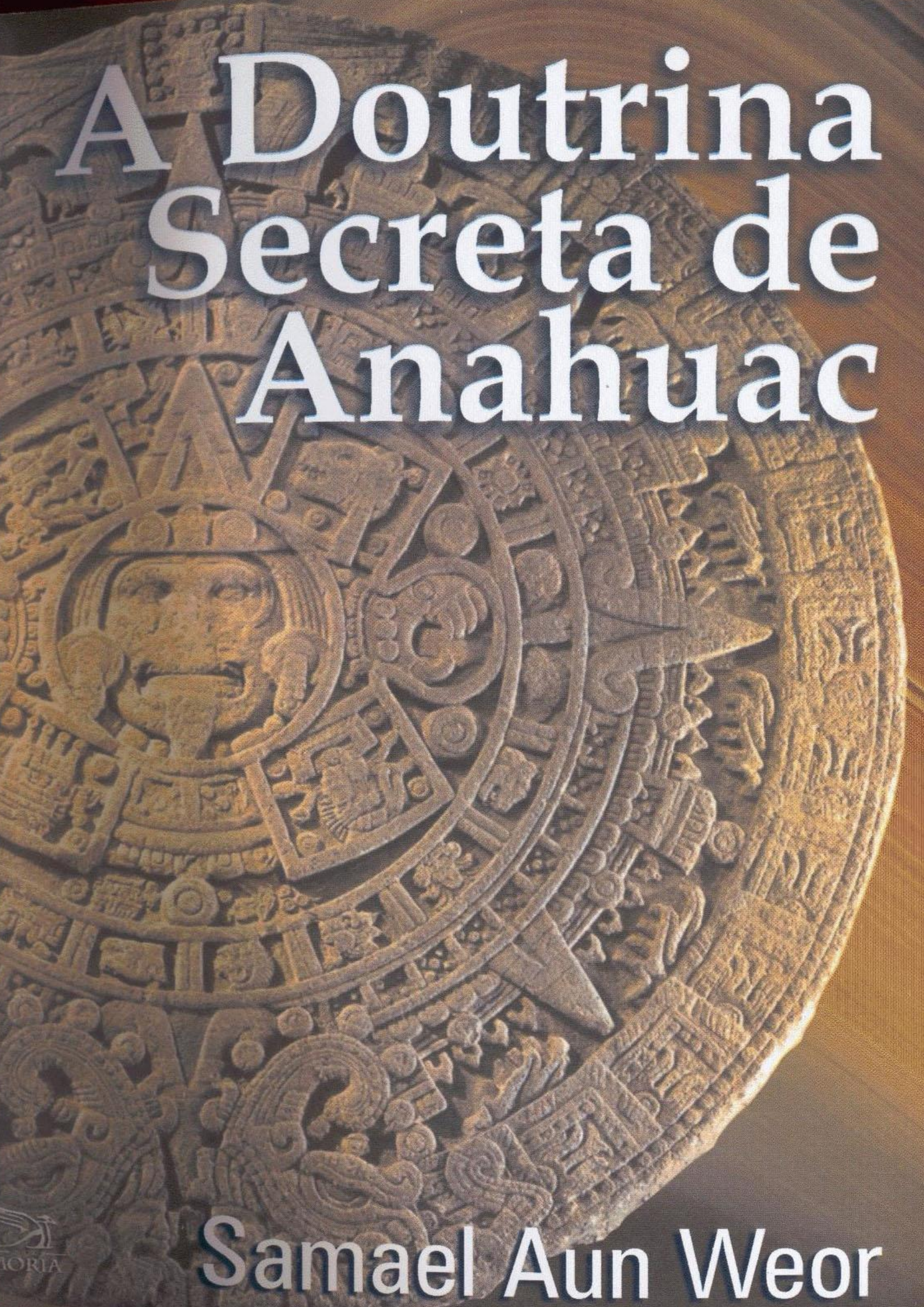




A Doutrina Secreta de Anahuac

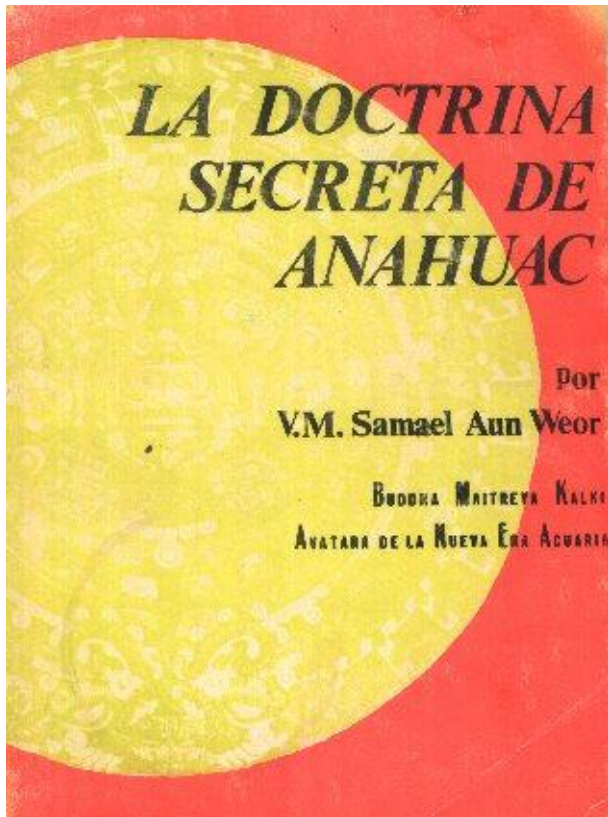
Samael Aun Weor



Samael Aun Weor

A Doutrina Secreta de Anahuac

Do original em Espanhol
"La Doctrina Secreta de Anahuac"
V. M. Samael Aun Weor



Capa do Original.

Editorial Mória
Rua Anita Garibaldi, 245 - B. Monte Castelo CEP
79.011-220
(Cx Postal 2081 - CEP 79.008-970)
Campo Grande — MS
email: moria@moria.org.br
www.moria.org.br

Campo Grande – MS
Abril de 2006
Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	04
CAPÍTULO I - AS SETE COVAS CELESTES.....	12
CAPÍTULO II - LÚCIFER NAHUATL.....	19
CAPÍTULO III - LEVITA ÇÕES MÍSTICAS.....	27
CAPÍTULO IV - O DOUTOR FAUSTO.....	31
CAPÍTULO V - PROCEDIMENTOS JINAS.....	36
CAPÍTULO VI - AZTLAN.....	40
CAPÍTULO VII -A TLÂNTIDA.....	44
CAPÍTULO VIII - A SERPENTE SAGRADA.....	49
CAPÍTULO IX - ACRUZ DE SANTO ANDRÉ.....	53
CAPÍTULO X - ANTROPOLOGIA GNÓSTICA.....	68
CAPÍTULO XI - MÉXICO-TENOCHTITLÁN.....	77
CAPÍTULO XII - O CATACLISMO FINAL.....	89
CAPÍTULO XIII - PARAÍSO E INFERNOS.....	99
CAPÍTULO XIV - O BINÁRIO SERPENTINO.....	106
CAPÍTULO XV - OS ELEMENTAIS.....	110
CAPÍTULO XVI - SOBRE OS SONHOS.....	122
CAPÍTULO XVII - DISCIPLINA DA YOGA DO SONHO.....	126
CAPÍTULO XVIII - O SONHO TÂNTRICO.....	130
CAPÍTULO XIX - PRÁTICA DO RETORNO.....	134
CAPÍTULO XX -AS QUATRO BEM-AVENTURANÇAS.....	136
CAPÍTULO XXI - O ANJO DA GUARDA.....	139

PREFÁCIO

A Sabedoria Gnóstica adquire, com esta nova Mensagem de Natal (1974) do V. M. Samael Aun Weor, "A Doutrina Secreta de Anahuac", uma verdadeira jóia do ocultismo que possui relatos inapreciáveis no campo da Investigação Científica e de consultas internas e externas provadas com documentos, efígies, figuras e tradições conhecidas através das distintas culturas que a humanidade possuiu.

CAPÍTULO I: Estuda as sete covas celestes, fala-nos sobre o poderoso Montezuma, quem, envaidecido pela glória e poder, quis entrar em contato com seus divinos Predecessores.

Como vemos, desde remotíssimas idades se fala sobre o Paraíso Terrestre, das distintas religiões, similar ao nosso conhecido por meio da Bíblia e muitos outros livros sagrados. Conta-se ali que esse poderoso Rei reuniu a todos os anciões e magos de sua época para inteirar-se a respeito desse paraíso; como formou uma expedição, os dotou de todas as comodidades e os enviou na busca do Paraíso Perdido. Logo, como os Magos invocaram ao Divino Daimon, cujo nome e potestade conhecemos através da Sabedoria Gnóstica, (ver Mensagem de Natal: Sim há Diabo, Inferno e Karma, magistral obra do V. M. Samael Aun Weor) e ao lhe invocar, este os converteu em animais de distintas classes, que viajaram na Quarta Dimensão e encontraram a Terra Prometida. Antes de entrar nesse Paraíso, ficaram novamente convertidos em homens.

Eles falaram sobre o Poderoso Montezuma, seu Rei, mas nenhum de seus antepassados sabia do que se tratava. Aclaradas as tradições, ali lhes disseram que as bebidas, comidas, paixões, etc., mantinham-nos afastados desse Paraíso; ali encontrou essa comissão de Sábios, a seres desgrehados, sujos, descuidados e, manifestaram aos visitantes que o luxo, as riquezas e os mantimentos era o que os mantinha entorpecidos.

A leitura deste capítulo é conveniente fazê-la com muito interesse e meditação.

CAPÍTULO II: Fala-nos amplamente sobre o Divino Daimon, o Lúcifer Bíblico, o Anjo Caído do céu, o qual levamos dentro.

O Divino Daimon foi habitante do Éden; este é diferente do Querubim do Éden, que formam os castos durante o Maithuna, é o mesmo Solochoel, Prometeu, o qual tem potestade sobre o céu e a terra, sobre o qual diz Dante o seguinte: "Mais nobre que criatura alguma e a soma de todas as criaturas".

Quando vencemos o Processo Iniciático, de fato nos convertemos em seus filhos prediletos. Só a Alquimia conduz a este estado de heróis, de seres vitoriosos.

CAPÍTULO III: Descreve-nos aspectos muito interessantes sobre as levitações Místicas. Já estudamos que a levitação e saídas em Astral acontecem na quarta e quinta dimensões.

Nesta Mensagem de Natal, vemos que só mediante o coração tranquilo e a paz interna alcançamos a levitação. Para isso se requer sacrifício do intelecto, porque a mente teórica e especulativa se estende e se desenvolve mediante as sutis energias do coração.

Tudo isso vampiriza os poderes vitais do coração.

Diz o Mestre, que no caso dos Mensageiros de Anahuac, Lúcifer, forçado pelos conjuros, transformou-os em aves, feras e leões à comissão enviada ao Paraíso Perdido. Estes fatos nos estão indicando claramente o porque Jesus caminhou sobre as águas do mar da Galiléia.

CAPÍTULO IV: Informes de vital importância sobre o Dr. Fausto, Lúcifer Xolotl, o duplo de Quetzalcoatl, é o guardião da porta e das chaves do Lumisial, para que só entrem nele os ungidos que possuem o sagrado segredo de Hermes.

Vemos como o doutor Fausto se fez presente desde a cidade de Praga em outra cidade européia, ante o imenso assombro dos amigos que lhe invocavam de uma Festa.

Isto tudo é possível mediante os poderes Luciféricos, trabalhando na quarta dimensão.

CAPÍTULO V: Ali nos fala extensivamente sobre os procedimentos Jinas (a entrada à quarta dimensão com nosso corpo físico). Nele nos manifesta que com a mente engarrafada, a Física nem os físicos poderiam progredir pelo Dogma Tridimensional de Euclides.

A física atual é regressiva e reacionária. Necessita-se que exista Espírito inquiridor para alcançar a perceber e dirigir sabiamente o Ocultismo e a Física. Todo estudo cientista, filosófico, etc., necessitado estudo externo e interno. Por isso, o Gnosticismo dá chaves para conhecer nosso veículo físico em todos seus planos, externo ou interno. O que existe no Micro existe no Macro, isto é um axioma.

Neste capítulo, encontrarão ensinamentos sobre a quarta e quinta dimensão e do obstáculo do ceticismo materialista para conhecê-la; sustenta que no futuro nossos descendentes gozarão deste grande privilégio, ou seja, quando romperem estas duras tradições de mentalidade conservadora. Poderão mover-se à velocidade da luz. Isto acontecerá

quando se usar a nova física de tipo tetradimensional. Depois da barreira da velocidade da luz, se encontra a quarta dimensão (300.000 Km/ segundo). Ali vemos como a paciência é a escala do Gnóstico, a humildade é a porta de seu jardim e o coração é o órgão da Ciência Jinas; isto quando desenvolvemos, por meio da meditação e do êxtase, o Chakra do coração.

Felipe, o Apóstolo, é o Santo Patrão dos estados Jinas. Meditai em Felipe para entrar nos estados de Jinas.

Isabel (Is-Abel), monja descalça que se encontra na quarta vertical Jinas, deu ao V. M. Samael Aun Weor maravilhosos segredos, que divulga nesta Mensagem.

CAPÍTULO VI: Aztlan Avallon, monte magnético, misteriosa morada dos filhos do crepúsculo, onde moram os Budas de Compaixão, terra do amanhecer, mansão imperecível, celeste paraíso no pólo norte.

Esta ilha branca se encontra na quarta coordenada, e nos diz que só voando no Espírito se pode chegar ali, que se encontra defendida por monstros milenares e vigiados pelos Deuses. Ensina-nos o nome da matriz do mundo Ja-Cad-Yoni. Também nos informa sobre a primeira raça que existiu em nosso planeta Terra, da segunda raça denominada Hiperbórea; da terceira raça de Gigantes, Hermafroditas colossais e imponentes, da quarta

raça do continente Lemur ou Lemúria e cuja raça se denominou Atlante (por encontrar-se sobre o continente Atlante).

No Continente Atlante viveu a quarta raça, situado no Oceano Atlântico e que Atlas (astrólogo antigo), foi seu Rei; dali provieram os titãs que construíram a Torre de Babel de que nos fala a Bíblia.

Também nos dá informes sobre a quinta raça Ária, que já tem mais de onze milhões de anos de existência, ou seja, a raça que atualmente vivemos.

CAPÍTULO VII: Possui grande informação sobre a Atlântida, continente que serviu de inspiração a poetas, escritores, etc. Recordemos ao famoso historiador Plutarco, ao Ilustre Platão e a muitos autores que falam sobre este interessante continente Atlante.

A Atlântida rodeada de águas misteriosas, além das colunas infranqueáveis para os navegantes e afirma que os sábios só chegam a converter-se em grandes quando são Poetas, quando se abstraem do detalhe e chegam a sentir os latidos que há no fundo de todo o existente, o qual permite nos arrebatara às esferas superiores. Nesta raça se efetuou o Dilúvio Universal Bíblico.

CAPÍTULO VIII: Neste capítulo, há grandes ensinamentos sobre a sabedoria do Dragão ou Lúcifer, a serpente como emblema da Sabedoria.

Nós sabemos que a Serpente ígnea dos mágicos poderes se encontra enroscada três vezes e meia no cóccix, no osso sacro e desperta mediante a Magia Sexual.

CAPÍTULO IX: Contém ampla informação sobre a Cruz de Santo André, André, o Eremita, quem servia a João como pescador.

Nos revela o mistério da letra X, como um dos sinais da cruz de forma de X sublime. Monograma do Cristo, nosso Senhor, entende-se perfeitamente o porquê desta milagrosa cruz de André e a chave de São Pedro são duas réplicas maravilhosas de grande valor Alquimista e Kabalista. É pois, a marca capaz de assegurar a vitória aos trabalhadores da Grande Ordem.

A cruz simboliza união sexual, rito do Lingam-Yoni (Phalo-útero). O X se processa na espinha dorsal com a ascensão do Kundalini (imaginemos o sinal 'X' com uma raia perpendicular que atravessa pelo ponto cêntrico). Representa-nos em cada vértebra da espinha dorsal a ascensão da Energia Criadora, subindo canhão por canhão.

Este signo era usado pelos Cristãos e ainda é usado pela Igreja Católica em toalhas, nas vestimentas do Oficiante na casula e manípulo.

Entre as múltiplas simbologias da Igreja, observamos que na palavra Hóstia se encerram quatro poderosos mantras da Magia Sexual, os quais são: IAO e a consoante 'H' que representa o Espírito Santo. O 'S', o som do fogo, e o 'T' é Tao, Alquimia sexual. Também as três consoantes unidas em monograma dão a seguinte figura: H - S - T, signo do Cristianismo.

A palavra Signos é Gnosis invertida.

O Caduceu de Mercúrio na Medicina é reminiscência do poder curativo da Serpente Sagrada. A palavra diagnóstico, corresponde ao Dia-Gnóstico, ou seja, quando os

Sacerdotes curavam nos templos. Dali porque o Sacerdote se chamava 'cura', porque tinha o poder de curar e sanar aos doentes nos templos.

O V. M. Samael é determinante quando nos diz que a morte do Ego é indispensável para chegar ao poder, que a Lança sexual esgrimida pelo Sansão da Kabala, pelo Alquimista Sagrado, nos dá o poder de destruir a nossos indesejáveis (eus), que nos atam à matéria. O pecado original é a raiz do Ego.

CAPÍTULO X: Contém grande informação sobre a Antropologia Gnóstica.

O Gnóstico autêntico quer uma mudança definitiva porque sente intensamente os segretos impulsos do Ser. Aquele que não procura mudanças não pode ser Gnóstico. A Gnosis é um funcionamento muito material da consciência, uma filosofia perene e Universal, e o conhecimento iluminado dos Mistérios Divinos reservados a uma elite.

A palavra Gnosis encerra dentro de sua estrutura os Signos da Sabedoria, símbolos e signos que se ensinam através do conhecimento Gnóstico.

O Gnosticismo é um conhecimento religioso muito íntimo, natural e profundo. É esoterismo autêntico profundo, desenvolvendo-se de instante em instante com vivências místicas muito particulares, com Doutrina e Ritos próprios. O conhecimento Gnóstico escapa sempre as normais análises do racionalismo subjetivo e ao julgamento dos defeituosos sentidos. Cabe-nos destruir o Eu, o Mim Mesmo. Depois desta destruição, aprendemos a nos conhecer, chegamos à legítima Revelação, ao conhecimento Superior ou Divino.

Só o Ser pode conhecer a si mesmo. O Ser se autoconhece na Gnosis. O Autoconhecimento do Ser é um movimento Supra-racional que depende dele mesmo e nada tem a ver com o intelectualismo.

O abismo existente entre o Ser e o Eu é infranqueável. Conhecer-se a si mesmo é ter obtido a identificação de seu próprio Ser Divino. Quando morremos em nós mesmos, o Ser se manifesta em nós.

Deus é Unidade Múltipla Perfeita. Ligam representa o sexo masculino e o Yoni ao eterno feminino, o Cálice Divino onde se manifesta a Vida.

A Deidade incognoscível é o Espaço Abstrato Absoluto, a raiz sem raiz de tudo que foi, é e será ou tem que ser.

O Ego quer distinguir-se e origina sempre a desordem e a queda de qualquer rebelião Angélica. Sem o auxílio do Divino, o ser humano é incapaz de se levantar do lodo da terra.

CAPÍTULO XI: O Mestre nos fala de Tenochtitlán, discorre os Mistérios Mexicanos com estudos profundos e basamentos de lendas estampadas nos anais Akhásicos da Natureza; alegoriza de forma inteligente a vida Mexicana.

Encontrando-me em companhia de minha esposa na cidade do México, em união do V. M. Samael e sua família, manifestou-me que estava fazendo um estudo profundo sobre as tradições dos antepassados mexicanos.

O Mestre em sua última encarnação foi companheiro de Pancho Vila: narrou-me histórias muito interessantes, das quais descrevo aos leitores uma de tantas:

Contava-nos que tendo posto em estado de sítio a uma interessante cidade, naqueles dias causava muitíssimos mortos no campo dos sitiados, apresentou-se com bandeiras brancas, ante Pancho Vila, o Bispo da localidade para falar com ele, acompanhado de alguns funcionários. O objetivo era conseguir convencer a Pancho Vila para que retirasse o exército e o cerco que mantinha sobre a cidade. Fez-lhe ver que levasse em consideração que nada se movia neste mundo sem a vontade de Deus, ao que Pancho Vila respondeu: "Eu também estou de acordo com o que você diz", e lhes mostrando um punhado de balas de fuzil lhe disse: "Nós, tudo o que fazemos é soltar estas "balinhas" e é meu Deus quem as reparte, de tal maneira que só Ele sabe a quem têm que chegar"

O Mestre recorda com facilidade não só suas vidas anteriores, mas também estuda nos anais Akhásicos da Natureza onde se registra o que aconteceu e o que vai acontecer.

CAPÍTULO XII: Neste capítulo nos fala sobre o cataclismo final. Inicialmente nos fala sobre o Tontiu, da Sabedoria Asteca, o qual representava para eles o Logos Criador do Universo, representado com uma língua triangular de fogo. Para nós corresponde ao menino de Ouro da Alquimia, o Sol espiritual da meia-noite, o Verbo. Explica-nos sabiamente sobre os Atlantes (da quarta raça), sobre sua situação no Oceano Atlântico.

Extasiamo-nos lendo informações históricas e vaticínios interessantes, tais como os de Michel de Nostradamus, formidável vidente e Astrólogo (1503 a 1566). Na França predisse que no ano de 1999, no mês de julho, virá do céu um Grande Rei de terror; que nesse mesmo ano haverá um eclipse total do Sol, aparecerá outro Sol ou planeta vermelho. Depois virá o mais aterrorizante verão que jamais se viu em nosso planeta (para outubro) e se acreditará que a Terra ficou fora de órbita, nas trevas eternas; haverá pânico e terror.

No mesmo capítulo nos fala que São Paulo falou sobre o estado atual da humanidade, o mesmo que Isaías, o profeta, também tratado por São Pedro, José, João, o Evangelista, e João de Patmos (o do Apocalipse); Melkicek quem predisse no Tibete estes mesmos acontecimentos apocalípticos. Vários clarividentes têm feito predições para essa época.

Quando a Bíblia fala de que os irmãos estarão dormindo, refere-se a que vivemos adormecidos, que precisamos despertar nossa consciência.

Maomé também prediz no Alcorão estes acontecimentos, os quais pode observar o ocultista inquiridor.

Helena Petrovna Blavatzky diz que Paris, Roma, Londres, Nova Iorque, Moscou, etc, serão destruídos. Manifesta que já estamos nos tempos do fim e que o NO 250 encerra a Grande Catástrofe.

CAPÍTULO XIII: Descreve de forma esplendorosa sobre Paraísos e Infernos.

Mixcoatl: Limpo de coração, épica Nahuatl. Fala sobre a luta entre Miguel contra o Dragão Vermelho; São Jorge contra o Dragão Negro. Luta Apolo e Píton, Osíris e Tiphon de Bel e o Dragão, etc.

Brigar contra o Dragão significa vencer as tentações e eliminar os elementos desumanos, tais como: Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula, etc.

Nos relata como entre os Vedas Arjuna treme e se estremece em pleno campo de batalha ao compreender que deve matar a seus próprios parentes: seus eus ou defeitos pessoais. O Eu é o que nos faz retornar a este vale de lágrimas. Quando eliminamos nossos defeitos advém a inocência, os poderes e a iluminação. Na luta contra nós mesmos abundam os covardes.

CAPÍTULO XIV: Este capítulo está dedicado aos Elementais da Natureza.

Só quando aprendemos a invocar aos Deuses da Natureza aprendemos a trabalhar com os elementais.

Os Gnomos e Pigmeus da Natureza tremem ante Coatlicue. Nós invocamos a Gob, para ordenar e mandar aos Gnomos da terra.

Os Vórtices que temos na planta dos pés obedecem ao poder de Gob. Estes são mandados com a espada, com a vara.

Aqui nos fala sobre Tlaloc, o qual vive no mundo causal, é uma criatura perfeita. Descreve a este interessante personagem como ao Deus da Água.

Em maio do ano anterior (1973), quando estive no México, fui levado pelo Mestre Samael ao Museu de Antropologia; extensos parques onde se encontram figuras milenares. Fui levado para conhecer a gigantesca estátua que o representa.

Trata-se de uma peça esculpida em pedra como de umas vinte toneladas. A estátua se encontra colocada em uma espécie de lago cheio de água.

O Mestre me informou que quando trouxeram essa pedra à Cidade do México, durou seu traslado várias semanas por haverem-se apresentado obstáculos de toda classe e entrou na cidade em meio de um torrencial aguaceiro e permaneceu chovendo vários dias com suas noites respectivas. Neste capítulo, dá os nomes dos génios sagrados superiores que vivem nos paraísos elementais da natureza. Também sobre o Mundo Causal que é a esfera dos Mestres. Fala-nos sobre o Deus Murciélago, Mestre dos Mistérios da Vida e da Morte e nos dá vários exorcismos para dirigir os elementais da natureza.

CAPÍTULO XV: Nos ensina sobre o Binário Serpentino. Esculápio, Deus da Medicina, nos diz como Kunda quer dizer Órgão Kundartiguador.

A Sabedoria da Serpente se encontra em muitas religiões antigas.

CAPÍTULO XVI: Intitulado "Sobre os sonhos", informa-nos que estes se encontram relacionados com os Templos Internos de Mistérios. Podem-se receber mensagens de seres superiores, onde nos informam sobre acontecimentos que se plasmarão no mundo físico.

CAPÍTULO XVII: Neste capítulo nos dá amplas informações sobre a disciplina Yoga do sono.

A refeição que fazemos na tarde deve ser leve. Quando a mente está quieta é favorável para a disciplina do sono.

Nos ensina como a cabeceira de nossa cama deve estar para o norte, que o colchão não seja duro nem brando, que devemos ter debaixo do travesseiro um caderno de apontamentos com seu lápis respectivo.

Depois de apagar a luz deitar-se de barriga para cima, concentrando-se em Morfeu, Deus do Sono; ele se alegra da oportunidade que lhe brindamos.

Não devemos nos mover ao nos levantar para que não escapem as lembranças; assim poderemos apontar os detalhes do sonho. Se só nos lembrarmos de fragmentos do sonho, devemos apontá-los, pois eles servem para a lembrança total em qualquer outro momento.

CAPÍTULO XVIII: Dedicado ao Sonho Tântrico, a ascensão da Energia Sexual melhora a capacidade de nossa memória (transmutação). Há que aprender a rogar à Donzela das Recordações com a recordação diária do que fazemos e realizamos. Em vigília estamos nos preparando para o despertar da consciência. Devemos viver em estado de alerta percepção, etc; ter supremo interesse pelo que fazemos ou vemos. Tudo isso servirá a nossa memória.

Idéia é uma coisa, e imaginação é outra. Esta vem de imagem e a outra depende do processo que resulta das percepções dos sentidos.

CAPÍTULO XIX: Este capítulo contém práticas relacionadas com o retorno. Ali nos informa que Quetzalcoatl é o CristoAsteca, que os deuses Santos de Anahuac são homens perfeitos no sentido mais completo da palavra. Criaturas absolutamente despertas. Ao falar novamente sobre Tlaloc, nos informa que pertence às antiqüíssimas culturas Olmeca; informa sobre os Deuses Santos Astecas, Maias, Zapotecas, Toltecas, etc.

Quando despertamos internamente podemos estudar na LuzAstral a

CAPÍTULO XX: Possui ensinamentos sobre as quatro bem-aventuranças, a forma de reviver um sonho e continuá-lo à vontade; fala sobre a disciplina do sonho Tântrico, o qual prepara ao discípulo para conhecer claramente as quatro bem-aventuranças que se apresentam na experiência onírica. Paciência e Esforço Íntimo.

Culmina esta magistral obra, nos falando sobre o Anjo da Guarda.

No capítulo XXI: ensina-nos sobre a Iniciação da Cultura Pré-mexicana e a atual.

O fato de nos fazer conhecer aspectos variados de uma mesma Divindade, isto pode desorientar aos leitores ocasionais, mas não ao estudantado Gnóstico.

A Gnosis é uma ciência e os textos de ensinamento requerem Iniciação para entendê-los. Ele menciona nomes da Divina Mãe Kundalini, os quais teve nas distintas culturas; nos fala sobre o Anjo da Guarda para estudar nosso corpo físico.

O erro de muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas, é que só querem a si mesmos e desejam a evolução da miséria que carregam dentro.

A idéia que cada um de nós tenha sobre o Ser jamais é o Ser.

O conceito intelectual que sobre o Ser encontramos elaborado, não é o Ser. A opinião sobre o Ser não é o Ser... O Ser e o Ser e a razão de ser é o próprio Ser.

Em todos estes capítulos vemos que o temor à morte é obstáculo inconveniente para o alcance da mudança radical; é indispensável destruir o falso, para que surja na Verdade uma criação nova.

No processo Iniciático não se pode promover a evolução do falso, ali se requer a aniquilação absoluta do falso. A Gnosis é uma Sabedoria que ensina Ciência ao Cientista, Arte ao Artista, Filosofia ao Filósofo, Religião ao Religioso; orienta ao desorientado.

Nos permite conhecer e dirigir o veículo em que andamos; situa-nos ante a realidade da existência e nos conduz de escala em escala de forma espiral ou direta à Redenção total.

V. M. Gargha Kuichines

CAPÍTULO I

AS SETE COVAS CELESTES

Para bem da Grande Causa, não está demais começar este tratado transcrevendo algo maravilhoso.

Quero me referir de forma enfática a certo relato consignado por Frei Diego Duran, em sua notabilíssima obra intitulada: História do México (Veja o texto de Dom Mario Roso de Luna: O Livro que Mata à Morte, páginas 126 à 134). Como queira que não gosto de me adornar com plumas alheias, poremos cada parágrafo entre aspas: "Conta dita História das índias de Nova Espanha e Ilhas de Terra Firme, de Frei Diego Duran - formoso livro escrito como resultado da colonização espanhola de tão vasto Império - que vendo o imperador Montezuma na plenitude de suas riquezas e glórias, acreditou-se pouco menos que um Deus. Os magos ou sacerdotes do reino, muito mais sábios que ele e mais ricos, posto que dominavam todos seus desejos inferiores, tiveram que lhe dizer: "Oh, nosso rei e senhor! Não te envaideças por nada de quanto obedece a tuas ordens. Teus antepassados, os imperadores que tu crês mortos, superam-lhe lá em seu mundo tanto como a luz do Sol supera à de qualquer vaga-lume...

"Então o imperador Montezuma, com mais curiosidade ainda que orgulho, determinou enviar uma pomposa embaixada carregada de presentes à Terra de seus maiores, ou seja, à bendita Mansão do Amanhecer, além das sete covas de Pacaritambo, de onde era fama que procedia o povo asteca e das que tão laudatória menção fazem suas velhas tradições. A dificuldade, porém, estava em obter os meios e o verdadeiro caminho para chegar felizmente a tão escura e misteriosa região, caminho que na verdade não parecia alguém conhecer".

"Então, o Imperador fez comparecer seu ministro Tlacaelel ante sua presença, dizendo-lhe":

"-Há de saber, Oh Tlacaelel, que determinei juntar uma hoste composta por meus mais heróicos caudilhos, e enviá-los muito bem adereçados e advertidos, com grande parte das riquezas que o Grande Huitzilopochtli se serviu nos proporcionar para sua glória, e fazer que as vão pôr reverentemente a seus augustos pés. Como também temos fidedignas notícias de que a Mãe mesma de nosso Deus ainda vive, poderia lhe ser grato também o saber destas nossas grandezas e esplendores ganhos por seus descendentes com seus braços e com suas cabeças".

"Tlacaelel respondeu

"-Poderoso Senhor, ao falar como falaste, não se moveu, não, teu real interesse por mundanos negócios, nem por próprias determinações de teu tão augusto coração, mas sim porque alguma deidade excelsa assim te move a empreender aventura tão inaudita como a que pretende. Mas não deve ignorar, Senhor, que o que com tanta decisão determinaste não é coisa de mera força, nem de destreza ou valentia, nem de aparelho algum de guerra, nem de ardilosa política, senão coisas de bruxas e de encantadores, capazes de nos descobrir previamente com suas artes o caminho que nos conduzir possa a semelhantes lugares. "

"Porque tem que saber, Oh poderoso Príncipe! Que conforme contam nossas velhas histórias, semelhante caminho está talhado desde há longos anos, e sua parte deste lado cega já com grandes estevais e brenhas povoados de monstros invencíveis, dunas e lacunas sem fundo, e muito espessos carriçais e canaviais onde perderá a vida qualquer um que semelhante empresa tente temerário."

"Busca, pois, Senhor, como remédio único contra tamanhos impossíveis a essa gente sábia que te digo, que eles, por suas artes mágicas, poderão possivelmente salvar todos esses impossíveis humanos e ir até lá te trazendo logo as novas, que nos são precisas, a respeito de semelhante região, região da que se diz por muito certo que quando nossos avós e pais a habitaram antes de vir em larga peregrinação até as lacunas do México, nas que viram o prodígio do nopal ou sarça ardendo, era uma prodigiosíssima e amena mansão onde desfrutavam da paz e do descanso, onde tudo era feliz mais que no mais formoso dos sonhos, e onde viviam séculos e séculos sem tornarem-se velhos nem saber o que eram enfermidades, fadigas nem dores, nem ter, enfim, nenhuma dessas escravizadoras necessidades físicas que aqui padecemos, mas depois que de tal paraíso saíram nossos maiores para vir aqui, tudo lhes tornou espinhos e abrolhos; as ervas lhes cravavam, as pedras lhes feriam e as árvores do caminho lhes tornaram duros, espinhosos e infecundos, conjurando-se tudo contra eles para que não pudessem retornar lá e assim cumprissem sua missão neste nosso mundo".

"Montezuma, ouvindo o bom conselho do sábio Tlacaoel, lembrou-se do historiador real Cuauhtli - literalmente, o 'Dragão da Sabedoria' constante nome dos Adeptos da 'Mão Direita' ou Magos Brancos -, venerável velho que ninguém sabia contar seus anos, e imediatamente se fez levar até seu retiro na montanha, dizendo-lhe, depois de lhe haver saudado reverentemente".

"-Meu Pai, Ancião nobríssimo e glória de teu povo, muito quero saber de ti, se me digna dizer isso que memória guarda tu em tua ancianidade santa a respeito da história das Sete Covas Celestes, onde habitam nossos veneráveis antepassados, e que lugar é aquele santo lugar onde mora nosso Deus Huitzilopochtli, e do qual vieram até aqui nossos pais"

"-Poderoso Montezuma - respondeu solenemente o ancião, o que este teu servidor, sabe a respeito de tua pergunta, é que nossos maiores, em efeito, moraram naquele feliz e indescritível lugar que chamaram Aztlan, sinónimo de pureza ou brancura. Ali se conserva ainda uma grande colina no meio da água ao que chamam Culhua-can, que quer dizer 'colina tortuosa ou das serpentes'. Em tal colina é onde estão as covas e onde, antes daqui vir, habitaram nossas maiores por incontáveis anos. Ali, sob os nomes do Medjinas e Astecas, tiveram maior descanso".

"Ali desfrutavam de grande quantidade de patos de todo gênero, garças, corvos marinhos, adens, galinhas-d'água e muitas diferentes classes de formosos pescados, grande frescura de arvoredos, coalhadas de frutos e adornadas de passarinhos de cabeças vermelhas e amarelas, fontes cercadas de salgueiros, sabinas e enormes amieiros. Andavam aquelas pessoas em canoas e faziam camalhões onde semeavam milho, pimenta, tomates, amaranto, feijões e demais géneros de sementes das que aqui comemos, e que eles trouxeram dali, perdendo-se outras muitas."

"Mas, depois que saíram dali a esta terra firme e perderam de vista a tão deleitoso lugar, tudo, tudo, voltou-se contra eles. As ervas lhes mordiam, as pedras lhes cortavam, os campos estavam cheios de abrolhos e encontraram grandes estevais e espinheiros que

não podiam passar, nem se assentar e descansar neles. Tudo o encontraram, além disso, coalhado de víboras, cobras e demais insetos venenosos, de tigres e leões e outros animais ferozes que lhes disputavam o solo e lhes faziam impossível a vida. Isso é quanto deixaram dito nossos antepassados e isto é o que posso te dizer com relação a nossas histórias, Oh, poderoso Senhor!

"O Rei respondendo ao Ancião que tal era a verdade, por quanto Tlacaelel dava aquela mesma relação. Assim, pois, mandou prontamente que fossem por todas as províncias do Império a procurar e chamar a quantos encantadores e feiticeiros pudessem encontrar. Foram, pois, postos ante a Montezuma até a quantidade de sessenta homens, toda gente anciã, conhecedora da arte mágica, e uma vez reunidos os sessenta, o Imperador lhes disse".

"-Pais e anciões, eu determinei conhecer para onde está o lugar de que saíram os mexicanos de antigamente, e saber pontualmente que terra é aquela, quem a habita e se for viva ainda a mãe de nosso Deus Huitzilopochtli. Portanto, aprestem-se para ir até lá com a melhor forma que lhes seja possível e retornar brevemente para cá".

"Mandou além de tirar grande quantidade de mantas de todo gênero, vestimentas luxuosas, ouro e valiosíssimas jóias. Muito cacau, algodão, teonacaztli, rosas de baunilhas negras e plumas de muita formosura, o mais precioso, enfim, de seu tesouro, e o entregou a aqueles feiticeiros, dando-lhes, também, a eles seu pagamento e muita comida para o caminho, para que com o maior cuidado cumprissem com seu encargo".

"Partiram, pois, os feiticeiros, e chegados a uma colina que se diz Coatepec, que está em Tula; fizeram suas invocações e círculos mágicos, untando-se com aqueles ungüentos que ainda se usam em tais operações..."

"Uma vez naquele lugar, invocaram ao Demônio - a seus respectivos Daimons familiares, dir-se-ia - ao Lúcifer particular de cada qual, e lhe suplicaram que lhes mostrasse o verdadeiro lugar onde seus antepassados viveram. O Demônio, forçado por aqueles conjuros, transformou-os, a uns em aves, a outros em bestas ferozes, leões, tigres, chacais e gatos espantosos, e os levou, a eles e a tudo que eles conduziam, ao lugar habitado pelos antepassados".

"Chegados assim a uma laguna grande, em meio da qual estava a colina de Culhuacan, e postos já na borda, voltaram a tomar a forma de homens que antes tinham, e conta a história, que vendo eles a algumas pessoas que pescavam na outra borda, chamaram-os. As pessoas da terra chegaram em canoas, lhes perguntando de onde eram e a que vinham. Eles então responderam":

"-Nós, Senhores, somos súditos do grande Imperador Montezuma, do México, e vimos mandados por este para procurar o lugar onde habitaram nossos antepassados".

"Então os da terra perguntaram a que Deus adoravam, e os viajantes responderam":

"-Adoramos ao grande Huitzilopochtli, e tanto Montezuma como seu conselheiro Tlacaelel, ordenaram-nos procurar à mãe de Huitzilopochtli, pois para ela e para toda sua família trazemos ricos presentes".

"Então, mandaram que aguardassem, e foram contar ao aio da mãe de Huitzilopochtli:"

"Venerável Senhor: umas pessoas estranhas aportaram nesta margem e dizem que são mexicanos e que para cá foram enviados por um grande senhor, de nome Montezuma, e outro que chamam Tlacaelel, com ricos presentes".

"O ancião lhes disse":

"-Que eles sejam bem-vindos, e me tragam isso para cá".

"Prontamente voltaram com suas canoas, e colocando aos viajantes nelas, passaram-nos à colina de Culhuacan, a qual colina dizem que é de uma areia muito miúda, que os pés dos viajantes se afundavam nela sem poder quase avançar, chegando assim com muita dificuldade até a casinha que o velho tinha ao pé da colina. Estes saudaram o ancião com maior reverencia e lhe disseram:

"-Venerável Mestre, ei-nos aqui, teus servos, no lugar onde é obedecida tua palavra e reverenciado teu hábito protetor".

"O velho, com grande amor, replicou-lhes".

"-Bem-vindos sejam meus filhos. Quem é o que lhes enviou para cá? Quem é Montezuma e quem é Tlacaelel Cuauhcoatl? Nunca aqui foram ouvidos tais nomes, pois os senhores desta terra se chamam Texacatetl, Acactli, Ahatl, Xocchimil, Auxéotl, Tenoch e Victon, e estes são sete varões, caudilhos de gente inumeráveis. Há mais deles, há quatro maravilhosos tutores, ou tutores do grande Huitzilopochtli, dois deles que se chamam Cuautloquetzqui e Axolona."

"Os viajantes assombrados disseram":

"-Senhor, todos esses nomes nos soam como seres muito antigos, dos quais apenas nos resta memória em nossos ritos sagrados, porque faz já longos anos que todos eles foram esquecidos ou mortos."

"O velho, espantado de quanto ouvia, exclamou":

"-Oh Senhor de todo o criado! Pois quem os matou se aqui estão vivos? Porque neste lugar não morre ninguém, mas sim vivem sempre. Quais são, pois, os que vivem agora?

"Os enviados, confusos, responderam":

destes é o grande Sacerdote de Huitzilopochtli chamado Cuauhcoatl".

"O velho, não menos surpreso que eles, clamou com magna voz":

"-É possível que ainda não haja tornado para cá esse homem, quando, desde que daqui saiu para ir entre vós, lhe está esperando inconsolável, dia após dia, sua santa mãe?".

"Com isto o velho deu ordem de partida para o Palácio Real da colina. Os emissários, carregados com os presentes que haviam trazido, trataram de lhe seguir, mas lhes era impossível quase o dar um só passo; antes, afundavam-se mais e mais na areia como se pisassem em um atoleiro. Como o bom ancião lhes viu em tal apuro e pesadume, vendo que não podiam caminhar, enquanto que ele o fazia com tal presteza que quase parecia não tocar o solo, perguntou-lhes amoroso:

"-O que têm, oh mexicanos? Que tão torpes e pesados lhes faz? Para assim estar, o que comem em vossa terra?"

"-Não vivem, Senhor, senão seus bisnetos e tataranetos, muito anciões já todos eles. Um comem em vossa terra?"

"-Senhor, -responderam-lhes os coitados - ali comemos quantas carnes podemos dos animais que ali se criam e bebemos pulque".

"Ao que o velho respondeu cheio de compaixão":

"-Essas comidas e bebidas, ao par com vossas ardentes paixões, são as que assim lhes têm, filhos, tão torpes e pesados. Elas são as que não lhes permitem chegar a ver o lugar onde vivem nossos antepassados e lhes conduzem a uma morte prematura, enfim. Saibam além, que todas essas riquezas que aí trazem, para nada nos servem aqui, onde só nos rodeiam a pobreza e a simplicidade".

"E dizendo isto, o ancião colheu com grande poder as cargas de todos e as subiu pelo pendente da colina como se fossem uma pluma..."

O Capítulo XXVII da citada Obra do Pai Duran, -comentada por Dom Mario Roso de Luna - aqui parafraseado, estende-se logo - diz Dom Mario - em um relato sobre o encontro dos embaixadores com a mãe de Huitzilopochtli, de que escolhemos o seguinte:

"Uma vez acima, lhes saiu uma mulher, já de grande idade, tão suja e negra que parecia como coisa do inferno, e chorando amargamente disse aos mexicanos":

"-Bem-vindos sejam, meus filhos, porque têm que saber que depois que se foi vosso Deus e meu filho Huitzilopochtli deste lugar, estou em pranto e tristeza esperando sua volta, e desde aquele dia não me lavei a face, nem penteado, nem mudado de roupa, e este luto e tristeza me durarão até que volte".

"Vendo os mensageiros uma mulher tão absolutamente descuidada, cheios de temor disseram":

"-O que aqui nos envia é teu servo, o Rei Montezuma e seu coadjutor Tlacaelel Cuauhcoatl, e sabe que ele não é o primeiro rei nosso senão o quinto. Tais quatro reis, seus antecessores, passaram muita fome e pobreza e foram tributários de outras províncias, mas agora já está a cidade próspera e livre, e se têm aberto caminhos por terra e por mar, e é cabeça de todas as demais, e se têm descoberto minas de ouro, prata e pedras preciosas, de tudo o qual lhes trazemos presentes".

"Ela lhes respondeu, já aplacado seu pranto":

"-Eu lhes agradeço todas vossas notícias, mas lhes pergunto se vivem os velhos tutores (sacerdotes) que levaram daqui meu filho".

"-Mortos são, senhora, e nós não os conhecemos, nem resta deles outra coisa que sua sombra e quase apagada memória".

"Ela, então, voltando a seu pranto, perguntou-lhes".

"-Quem foi que os matou, posto que aqui todos seus companheiros são vivos? E logo acrescentou: O que é isto que trazem de comer? Isso lhes mantém entorpecidos e apegados à terra, e isso é a causa de que não tenham podido subir até aqui".

"E lhes dando embaixada para seu filho, terminou dizendo aos visitantes":

"-Noticiem a meu filho que já é completo o tempo de sua peregrinação, posto que já instalou sua gente e sujeitou tudo a seu serviço, e pela mesma ordem povos estranhos lhes tirarão tudo, e ele há de voltar a este nosso regaço, uma vez que tenha cumprido lá em baixo sua missão".

"E dando-lhes uma manta e uma tanga, símbolo de castidade, para seu filho, despediu-os".

"Mas assim que os emissários começaram a descender pela colina, voltou a chamá-los a anciã, dizendo-lhes":

"-Esperem, que ides ver como nesta terra nunca envelhecem os homens. Vêem este meu velho tutor? Pois assim que descenda até onde estão, verão que moço chega".

"O velho, em efeito, começou a descender, e quanto mais baixava mais moço ia se tornando, e assim que voltou a subir, voltou a ser tão velho como antes, dizendo-lhes":

"-Têm que saber, meus filhos, que esta colina tem a virtude de nos tornar da idade que queremos, conforme subamos por ela ou dela baixemos. Vós não podeis compreender isto, porque estão embrutecidos e estragados com as comidas e bebidas e com o luxo e riquezas".

"E para que não se fossem sem recompensa do que haviam trazido, fez-lhes trazer todo gênero de aves marinhas que naquela laguna se criam, todo gênero de pescados, legumes e rosas, mantas de piteira e tangas, uma para Montezuma e outra para Tlacaelel".

"Os emissários, enlameados como na ida, tornaram-se os mesmos ferozes animais que antes para poder atravessar o país intermédio, retornaram à colina de Coatepec, e, voltando ali à sua figura racional, caminharam para a Corte não sem notar que dentre eles faltavam vinte pelo menos, porque o Demônio, sem dúvida, dizimou-os em pagamento por seu trabalho, por ter andado mais de trezentas léguas em oito dias, e ainda mais rápido os teria podido trazer, como aquele outro a quem trouxe em três dias da Guatemala, pelo desejo que tinha certa velha dama de ver a face formosa do mesmo, conforme se relatou no primeiro auto de fé que no México executou a Santa Inquisição...".

"Maravilhado ficou Montezuma de tudo aquilo, e chamando o Tlacaelel, entre ambos ponderaram a fertilidade daquela Santa terra de seus ancestrais; a frescura de seus arvoredos, a abundância sem igual de tudo, porque todas as sementeiras se davam ao mesmo tempo, e enquanto umas se amadureciam, outras estavam crescendo, outras em floração e outras nasciam, por isso jamais podia conhecer-se ali a miséria. À essa lembrança de semelhante terra de felicidade, Rei e ministro começaram a chorar amargamente, sentindo a nostalgia dela e o anseio sem limites de algum dia voltar a habitá-la, uma vez cumprida aqui embaixo sua humana missão."

Até aqui a deliciosa referência de Frei Diego Duran, transcrita por Dom Mario Roso de Luna, o insigne escritor teosófico.



CAPÍTULO II

LÚCIFER NAHUATL

Parlemos agora um pouco, mas com grande prudência, sobre o Divino Daimon de Sócrates, o famoso Lúcifer da Catedral de Notre-dame de Paris, o mesmíssimo Xolotl Nahuatl, que na mágica colina de Coatepec que existe em Tula, acode mais veloz que o vento à invocação mágica dos sessenta anciões.

Extraordinária Tula, encantadora, que na verdade não é mais que a Thule escandinava da qual nos falaram os versos de ouro do grande Séneca, o confim deste mundo...

Xolotl, a sombra vivente de Quetzalcoatl, Lúcifer-Prometeu, é o portador de Luz, a Estrela da Manhã, o símbolo vivente de nossa pedra angular, a Pedra do Rincão, a Pedra Filosofal, na qual está a chave de todos os poderes.

Lúcifer-Xolotl, tomando às vezes o aspecto do Bode de Mendez, simboliza a potência sexual.

Moisés, ao voltar do Sinai, onde tinha encontrado Jehová, levava na testa dois raios luminosos na forma de chifres de bode, o que nos indica que tinha trabalhado com a força sexual.

Escrito está, e com letras hebraicas, que a Arca da Aliança levava em seus quatro ângulos chifres de bode.

Por sua parte, Isaías, o Profeta, escreve (XIV, 12, 15):

"Como caiu do céu,

Luzeiro brilhante, filho da aurora?

Jogado por terra,

o dominador das nações?

Tu, que dizia em teu coração:

Subirei aos céus no alto;

Sobre as estrelas de Deus

Elevarei meu trono.

Instalarei-me no monte santo,

Nas profundidades do Aquilão

Subirei sobre a cúpula das nuvens,

E serei igual ao Altíssimo.

Pois bem, ao sepulcro baixaste,

Às profundidades do abismo".

Os Padres da Igreja: Simeão, Pacômio, Eulógio, Antonio, viam cada qual a seu Lúcifer particular (pois cada pessoa tem o seu) sob o aspecto de alguma deliciosa donzela ou de algum varão terrível de reluzentes chifres ou de um menino com túnica negra.

Escutemos o maravilhoso canto de Ezequiel (XXVIII, 12, 19) ao belo Demónio Lúcifer-Xolotl:

"Foi o selo da perfeição. Cheio de sabedoria e beleza perfeita. Habitava no Éden, no Jardim de Deus. Vestido de todas as preciosidades. O rubi, o topázio, o diamante, o crisólito, o ónix, o berilo, a safira, a granada, a esmeralda e o ouro lhe cobriam."

"Pela multidão de tuas contratações encheram-se de violência, e pecastes e te arrojéi do monte santo e te expulsei dentre os filhos de Deus. Oh Querubim protetor, fiz-te perecer"

"No Monte Alban, este personagem desperta uma verdadeira aflição: a entidade nua, com as extremidades contraídas, a boca felina e uma atitude dinâmica que singulariza o começo desta cidade, não podem representar mais que ao Xolotl (Lúcifer). Sua associação com o tigre, com fogo, cujas chamas substituem às vezes às partes genitais e o movimento de queda são provas suficientes."

(Isto é textual da Obra de Laurette Sejourne, intitulada: O Universo de Quetzalcoatl.)

Ostensivelmente, Xolotl-Lúcifer-Prometeu é o duplo de Quetzalcoatl, o Príncipe da Luz e das Trevas, que tem potestade absoluta sobre os céus, a Terra e os infernos.

Inquestionavelmente, o Divino Daimon é a reflexão de Deus dentro de nós mesmos, aqui e agora, e pode nos conferir o poder, a sabedoria e a igualdade divina: "Eritris sicut dei". "Serão como Deuses".

A Pedra Filosofal, Lúcifer-Xolotl, subjaz no próprio fundo de nossos órgãos sexuais e tem que reconciliar aos contrários, "Coincidentia oppositorum", e aos irmãos inimigos.

O Fogo vivo e filosofal dos velhos alquimistas medievais jaz, latente no fundo de nosso sistema seminal e só aguarda em espreita mística o instante de ser despertado.

INRI: Ignis Natura Renovatur Integram (O fogo renova incessantemente à natureza). In Necis Renascor Integer (Na morte renascer intacto e puro).

São Tomás diz: "O mais alto, o mais perfeito dos Anjos, o Anjo preferido de Deus".

Dante escreve: "Mais nobre que criatura alguma e a soma de todas as criaturas".

Indubitavelmente, não é de modo algum Xolotl-Lúcifer um agente estranho fora de nossa psique; ao contrário, é certamente a sombra de nosso Ser Divino dentro de nosso "fundo íntimo particular".

Escrito está e com palavras de ouro no Livro da Vida, que na garra da pata direita do Lúcifer Nahuatl resplandecem gloriosamente certos signos áureos terrivelmente divinos.

Xolotl-Lúcifer-Prometeu é o treinador psicológico no ginásio da vida prática.

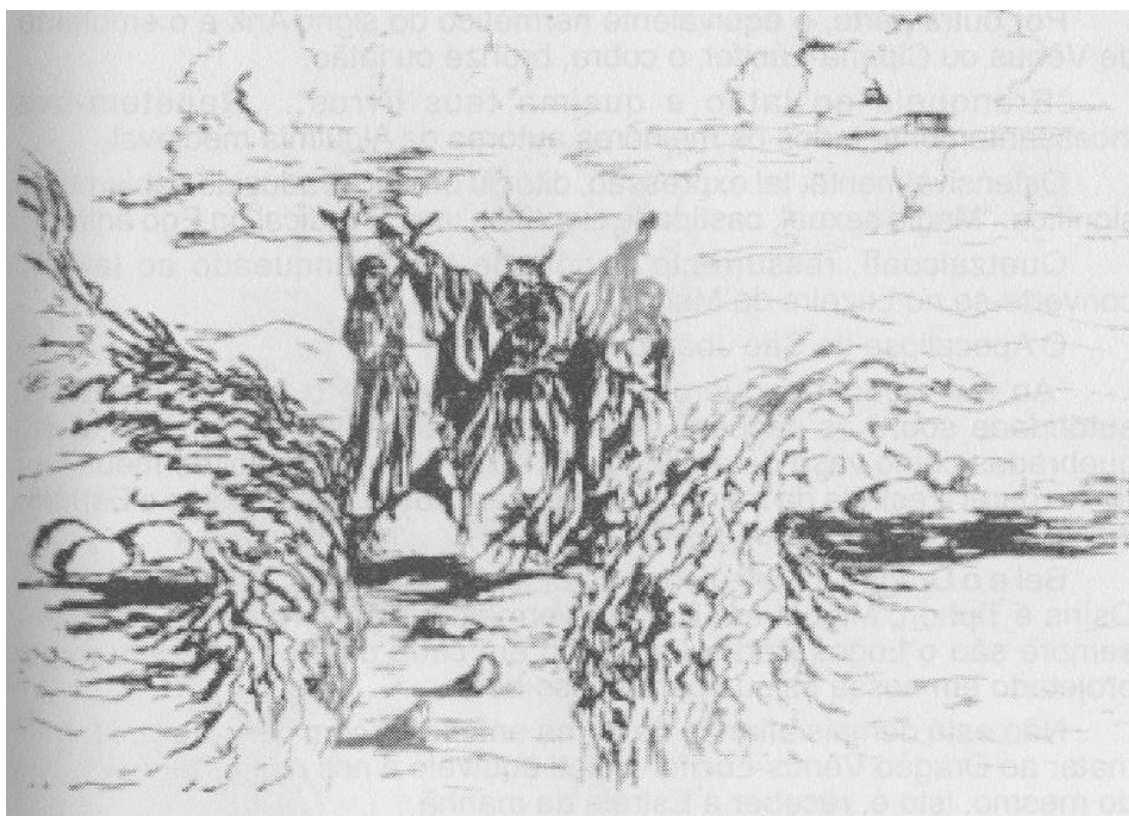
Inútil alarma, alerta, alvoroço, o de certas confrarias que propagam por aqui, por lá e acolá, néscias mentiras difamantes contra o Chinoupes Solar Gnóstico, o

ChristosAgathodaemon, a Serpente do Gênese, o Lúcifer Nahuatl, o Resplandecente Dragão de Sabedoria.

Malvisto e malquisto, Xolotl-Lúcifer, por aqueles ignorantes modelos de sabedoria, que repudiando ao Espírito que vivifica, interpretaram a alegoria da guerra nos céus e a luta de Miguel contra o dragão à letra morta, sem compreender sua profunda significação.

Essa cruzada, essa refrega celeste que, inquestionavelmente se deve processar no fundo vivo de nossa própria consciência; luta heróica contra as paixões animais que levamos dentro, personificadas no mim Mesmo, no si mesmo.

Indubitavelmente, nosso Real Ser interior profundo tem que matar ou fracassar. No primeiro caso, obviamente, converte-se no matador do Dragão pelo próprio fato de ter saído vitorioso de todas as tentações postas por aquele.



Xolotl-Lúcifer como tutor, educador, mentor, resulta certamente insólito, inusitado, extraordinário.

Existe na tentação Luciférica didática inimitável, pedagogia prodigiosa, atração que assombra, incentivo inconfundível, instigação oculta com propósitos divinos segredos, sedução, fascinação.

Disto tudo podemos inferir que dentro de nossas profundas intimidades podemos e devemos lutar contra o Dragão e suas hostes tenebrosas (os defeitos psicológicos), se é que de verdade queremos nos converter em "Filhos da Sabedoria" e em "Deuses Imortais"...

Na terra sagrada dos Vedas, Indra, o resplandecente Deus do Firmamento, mata ao Vritra ou Ani, o Demônio-Serpente, Lúcifer-Xolotl, por cuja proeza é Vritra ou Ahi, o "Destruidor" do Vritra, motivo pelo qual lhe dá o apelido do Jishnu, "Condutor da hoste celestial".

A Cruz é um símbolo muito antigo, empregado sempre em todas as religiões, em todos os povos, e erraria quem a considerasse como um emblema exclusivo de tal ou qual seita religiosa. Quando os conquistadores espanhóis chegaram a terra Santa dos astecas, encontraram à Cruz sobre os altares.

No plano dos grandes edifícios religiosos da Idade Média, com a adição de uma abside semicircular ou elíptico soldado ao coro, vemos a forma do signo hierático egípcio da Cruz Ansata, que se lê Ank e designa à vida universal oculta em todas as coisas.

Por outra parte, o equivalente hermético do signo Ank é o emblema de Vênus ou Ciprina-Lúcifer, o cobre, bronze ou latão.

"Branqueia ao latão e queima teus livros". Repetem-nos incessantemente todos os melhores autores da Alquimia medieval.

Ostensivelmente, tal expressão, dito ou oração, traduzido sabiamente significa: "Magia sexual, castidade científica, morte radical do Ego animal".

Quetzalcoatl, ressurecto depois de ter "branqueado ao latão", converte-se no Luzeiro da Manhã.

O Apocalipse de São João diz:

"Ao que vencer e guardar minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações". "E as regerá com vara de ferro, e serão quebradas como vaso de argila; como eu também a recebi de meu Pai." "E lhe darei a estrela da manhã." "Quem tem ouvido, ouça o que o Espírito diz às Igrejas." (Apocalipse 2, 26-27-28-29).

Bel e o Dragão, Quetzalcoatl e Xolotl, Apolo e Píton, Krishna e Kaliya, Osíris e Tiphon, Miguel e o Dragão Vermelho, São Jorge e seu Dragão, sempre são o Logos Particular Divino em cada um de nós e seu duplo projetado em nossa psique para nosso bem.

Não está demais afirmar, de forma enfática e com plena lucidez, que matar ao Dragão Vênus-Lúcifer-Xolotl equivale a nos converter em filhos do mesmo, isto é, receber à Estrela da manhã.

Os dragões foram tidos em toda a antiguidade como símbolos da Eternidade e da Sabedoria.

Os Hierofantes do Egito, da Babilónia e da Índia, davam-se geralmente o nome de “Filhos do Dragão e das Serpentes”, corroborando assim os ensinamentos do Gnosticismo Universal.

Xolotl, a sombra ou duplo do Cristo mexicano, Quetzalcoatl precipitando-se do celestial para nossos próprios infernos atômicos, resulta extraordinário, maravilhoso.

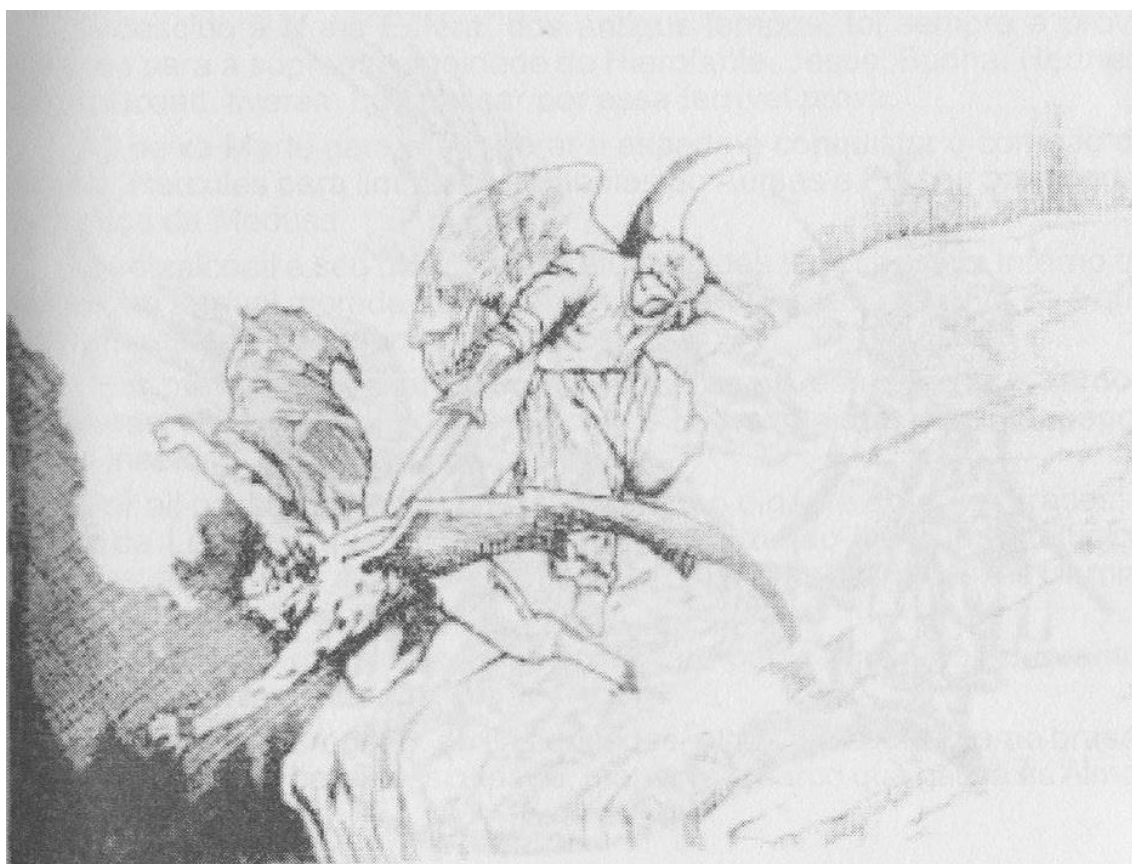
Xolotl significa ao mesmo tempo cão e gêmeo. Não está demais recordar neste capítulo que o Pai Sahagun afirma que o cão é o símbolo do Fogo de origem celeste.

O Fogo sexual, o cão, o instinto erótico, Lúcifer Nahuatl, é aquele agente extraordinário e maravilhoso que pode nos transformar radicalmente.

O cão guia ao Cavaleiro, Ihe conduzindo pelo estreito caminho que vai das trevas à Luz, da morte à Imortalidade.

É urgente tirar da morada de Plutão ao Xolotl-Cérbero, prodígio de terror que com seus latidos, suas três cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes, enche de espanto aos defuntos.

Xolotl-Cérbero-Tricépito puxa a correia de seu amo Ihe levando seguro pelo escarpado sendeiro que conduz à Liberação Final.



Xolotl-Lúcifer, como arquétipo do penitente e com o cinto da castidade convertido em anacoreta, faz luz nas trevas e esclarece todo o esoterismo Crístico.

Xolotl-Lúcifer, em posse dos restos que há que ressuscitar, nos indica a necessidade de morrer para ser.

É urgente cogitar, discorrer, meditar.... Inquestionavelmente, a morte do "mim Mesmo" é requisito indispensável para a ressurreição esotérica que tem que se realizar, aqui e agora, mediante a Alquimia sexual.

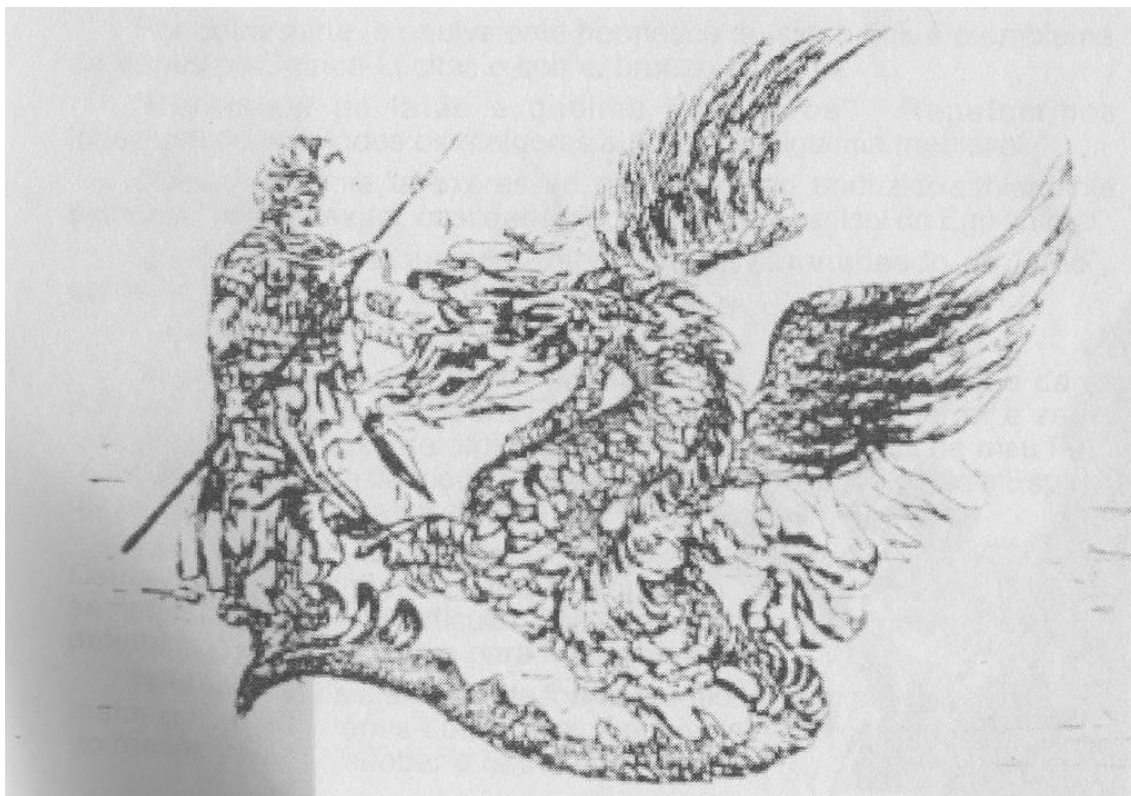
"Porque é necessário que este ser corruptível se vista de incorruptível, e este ser mortal se vista da imortalidade."

"E quando este ser corruptível se vestir de incorruptível, e este ser mortal se vestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está na Escritura: A morte foi absorvida com vitória."

"Onde está, Oh morte! Teu aguilhão? Onde, Oh sepulcro! Tua vitória?" (Corintios 10 15, 53-54-55).

A didática excitante e sedutora do Xolotl-Lúcifer, inteligentemente aproveitada, faz possível a ressurreição mágica.

"A tentação é fogo. O triunfo sobre a tentação é Luz". Eliminar os elementos indesejáveis que carregamos dentro é urgente, inadiável e impostergável.



Resulta urgente, peremptório, premente, discriminar, especificar, discernir concretamente sobre certos valores simbólicos. Quero me referir de forma enfática ao tigre e ao cão.

Inquestionavelmente, este Xolotl-Lúcifer carregado com o hieróglifo solar, como queira que se encontra na raiz de nosso sistema seminal, assume o maravilhoso papel do Cão Cérbero chamado por Dante na Divina Comédia.

O tigre é diferente, e isto sabem os "Cavaleiros tigres", esses jaguares do Movimento Gnóstico, que como autênticos felinos da Psicologia Revolucionária, lançaram-se contra si mesmos, contra seus próprios defeitos psicológicos.

Indubitavelmente, o cão e o tigre se encontram associados esotéricamente no mesmo trabalho.

A humanização do tigre na Arte asteca é algo que assombra a todo místico.

De modo algum seria possível extirpar nossos agregados psíquicos, esses íntimos defeitos que em seu conjunto constituem ao Eu, sem o auxílio dessa Partícula Divina ou Mônada interior recordada pela tocha, signo do raio que o Homem-Tigre assume com inteira claridade.

Escrito está com inteira lucidez no Livro da Vida: "Quem quer subir deve primeiro baixar". "A toda exaltação precede uma humilhação".

A descida à Nona Esfera, dos antigos tempos, foi sempre a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Jesus, Budha, Hermes, Quetzalcoatl, tiveram que passar por essa terrível prova.

Ali baixa Marte para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus, Hércules para limpar os estábulos do Augias e Perseu para cortar a cabeça da Medusa.

Quetzalcoatl e seu duplo, nas profundidades terrestres, no inferno de Dante, na terrível morada de Plutão, devem morrer radicalmente se é que querem ressuscitar de entre os mortos.

"Em meio daquele antro, um olmo enorme estende seus ramos seculares; nelas habitam os vãos sonhos da humanidade doente, pegos como insetos a suas folhas.

Por ali passeiam os centauros; Briareu, o gigante dos cem braços; a Hidra de Lerna, a quem Hércules matou cortando-lhe suas múltiplas cabeças; a Quimera, monstro com corpo de cabra; as Górgonas, as Harpias e a Sombra dos três corpos.

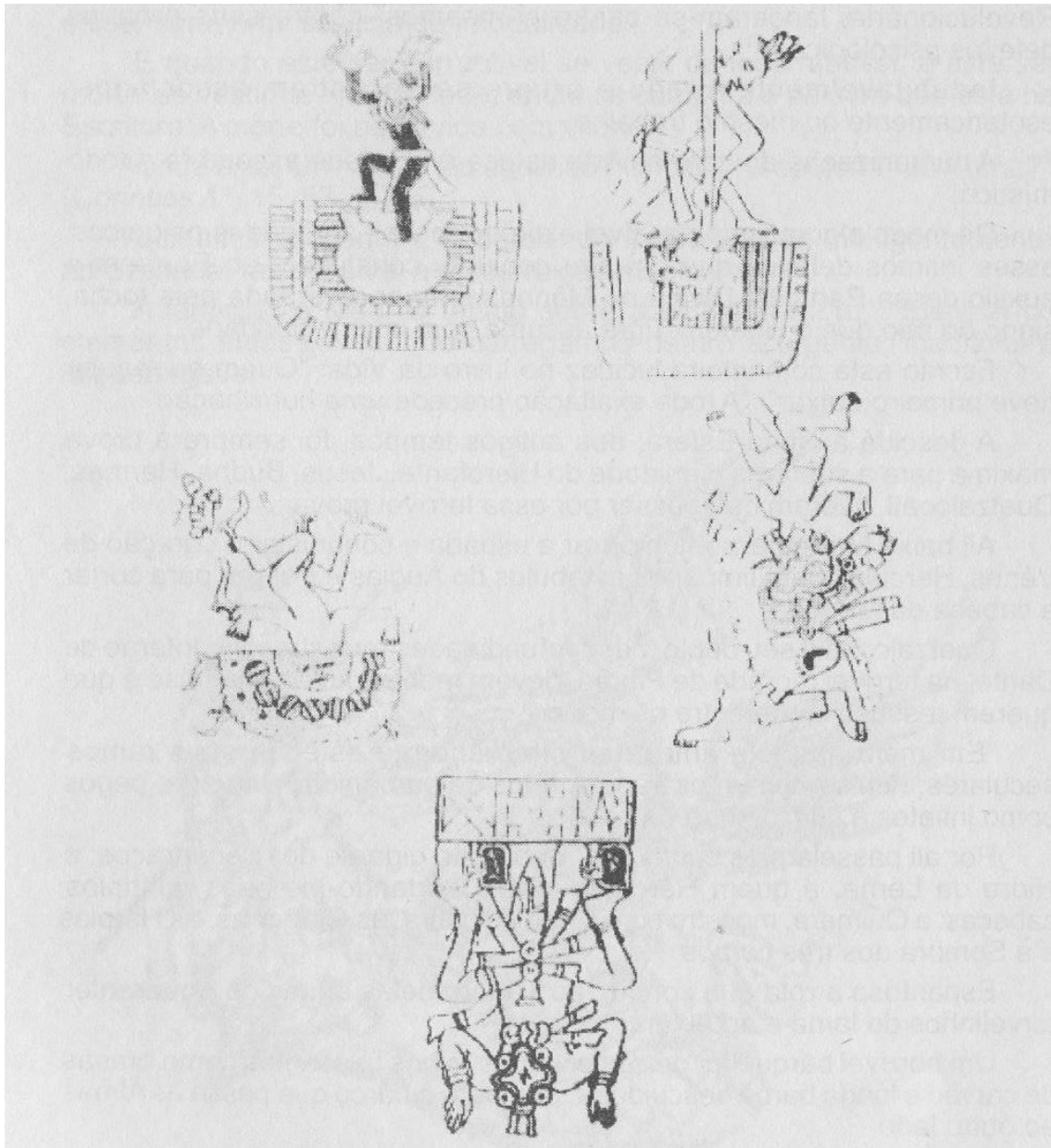
Espantosa a rota que conduz ao Tártaro pelas águas do Aqueronte; torvelinhos de lama e água turva.

Um horrível barqueiro, de cãs eriçadas, olhos faiscantes como brasas de carvão e longa barba descuidada, manobra o barco que passa às Almas ao outro lado.

Uma multidão atormentada e diversa se agrupa na margem esperando que o barqueiro a translade. Mas este escolhe caprichosamente: ora este, ora aquele, e há quem aguarda em vão e suplica, mas tudo é inútil.

Estas são as Almas dos que não receberam sepultura, que se desesperam em tempo interminável até que uma mão piedosa lá na terra, recolhe seus corpos e encerra na urna a suas cinzas.

Então a morada de Plutão se abre e as Almas entram em seu triste repouso, privadas de luz, sombra do que foram".



CAPÍTULO III

LEVITAÇÕES MÍSTICAS

Indubitavelmente, a quarta coordenada é o mesmo hiper-espaco da hiper-geometria, mediante o qual é possível realizar atos sobrenaturais, como são: o desaparecimento ou aparição de um corpo no espaco tridimensional de Euclides, ou a saída de um objeto qualquer do interior de uma caixa hermeticamente fechada.

Ostensivelmente demonstrou-se que, quando um elétron e um positron se aniquilam para liberar energia, dois grãos de luz aparecem ou, mais exatamente, dois raios-gama.

As experiências que verificaram o cru realismo deste fenómeno, sequencialmente devem demonstrar a existência da quarta dimensão.

Inquestionavelmente, os variados fenómenos de levitação autêntica foram sempre possíveis mediante o agente extraordinário da quarta vertical.

Não está demais afirmar, de forma enfática e sem muita prosopopéia, que a levitação mística é uma elevação inusitada do corpo físico por cima do solo.

Como queira que muitas pessoas não sabem nem o abecedário desta questão, convém citar à variados anacoretas que ante diversos públicos levitaram.

Comecemos com São Estevão, Rei da Hungria, ínclito senhor medieval, morto em 1038, quem flutuou no ar uma noite quando orava em sua tenda.

Continuemos com São Dunstan, arcebispo de Canterbury, ínclito varão de Deus, quem precisamente no dia da Ascensão, 17 de maio de 988, elevou-se milagrosamente até a majestosa abóbada da catedral.

Seguem, em ordem sucessiva, vários esclarecidos cenobitas e insignes damas de reconhecida santidade, vejamos:

São Ladislau da Hungria (1041-1095), renomado anacoreta, quem, em histórica noite flutuou sobre o solo enquanto orava no famoso monastério de Warasdin.

Santa Cristina (1150-1224), a admirável. Ilustre mística, que tendo sido já dada por morta, elevou-se deliciosamente até a abóbada da igreja em pleno serviço fúnebre.

Santa Isabel da Hungria, insigne matrona; São Edmundo; Santa Ludgarda, afamada religiosa; o bem-aventurado Guilles de Santarém; a misteriosa Margarida da Hungria; a espiritual Santa Dulcelina; o preclaro Santo Tiram do Aquino, famoso Senhor de Sabedoria; Santa Agnés de Bohemia e muitos outros, que, submersos dentro da quarta dimensão, flutuavam durante o êxtase.

Elevações extraordinárias, mágicos vôos, saídas rápidas em vertical, suspensões, ascensões, passadas, transporte, circuitos aéreos a grande altura, êxtase, júbilo e arroubo.

Diz a lenda dos séculos, e isto sabem os Divinos e os humanos, que quando nosso Irmão Francisco de Assis (1186-1226) chegou ao ocaso de sua vida, se multiplicaram seus êxtases no Monte Averno.

Seu Bem-amado discípulo, o Irmão Leão, quem ditoso lhe levava mantimentos, encontrava-lhe sempre em estado de arrebo fora de sua gruta, a boa altura flutuando sobre a perfumada terra. Às vezes chegava até as faias, desaparecia da vista, ia por entre a quarta coordenada.

E prosseguindo com esta temática místico-científica, não está demais citar também a Santa Catalina de Ricci (1522-1589), a muito célebre estigmatizada Priora de Prato, quem, quando em êxtase entrava, ficava suspensa no meio ambiente circundante.

Muitos outros penitentes, cenobitas, como São Francisco de Paula, São Francisco de Alcântara, Santo Tiram de Villanova, São Francisco Javier, etc., desprendiam-se do solo em seu êxtase e se mantinham no ar, ante o assombro extraordinário da consciência pública.

Casos famosos e extraordinários, pelo insólito e inusitado, foram, ostensivelmente, os dessa mística chamada Teresa de Ávila (1515-1582), descritos por ela mesma com luxo de detalhes, explicando dialeticamente, como o mágico poder inefável a absorvia dentro da dimensão desconhecida enquanto orava; então flutuava ante as assombradas religiosas.

Qualquer dia desses tantos, não importa qual, aquela Santa estava tão alta sobre o piso que não puderam lhe dar a hóstia.

A dupla levitação da Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz no Carmelo de Ávila causou estupefação, assombro geral.... Então pôde ver-se no espaço a estes dois místicos em estado de êxtase.

Aquele monge azul outrora conhecido com o nome de José de Cuppertino, dizem que se elevou pelos ares setenta vezes. Este fato mágico aconteceu lá pelo ano 1650, motivo pelo qual foi canonizado.

Cada vez que o mencionado eremita de doce face se desprendia da dura terra, proferia um clamor. Interrogado pelo cardeal de Laureia sobre este estranho e misterioso grito no instante preciso do vôo, o Santo respondeu esotericamente: "A pólvora, quando se inflama no arcabuz, estala com grande ruído, assim também o coração, abrasado pelo divino amor. Amém"!

Esquadrinhando velhos manuscritos, com firmeza de clérigo na cela, encontramos na Terra Sagrada dos Vedas o seguinte:

"Aquele que meditar no centro do coração, obterá controle sobre o Tatwa Vayú (princípio Etérico do ar). Alcançará também os siddhis, poderes dos Santos, Bhushari, Kechari, Kaya, etc. (flutuar no ar, colocar seu Espírito dentro do corpo de outra pessoa, etc.). Alcançará o Amor Cósmico e todas as qualidades Táttwicas divinas.

O desenvolvimento substancial do coração tranquilo é impostergável e inadiável quando se trata de aprender a Ciência dos Jinas, a Doutrina da levitação.

Seria incongruente, desconexo com o Tertium Organum ou Terceiro Cânon do pensamento, tentar a idoneidade Jinas sem haver educado e vigorizado previamente os místicos poderes dos santos no coração tranqüilo...

Nunca queríamos interdizer ou vedar as esotéricas práticas de mágica levitação. Atrapalhar, frustrar, de modo algum é nossa intenção, só propomos o Sacrificius Intellectus

(sacrifício do intelecto) se é que desejamos, de verdade, o harmonioso desenvolvimento dos Fogos do coração.

A mente teórica e especulativa se expande, estende e desenvolve, à custa das sutis energias do coração e isto é muito lamentável.

A cerebração intelectual, mecanicista, suga, vampiriza sem misericórdia alguma os poderes vitais do coração.

Através de muitos anos de constante observação, estudo e experiência, pudemos verificar plenamente que o sujeito pseudo-esoterista ou pseudo-ocultista, auto-encerrado dentro de seu mundinho, raciocinante e intelectual, no terreno levitacional prático resultava de fato um verdadeiro fracasso.

Não está demais imitar a José de Cupertino em suas orações e seu êxtase a fim de que o coração, abrasado pelo Divino Amor, desenvolva-se harmoniosamente nos capacitando para penetrar conscientemente com o corpo físico dentro da quarta vertical, mais à além do espaço tridimensional de Euclides.

Inquestionavelmente, aqueles sessenta anciões astecas que na colina de Coatepec fizeram suas operações e círculos mágicos para sumir-se logo na quarta coordenada, tinham desenvolvido, cada um, por antecipação, os fogos maravilhosos do coração.

Bizarro, insólito, inusitado, resulta o relato daquela viagem misteriosa pela dimensão desconhecida.

Indubitavelmente, no Universo paralelo da quarta dimensão qualquer metamorfose é possível.

O Lúcifer Nahuatl, forçado por aqueles conjuros, transformou aos sessenta de Montezuma em aves, bestas ferozes, leões, tigres, chacais e gatos espantosos.

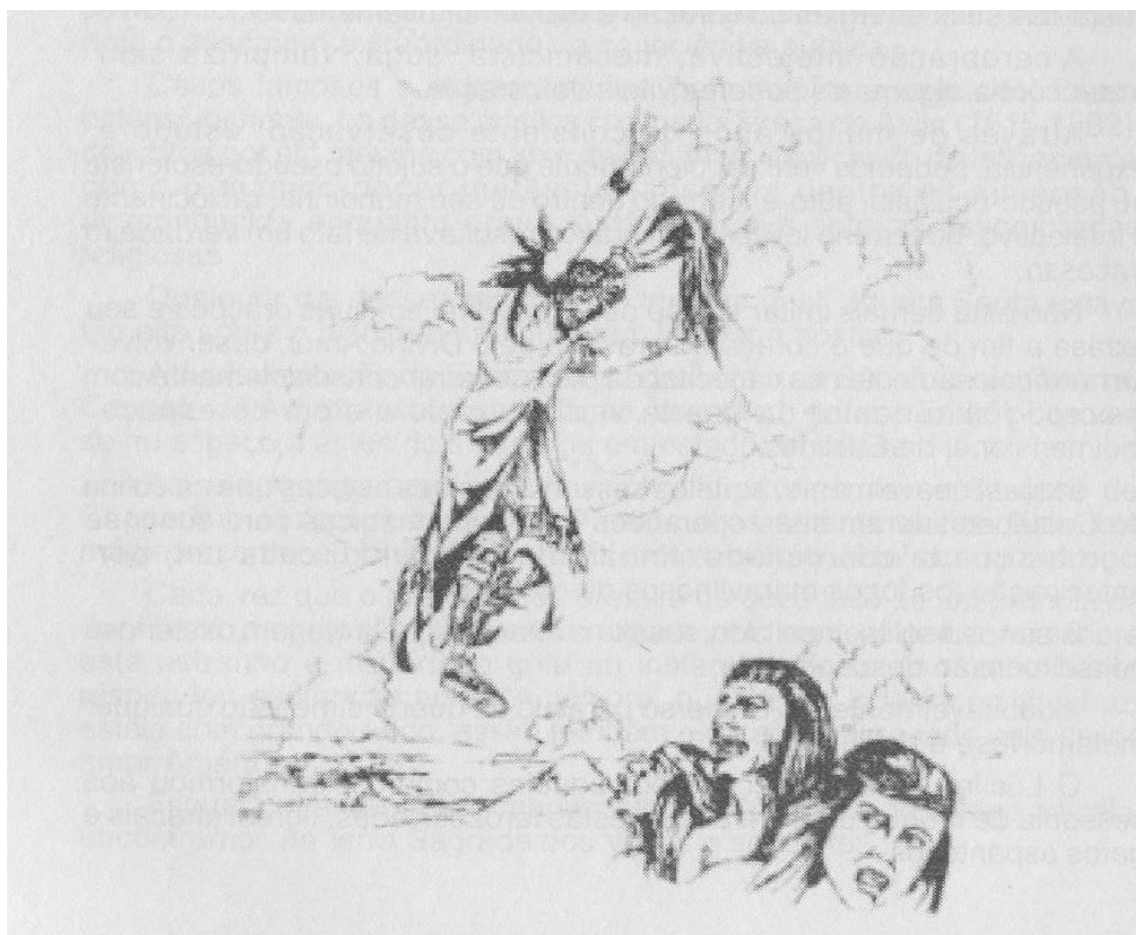
Não é, pois, mera jactância, troça ou brincadeira livresca, o relato consignado por Frei Diego Duran em seu notabilíssimo trabalho intitulado História do México.

Se investigarmos a História dos Jinas, encontraremos no Tibete oriental a Milarepa, venerabilíssimo e chachânico Mestre, ínclito Tahar, que, como qualquer dos sessenta anciões de Montezuma, sabia levitar na quarta dimensão.

Perfeito Adepto de mágicas faculdades, teve a graça de atravessar e visitar inumeráveis paraísos sagrados e céus dos Budhas de compaixão, onde, pela virtude de seus oniextasiantes atos e extraordinária devoção, os Deuses que regem esses ditos lugares lhe favoreceram, permitindo-lhe expressar-se sobre o Dharma.

Jesus, o grande Kabir, submerso com o corpo físico dentro da quarta vertical, caminhou sobre as águas do mar e isto sabem os Divinos e os humanos.

Inquestionavelmente, é Felipe, o Apóstolo do Divino Rabi da Galiléia, o bendito Padrão dos estados Jinas.



CAPÍTULO IV

O DOUTOR FAUSTO

O verdadeiro Lúcifer da Doutrina Arcaica é, por antítese, edificante e essencialmente dignificante, justamente o contrário do que os teólogos, qual Des Mousseaux e o Marquês de Mirville supõem, pois é certamente a alegoria da retidão, o símbolo extraordinário e maravilhoso do mais alto sacrifício (o Christus-Lúcifer dos gnósticos) e o Deus de Sabedoria sob infinitos nomes.

Xolotl-Lúcifer-Prometeu é um com o Logos platónico, o Ministro do Demiurgo Criador e Senhor resplandecente das sete mansões de Hades, do Shabbath e do mundo manifestado, a quem estão encomendadas a Espada e a Balança da Justiça Cósmica, posto que ele é, indubitavelmente, a norma do peso, da medida e do número, o Horus, o Brahma, o Ahura Mazda, etc., sempre inefável.

Lúcifer-Xolotl, o duplo de Quetzalcoatl, é o Guardião da Porta e das chaves do Lumisial para que não penetrem nele senão os ungidos que possuem o segredo de Hermes.

Aqueles que amaldiçoam temerariamente ao Lúcifer Nahuatl pronunciam-se contra a cósmica reflexão do Logos, anatematizam ao Deus vivo manifestado na matéria e renegam da sempre incompreensível Sabedoria que se revela por igual nos contrários de luz e trevas.

A glória de Satã é a sombra de Adonai e o trono de Satã é o escabelo do Senhor.

Semelhança, parecença, similitude; sol e sombra; dia e noite; Lei dos contrários.

Dois são os exércitos do Logos ou Demiurgo Arquiteto do Universo: Nos âmbitos sublimes, as aguerridas hostes de Miguel, e no abismo do mundo manifestado, as legiões de Satã.

Ostensivelmente, estes são: O Imanifestado e o Manifestado, o virginal e o caído na geração animal.

Inquestionavelmente, só sobre Satã, jamais sobre o Logos, recai a vergonha da geração; aquele perdeu seu elevado estado virginal de Kumara quando comeu do fruto proibido.

Com a ressurreição esotérica, o Lúcifer Nahuatl reconquista o estado virginal de Kumara.

A pedra angular da Grande Obra é Lúcifer-Nahuatl. Sobre esta pedra mestra, localizada pelos sábios no fundo de nosso próprio sistema sexual, o grande Kabir Jesus edificou sua Igreja.

A pedra bruta, antes de ser esculpida para a Grande Obra, é certamente impura, material e grosseira; motivo intrínseco pelo qual recebe o nome de Diabo.

Reiterar costuma ser às vezes indispensável. Faz-se inadiável compreender integralmente que nada um de nós tem seu Xolotl-Lúcifer particular, reflexão completa de seu Logos específico.

Lúcifer-Xolotl, com a figura asteca do Luciférico cão, terror de muitas pessoas, costuma entrar no espaço tridimensional de Euclides para fazer-se visível e tangível no mundo físico.

O Conde Gaspar Moir de Louca, ínclito senhor dos tempos idos, conta como se comportava Prestigiar, o estranho cão do Doutor Fausto.

Negro cão de longos pelos e penetrante olhar. Indubitavelmente era muito inteligente.

Uma noite qualquer, quando o cão queria deitar-se no centro reluzente da suntuosa mansão, em presença do Conde, Fausto, dirigindo-se a Prestigiar, disse-lhe certa palavra cuja profunda significação não compreendeu aquele ínclito varão, e o chamado animal, com o rabo entre as pernas, saiu da antecâmara.

Estranho comportamento de um cão que ao Conde, francamente, não lhe pareceu muito natural.

O Doutor Fausto, sorrindo, perguntou a seu amigo o que ele achava de seu cão. Este, respondendo claramente e sem rodeios, disse que ficaria contente em voltar a vê-lo.

Chamado por seu amo, aquele cão das Mil e Uma Noites, brincou dentro do recinto e saltou logo sobre um rústico banco.

Os olhos daquela criatura pareciam brasas de fogo ardente; tinha agora um aspecto apavorante.

Quando o Doutor Fausto acariciou seu lombo, o pelo de tão misterioso cão mudou de cor; tornou-se branco, depois amarelo e por último vermelho.

O Conde, homem muito prudente, preferiu guardar um respeitoso silêncio; posteriormente resolveu falar de qualquer outra coisa.

Em consequência, o cão participa da magia.

Generoso animal que nos tempos antigos foi sempre consagrado ao Deus Mercúrio.

Resulta patente a alta honra que os velhos Hierofantes do antigo o Egito concediam ao cão.

O austero Guardião do Templo de Esculápio, na Roma augusta dos Césares, era sempre um cão.

Falando francamente e sem rodeios, devo afirmar de forma enfática que resulta paradoxal a crucificação do cão.

Bem sabem os Divinos e os humanos que cada ano uma destas preciosas criaturas era crucificada... Castigo implacável para os cães pelo delito de não ter advertido aos romanos a chegada dos gauleses.

Os cães sagrados do Templo de Vulcano no Etna, eram sempre cuidados religiosamente.

Não esqueçamos jamais que Cérbero, o cão guardião dos infernos, acariciava aos que entravam e devorava sem piedade aos que tentavam sair.

Antro espantoso onde uiva Cérbero, prodígio de terror que com seus latidos, suas três enormes cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes, enche de espanto a todos os defuntos.

Diz a lenda dos séculos que Cérbero foi adormecido pela Lira de Orfeu quando este descendeu ao Tártarus para procurar a Eurídice.

Indubitavelmente, a Sibila também adormeceu ao Xolotl-Lúcifer-Cérbero com uma pasta de mel e de dormideira.

É conhecida a intervenção extraordinária de Cérbero em toda Liturgia de tipo funerário.

Nas sepulturas reais dos antigos tempos ficava a figura de um cão sob os frios pés do morto; símbolo infernal profundamente significativo.

Não esqueçamos jamais ao Galgo, Can Grande de Della Scala, Senhor de Verona e benfeitor de Dante.

Este não se alimenta de terra nem de peltre, senão de Sabedoria, de Amor e de Virtude.

Muitos outros animais participam da Alta Magia: O corvo, símbolo de corrupção e morte de todos os elementos desumanos que levamos dentro; a branca pomba que alegoriza à pureza e à castidade, como também ao Terceiro Logos; a águia amarela que adverte ao alquimista a proximidade do triunfo; o faisão vermelho, que junto com a púrpura dos Reis, anuncia ao sábio a consumação total da Grande Obra.

O enigmático e poderoso Doutor Fausto, venerabilíssimo e chochânico Mestre, ínclito Tahar, vivia agradável e confortavelmente como pessoa muito acomodada. Concedia aos animais um papel oculto e gostava de rodear-se deles porque os associava a seus prodígios.

Por aqueles tempos -1528- de rançosa nobreza, de variados títulos notabilíssimos e sangue azul, Fausto, na Corte de Praga realizava extraordinários prodígios.

Telendo, um próspero fidalgo que morava ditoso em uma resplandecente mansão, em boa hora chamada "A Âncora", na rua do Castelo, em Erfurt (lugar onde freqüentemente se hospedava o Doutor Juan Fausto, encantador e mago), celebrou uma grande festa.

Mas aconteceu que os senhores do convite, ante a dourada mesa, reclamaram a presença de Fausto a plenos pulmões. O anfitrião da régia morada lhes declarou que Fausto, o homem da maravilhosa ciência, estava em Praga.

Porém, alegres do vinho, nem por isso a estrepitosa reunião deixava de chamar Fausto com insólita veemência, lhe suplicando que fosse ao festim.

Naqueles instantes alguém golpeia na porta da esplêndida fortaleza. O doméstico viu, através da lucarna do primeiro piso, que Fausto estava ao lado de seu cavalo, ante a porta, como se acabasse de apear-se, e fazia sinal de que lhe abrissem.

O criado correu para avisar ao amo, que riu estrepitosamente, declarando que isso era impossível posto que o Doutor Fausto estava em Praga.

Repete Fausto seu chamado ante o umbral da rica mansão. O Senhor da morada olhou por sua vez: Era ele! Com esse imperativo categórico que caracterizava aos Senhores feudais, ordenou abrir e lhe brindar magnífico recebimento.

O Doutor Juan Fausto ocupou seu lugar na mesa do festim ante o assombro geral dos convidados.

O esplêndido Senhor daquela morada, maravilhado em grande maneira, certamente não pôde resistir ao desejo de perguntar a Fausto como tinha podido vir tão rápido desde Praga.

"-O devo a meu cavalo, respondeu. Como os senhores, vossos hóspedes, desejavam ver-me tão vivamente e me chamavam, quis me render a seus desejos e aparecer em meio deles, embora não possa ficar muito tempo porque é preciso que amanhã, ao amanhecer, esteja em Praga."

O régio banquete foi muito alegre, o Doutor executou com grande êxito seus habituais prodígios e até houve esbanjamento de vinho e sortilégios...

Aqui é bom lembrar o coro das alegres liras, as taças lavradas, o vinho negro, os ferventes copos cujos bordos brilhavam qual colar de prismas...

O vinho negro que ao sangue acende e põe ao coração alegre, fruto fermentado da videira que tanto inspira aos bardos cabeludos...

No meio do bulício e da festa, clamou com grande voz Juan Fausto, propondo que se degustassem também dos vinhos estrangeiros.

E dizem os que o viram, que dentre um exótico recipiente improvisado, emanaram então líquidos de distintas colheitas, milagre Faustino muito similar ao das Bodas de Canaã na Galiléia.

Mas de repente, de forma inusitada, o filho do anfitrião penetrou na estadia com o rosto visivelmente contrariado: "-Senhor Doutor! -Disse-, seu cavalo está comendo em excesso"...

"Preferiria dar de comer, a dez ou vinte cavalos que só ao seu. Já me devorou mais de dois celamins de aveia que tinha preparados, mas segue esperando frente ao estábulo e olha a seu redor para ver se vem outro."

Os convidados riram todos, não com o sorriso sutil de Sócrates senão com a gargalhada estrondosa de Aristófanos.

O jovem, imutável, prosseguiu dizendo: "-Quero manter minha palavra e o fartarei ainda que para isso arrisque várias medidas de aveia".

Fausto respondeu que era inútil, que seu cavalo tinha comido o bastante, mas que tragaría toda a aveia da Terra sem sentir-se farto.

Inquestionavelmente, aquele brioso corcel era, fora de toda dúvida, o mesmo Lúcifer Nahuatl, o extraordinário Mefistófeles metamorfoseado em animal alado.

Mefistófeles-Xolotl-Lúcifer, convertido às vezes por obra de magia em cavalo voador, qual o Pégasus dos poetas coroados, transportava a Fausto rapidamente por entre a quarta dimensão quando era necessário.

A orgia continuou tremenda até a meia-noite. Então o cavalo relinchou. "-É preciso que parta agora". -Exclamou o sábio.

Porém, os convidados, transbordantes de risada e de contentamento, retiveram-lhe suplicantes e imediatamente não pôde partir.

Pela segunda vez, e logo por uma terceira, relinchou espantosamente o cavalo. O Doutor Juan Fausto de modo algum devia desobedecer;

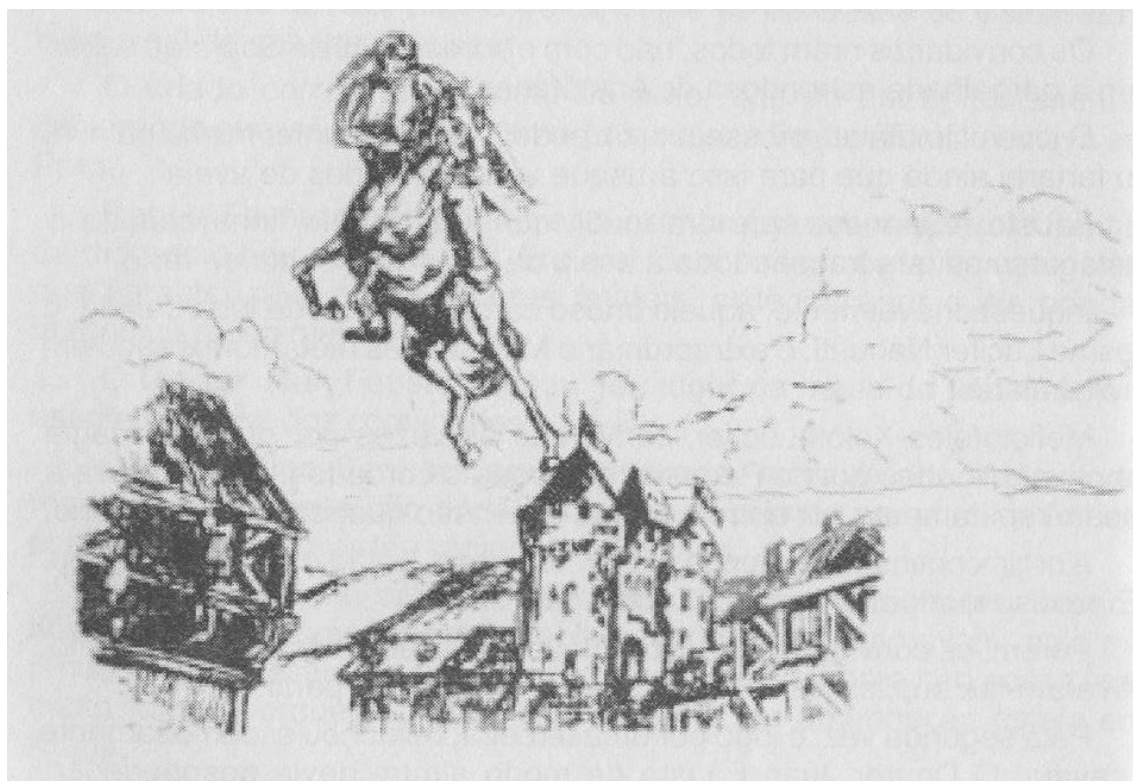
despediu-se, pois, de seus amigos, fez que lhe trouxessem seu brioso corcel, montou-o com presteza e logo subiu pela rua do Castelo.

Contam por aí, diz a lenda dos séculos, que quando passou três ou quatro casas, o cavalo se lançou pelos ares e se perdeu de vista o Cavaleiro sobre sua diabólica montaria.

Indubitavelmente, o Doutor Juan Fausto, encantador e mago, esteve de volta a Praga, antes que amanhecesse.

O Doutor Fausto, no dizer da crônica do Erfurt, deixou certamente uma viva lembrança. Ainda existe a famosa casa "A Âncora", assim como um beco que leva o nome do mencionado sábio.

Ao concluir este capítulo, me vem à memória o caso insólito dos sessenta feiticeiros de Montezuma, viajando com o poder de Lúcifer por entre a Quarta Vertical, para a Terra de seus maiores, a Mansão imperecível.



CAPÍTULO V

PROCEDIMENTOS JINAS

Ao iniciar este capítulo queremos pôr ênfase no seguinte postulado: "A Física continuará estacionária enquanto a mente humana permaneça engarrafada no dogma tridimensional de Euclides".

Inquestionavelmente, a Física contemporânea resulta certamente regressiva, retardatária, reacionária.

Necessita-se com urgência máxima, inadiável, traçar a quarta vertical. Porém isto não é possível enquanto exista o ceticismo materialista.

Qualquer humanidade avançada do futuro distante poderá criar naves cósmicas capazes de atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz.

Tais navios, regamente baseados em uma nova Física, de tipo tetradimensional, viajarão por entre a quarta vertical à velocidades superiores à da luz. Então, a conquista do espaço infinito será um fato concreto, claro e definitivo.

Indubitavelmente, aqueles navios impulsionados pela energia solar, haverão de ser governados por homens autênticos, no sentido mais completo da palavra.

É visível, e todo mundo sabe, que com os aviões supersônicos já têm atravessado a barreira da velocidade do som. Entretanto, o terrícola soberbo e orgulhoso, continua detido ante a barreira da velocidade da luz.

Não está demais, neste capítulo, emitir o seguinte enunciado: "Depois da barreira da velocidade da luz —300.000 quilômetros por segundo - encontra-se a quarta dimensão."

De tal enunciado podemos inferir o seguinte corolário: "Qualquer mago que viaje com seu corpo físico por entre a quarta coordenada, inquestionavelmente, sabe atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz".

Foi em Coatepec, que está em Tula, o histórico lugar onde os sessenta anciões feiticeiros do muito poderoso Senhor Montezuma, mediante o auxílio extraordinário do Mefistófeles Faustino, puderam atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz, para viajar pela quarta vertical para a Ilha sagrada e eterna, além dos mares do Pólo Norte, berço real da humanidade terrestre.

Há que ler na Doutrina Secreta de H.P.B. todo o relativo a este primeiro continente terrestre chamado a perdurar desde o começo até o fim da humanidade sobre este mundo.

Na terra sagrada dos Vedas, todo autêntico Samyasin do pensamento pode atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz para viajar pela dimensão desconhecida como Francisco de Agarram.

Nós afirmamos solenemente e com inteira certeza que quando um Esoterista aplica um Samyasi a seu corpo físico, atravessa imediatamente a barreira da velocidade da luz.

Qualquer Samyasi integral, essencial, fundamentan contém substancialmente três ingredientes radicais:

A.- Concentração absoluta da vontade consciente.

B.- Meditação profunda.

C.- Êxtase, arroubo, júbilo místico, adoração suprema.

Não está demais recordar nesta Mensagem de Natal 1974-1975 que a paciência é a escala dos gnósticos e a humildade é a porta de seu Jardim.

Inquestionavelmente, alguns ascetas gnósticos terão que trabalhar durante muitos anos, até obter o pleno desenvolvimento do cárdias que os tornará idóneos na Ciência Jinas.

A natureza radiante da partícula íntima, que permite este prodígio, está devidamente especificada pela forma de tocha, signo do raio que o Homem-Tigre do México asteca usa freqüentemente.

O Tigre humanizado, Xolotl-Lúcifer, converte-se em uma realidade concreta, não só no México pré-cortesiano, mas também em toda Meso-América.

É assim, convertido em homem, como o encontramos em Teotihuacan, levantando seus heróicos braços em um gesto litúrgico ou com essa marcha felina que lhe caracteriza.

Inquestionavelmente, os Cavalheiros Tigres do México asteca, além de Guerreiros acostumados à dura briga, eram também atletas extraordinários da Ciência Jinas.

Sem exagero alguma afirmamos de forma enfática que aqueles ínclitos varões de Anahuac sabiam mesclar inteligentemente os três elementos do Samyasi com o temível poder felino de Lúcifer-Nahuatl.

Deitados sobre peles de tigre, imitando a sagrada postura do jaguar, quando em repouso se encontra, ligeiramente adormecidos, aqueles ilustres varões sabiam combinar conscientemente a vontade e a imaginação em vibrante harmonia.

Integrando esforços, em suprema concentração mental, com meditação profunda, assumiam deliberadamente, e mediante a imaginação criadora, a felina figura do Jaguar-Xolotl-Mefistófeles.

Marchar, desenvolver-se, funcionar com essa figura que espanta, em pleno êxtase e gozo místico, de modo algum resultava impossível para estes ínclitos Senhores da terra sagrada de Anahuac.

Cada vez que aqueles notáveis eremitas se desprendiam do duro leito para andar como tigres e desaparecer logo na quarta coordenada, proferiam a seguinte frase ritual: "Nos pertencemos". "A pólvora, quando se inflama no arcabuz, estala com grande ruído; assim também o coração, abrasado pelo Divino Amor."

Esquadrinhando velhos crônicons com a firmeza de clérigo em sua cela, tive que corroborar muitos destes detalhes da antiga ciência.

Diz a história dos séculos, e isto sabem os Divinos e os humanos, que aqueles Tigres legendários, exóticos e estranhos, ante o umbral do Templo do Chapultepec -agora em estado de Jinas - tornavam novamente a sua gentil e muito humana figura.

Não poderíamos prosseguir sem deixar de recordar ao Ovídio e sua metamorfose maravilhosa.

Superlativos encantos místicos que os ignorantes ilustrados desta época fatal do Kali-Yuga (os tempos atuais) rechaçam com insólita soberba.

Indubitavelmente, Felipe, o Apóstolo do grande Kabir Jesus, é o santo padroeiro de todos estes fenómenos Jinas.

Asseveram as Sagradas Escrituras que Felipe, depois de ter batizado a um eunuco, foi arrebatado pelo Senhor e que então seguiu gozoso seu caminho.

Dizem que depois se encontrou em Azoto e que passando anunciava o Evangelho em todas as cidades até que chegou a Cesaréia.

Qualquer Arhat Gnóstico sincero pode implorar o auxílio mágico do grande Apóstolo Felipe.

Se amarem a Felipe, quando estiverem dormitando, meditem nele.

Excluam de vossa mente qualquer outro pensamento, e, ao sentir em vossa Alma o gozo de sua presença, profiram a seguinte frase ritual: Ao céu Felipe! Saíam logo depois de vossa antecâmara com passo firme e decidido, colocando-se com decisão dentro da dimensão desconhecida.

Em nome da Grande Causa, solenemente declaro, que esta fórmula extraordinária, acima citada, a devo a um Espírito divino chamado IS-ABEL, cuja humana personalidade é certamente uma humilde monja descalça, de um antigo Monastério medieval, que por estes tempos se encontra submerso na quarta vertical.

Que sóis de entusiasmo lhes iluminem o caminho, muito querido e amável leitor.

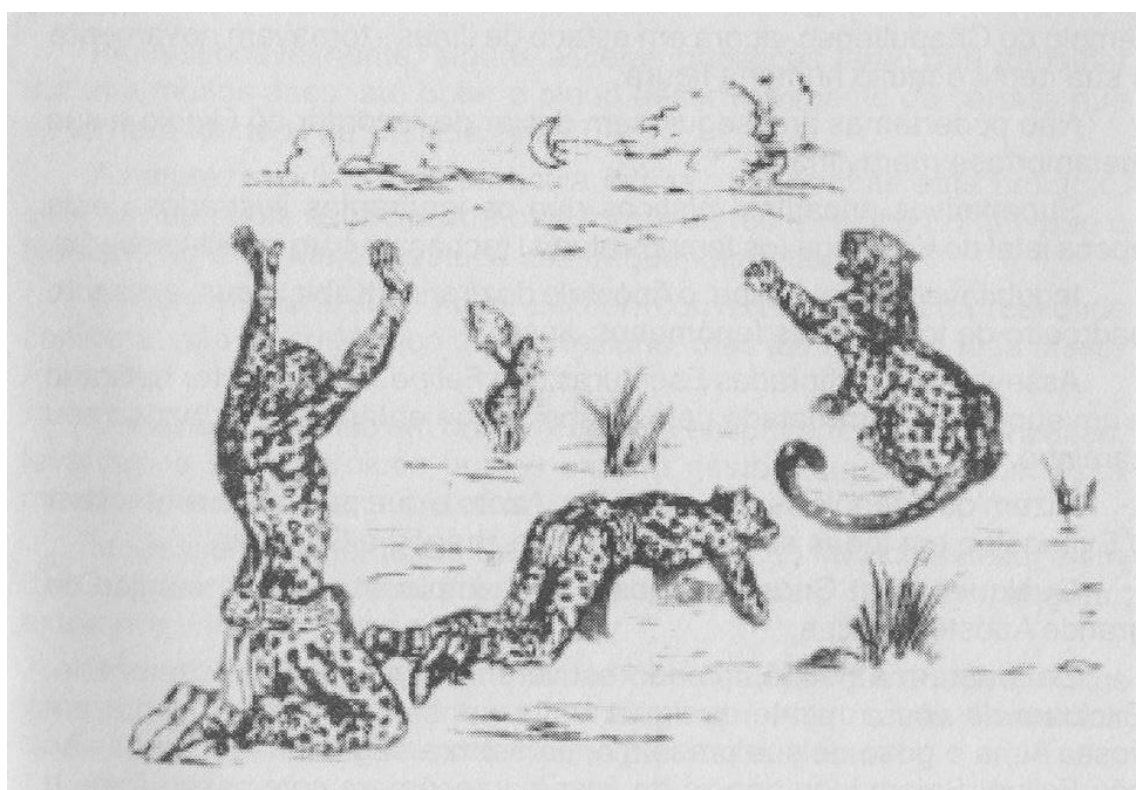
Que as forças do tigre lhes acompanhem.

Que os vaga-lumes de Sabedoria iluminem vosso intelecto.

Que o pinheiro rumoroso dê sombra a vosso descanso.

Que as rãs de esmeralda assinalem os sendeiros coaxando sem descanso.

Que ela, a natureza, seja pródiga contigo. Que a Força Universal lhes abençoe e dirija.



CAPÍTULO VI

AZTLAN

Aztlan, Avallon, monte magnético misterioso, insólita Morada dos Filhos do Crepúsculo (Budhas de Compaixão, Dhyan-Choans, Serpentes da Sabedoria, Pitris ou Pais preceptores da humanidade, Anjos das estrelas, Construtores, Vigilantes, Estrelas-Yazathas dos Zoroastrianos, etc.).

Terra do Amanhecer, Mansão imperecível, celeste Paraíso além dos mares ignotos do Pólo Norte.

Inefável Cidadela do Sol envolta em múltiplos esplendores, Ilha Branca, Rincão do Amor, Terra do Apolo...

Magnífica luz no Norte aquele Éden da quarta coordenada, continente firme no meio do grande oceano.

Nem por terra, nem por mar, consegue-se chegar à Terra Sagrada, repete-se veementemente na tradição helénica.

"Só o vôo do Espírito pode conduzir a ela" dizem com grande solenidade os velhos sábios do mundo oriental.

Inquestionavelmente, "Os Resplandecentes de Olhos eficazes", os Adeptos da Religião-Sabedoria, jamais perderam o contato com a Terra de nossos antepassados.

Reiteramos o enunciado irrefutável de que é possível atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz para viajar com o corpo físico pela dimensão desconhecida até a longínqua Thule.

O caminho que conduz ao Aztlan, a Terra Solar onde moram ditos os Mexi-Tin ou Medjins, Djins, Jinas ou Gênios extraordinários dos povos árabes, astecas e mexicanos, está fechado desde longos anos já, e sua parte deste lado obstruída com grandes estevais e matagais povoados com monstros invencíveis, dunas e lacunas sem fundo e muito espessos carcais e canaviais onde perderá a vida qualquer um que intente temerário atravessá-lo.

Muito pouco pode dizer-se dessa Terra exótica e sagrada, exceto, possivelmente, segundo uma antiga expressão poética, que a estrela Polar fixa nela seu olhar vigilante da aurora até a terminação do crepúsculo de um dia do Grande Alento.

Inquestionavelmente, a Ilha Santa é o berço do primeiro Homem e a morada do último mortal divino, escolhido como um Shista para a semente da futura humanidade.

O Povo asteca, outrora conduzido pelos Gênios tutelar ou Jinas da "Ilha Avalon", chegou até as lacunas mexicanas.

Paralela exata a do bíblico Moisés hebraico guiando ao Povo de Israel através do deserto até a Terra Prometida.

Protótipo do Judeu errante, os povos Jinas dos Tuatha em eterno êxodo análogo ao dos judeus de um lado e mexicanos do outro.

Inquestionavelmente, os Tuatha reingressaram à verde Erim em estado de Jinas.

Diz-se que chegaram deAvallon ou do Céu e trouxeram para a Irlanda alguns símbolos sagrados.

Não está demais recordar à Pedra Filosofal, à Lança de Aquiles, à Espada flamígera e à taça de Hermes e de Salomão.

O Aztlan asteca, Avallon, é o rincão do amor, a Terra de Fogo onde mora ditoso o Irmão João, improfanável Verbo, Logos, Voz, I E O U AN Juan, especificando não a um homem, senão a toda uma Dinastia Solar.

A primeira raça humana que outrora viveu em Asgard, a Ilha de Cristal, a Morada dos Deuses, a Terra dos Agarra, inquestionavelmente era semi-etérica, semi-física.

O Pró-logos órfico, pré-genético, depositou, no "Homem Cósmico" terrestre preciosas faculdades e poderes.

Produto maravilhoso de incessantes evoluções e transformações que outrora se iniciaram do estado germinal primitivo, a primeira raça surgiu das dimensões superiores, completa e perfeita.

Tudo procede do Prabhavadyaya, a evolução inteligente dos princípios criadores e conscientes dos Deuses Santos.

Inquestionavelmente, a "primeira raça" jamais possuiu elementos rudimentares nem Fogos incipientes.

Para bem da Grande Causa, lançaremos de forma enfática o seguinte enunciado:

"Antes que a primeira raça humana saísse da quarta coordenada para fazer-se visível e tangível na região tridimensional de Euclides, teve que se gerar completamente dentro do Jagad-Yoni, a "matriz do mundo".

Extraordinária humanidade primitiva, Andrógynos sublimes, terrivelmente divinos, Seres inefáveis mais além do bem e do mal.

Protótipos de perfeição eterna para todos os tempos, figuras excelentes com corpos indestrutíveis, elásticos e dúcteis.

Adam Kadmon, o Ser "masculino-feminino" do Gênesis I, indubitavelmente era a mesma Hoste dos Elohim, cujas presenças estavam agora recobertas com a eurritmia superlativa de seus corpos.

É visível que todos esses Seres enormes eram os Fogos sagrados personificados dos Poderes mais ocultos da Natureza.

Eles, "os nascidos por si mesmos", eram magistrais, perfeitos, possuíam entendimento, inteligência e vontade.

Cada uma dessas insuperáveis criaturas tinham encarnado a seu Espírito individual e sabia que o tinha.

Essa foi a Idade da cissiparidade; então, aquelas deliciosas criaturas se reproduziam mediante o ato sexual cissíparo.

"Como se viu na divisão em dois do fragmento homogêneo do protoplasma, conhecido como monera ou ameba."

"Conforme se viu na divisão da célula nucleada, em que o núcleo se rompe em dois sub-núcleos, os quais, ou se desenvolvem dentro da parede celular, ou a rompem e se multiplicam no exterior como entidades independentes".

Assim, de modo similar, aqueles organismos andróginos se dividiam em dois para multiplicar-se ao exterior como entidades independentes.

Na Era do "cissiparidade" cada um destes sucessos da reprodução original, primitiva, era celebrado com Rituais e Festas... Então, a Terra toda resplandecia gloriosamente com uma belíssima cor azul intensa...

Não está demais recordar que nessa antiga Idade de Ouro, a ilha de Cristal, a Terra de Apolo, devido à revolução periódica dos eixos do mundo, encontrava-se na zona equatorial.

Raça superlativa divina de Andróginos "plus-perfeitos". O "Furacão" (voz maia que depois fora levada à América do Sul) e que significa para os Hierofantes astecas vento, sopro, palavra, verbo, totalmente encarnado naquelas excelentes criaturas, estabeleceu na Ilha de Cristal à civilização dos ases.

"E criou Deus ao homem a sua imagem, a imagem de Deus os criou; varão e fêmea os criou". (Gênes 1, 27)

Perfeição paradisiaca incomparável, beldades andróginas inefáveis a imagem e semelhança do Tepius K'okumatz (Deus).

Da primeira raça emanou a segunda, a Hiperbórea, sujeitos que se reproduziam mediante "brotação", enormes multidões que outrora habitaram nas múltiplas regiões do Norte.

Escrito está com letras de ouro nas páginas imortais do Livro da Vida que desta segunda classe de Andróginos divinos procedeu, por sua vez, a terceira raça raiz, os duplos, gigantes hermafroditas colossais, imponentes, cujo sistema reprodutivo era o de "formação de gemas". A Civilização lemúrica floresceu maravilhosa no Continente Mú ou Lemúria, terra vulcânica no oceano Pacífico.

Depois de que a humanidade hermafrodita se separou em sexos, transformados pela natureza em máquinas portadoras de criaturas, surgiu a quarta raça raiz sobre o cenário geológico Atlante, localizado no oceano que leva seu nome.

Atlas, o mais antigo dos astrólogos, foi seu Rei... A mente poética dos Filhos de Hélada apresentou-o, por isso, qual gigante sustentava sobre suas costas, e não sobre sua mente poderosa, à máquina celeste.

Seus filhos, os Titãs, pretenderam escalar o Céu... Mas Deus lhes confundiu e, uma noite, o mar e o trovão bramiram. Trémula trepidou a Europa, e desperta pelo estrondo, não viu ao mundo irmão... Só o Teide ficou para dizer à humanidade: "Aqui foi em um tempo Atlântida, a famosa!"

Agora bem, nossa atual quinta raça raiz, as multidões árias que habitam sobre a face da Terra, separadas de seu tronco pai (os Atlantes), já tem, mais de um milhão de anos de existência e se encontram em vésperas de sua aniquilação total.

Cada raça raiz tem sete Sub-raças; cada Sub-raça possui, por sua vez, sete ramificações que podem chamar-se "ramos" ou "raças de família" as pequenas tribos, galhos e brotos destas últimas são inumeráveis e dependem da ação do Destino.

A Ilha de Cristal, o Aztlan asteca, é, pois, o paraíso terrestre, a terra de nossos ancestrais. Ali moram os antepassados de todas as raças humanas.

CAPÍTULO VII

ATLÂNTIDA

Existe, no Códice Borgia, a figura de Atlanteotl, que carrega sobre seus ombros à água celeste exatamente como o Atlas grego, ao que estamos acostumados a dar prioridade como símbolo.

Sobra dizer, em grande maneira e sem muita prosopopéia, que o legendário Atlas grego é cópia fidedigna do heróico Atlanteotl maia e asteca.

Suprimida com delicado refinamento intelectual a desinência "otl" daquele reluzente nome, artigo acima chamado, ressalta então a palavra Atlante.

Atlante-otl, sendo esta palavra por suas raízes explicada, só nos resta dizer com grande ênfase que isto não é questão de vãs etimologias empíricas, arbitrariamente selecionadas, nem de meras coincidências, como supõem sempre os ignorantes ilustrados.

Extraordinárias e legítimas concordâncias lingüísticas, somente explicáveis graças ao tronco Atlante, comum dos povos americanos e mediterrâneo-semitas.

Inquestionavelmente, estes e aqueles têm suas raízes na Terra encantada de Olisis, a Atlântida submersa agora no mar das trevas, vapores sombrios de lendas de horror, de naufrágios pavorosos e de viagens sem retorno.

Mar imenso que em Gibraltar, além das colunas de Hércules, espalhas proceloso tua onda infinita de mistérios infranqueáveis para os navegantes!

A lenda trágica enche teu espaço com o poder coletivo das gerações que assim lhe contemplaram e o poeta escuta na voz de tuas ondas imensas, o rumor de suas tragédias e o rangido de teus mundos sepultados!

A Atlântida, esse vasto continente desaparecido que se tinha como um sonho de poeta, uma criação da divina mente de Platão, e nada mais, existiu realmente.

"A intuição do poeta é a visão do gênio"; quem a nega é porque não pode vê-la com seu poder imenso.

"Os sábios só são grandes quando chegam a ser poetas", quando, se sobrepondo ao detalhe, sentem as harmonias que pulsam no fundo de todo o existente e que podem nos arrebatam às esferas superiores.

Assim é como o autor de As Metamorfoses das Plantas pôde escrever seu Fausto, o da Filogenia elevar seu credo, Humboldt fazer seu Cosmos e Platão, o Divino, seu Timeo e seu Crítias, como Poe com sua Eureka, poetas todos da Vida Universal que não é mais que o hálito do oculto.

"Vê esse mar que abrange a Terra de pólo a pólo? - diz a Cristóvão Colombo seu Mestre - um tempo foi o Jardim das Esperides. Ainda arroja o Teide relíquias delas, rebramindo horripilante qual monstro que via em campo de matança".

Aqui lutavam Titãs, ali florescia cidades populosas... Hoje, em marmóreos palácios, congregam-nas focas, e de algas se vestem os prados onde pastavam as ovelhas.

H. P. B. nas Estadias antropológicas, números 10, 11 e 12, diz textualmente o seguinte:

"Assim, de dois em dois, nas sete zonas, a terceira raça (os lemures) deu nascimento à quarta (os Atlantes)".

"Os Suras ou Deuses (Homens perfeitos) converteram-se em A-Suras, Não Deuses (gente pecadora)".

"A primeira, em cada zona, era da cor da Lua; a segunda, amarela como o ouro; a terceira vermelha e a quarta de cor castanha que se tornou negro pelo pecado".

"Cresceram em orgulho os da terceira e quarta (sub-raças Atlantes) dizendo: "Somos os Reis, somos os Deuses".

"Tomaram esposas de formosa aparência da raça dos "ainda sem mente" ou de "cabeça estreita", engendrando monstros, demônios maléficos, homens machos e fêmeas e também Khados com mentes pobres."

"Construíram templos para o corpo humano, rendendo culto a varões e fêmeas. Então cessou de funcionar seu Terceiro Olho (o Olho da Intuição e da Dupla Vista)".

"Fogos internos tinham destruído a Terra de seus pais (a Lemúria) e a água ameaçava à quarta raça (a Atlântida)..."

"As primeiras grandes águas vieram e submergiram as sete grandes ilhas... Os bons todos foram salvos e os maus destruídos..."

"Poucos homens ficaram: alguns amarelos, alguns de cor castanha e negra e alguns vermelhos. Os da cor da Lua (os Tuatha) tinham desaparecido para sempre".

"A quinta raça (a humanidade que atualmente povoa a face da Terra, incluindo os maias, incas, quichés, toltecas, nahoas, astecas da América pré-hispânica), gente toda produzida do tronco Santo (o Povo eleito salvo das águas), ficou e foi governada pelos primeiros Reis Divinos."

"As Serpentes (Dragões da Sabedoria ou Rishis) voltaram a descender e fizeram as pazes com os homens da quinta raça, a quem educaram e instruíram..."

A seguir, passo a transcrever a tradução de um manuscrito maia, que é parte da famosa coleção do Plongeon, os manuscritos do Troano, e que podem ver-se no Museu Britânico:

"No ano 6 Kan, a 11 Muluc, no mês Zak, ocorreram terríveis terremotos que continuaram sem interrupção até 0 13 chuen. O país das colinas de barro, a terra do Mú, foi sacrificada."

"Depois de duas comoções, desapareceu durante a noite, sendo constantemente estremecida pelos fogos subterrâneos que fizeram com que a terra se afundasse e reaparecesse várias vezes e em diversos lugares. Ao fim, a superfície cedeu e dez países se separaram e desapareceram. Afundaram-se 64 milhões de habitantes, 8.000 anos antes de escrever-se este livro,"

Nos arquivos antiqüíssimos do antigo Templo da Lhassa, Tibete, pode ver-se uma antiga inscrição caldeia, escrita 2.000 anos antes de Cristo, e que à letra diz:

"Quando a estrela Bal caiu no lugar onde agora só há mar e céu (o oceano Atlântico), as sete cidades com suas portas de ouro e templos transparentes tremeram e se estremeceram como as folhas de uma árvore movidas pela tormenta".

"E um dilúvio de fogo e de fumaça se elevou dos palácios; os gritos de agonia da multidão enchiam o ar."

"Procuraram refúgio em seus templos e cidadelas e o sábio Mú, o Sacerdote de Ra-Mú se apresentou e lhes disse: Não lhes predissera isto? E os homens e as mulheres cobertas com pedras precisas e brilhantes vestimentas, clamaram dizendo":

"Mú, nos salve!" E Mú replicou: 'Morrerão com vossos escravos e vossas riquezas, e de vossas cinzas surgirão novas nações. E se eles (referindo-se a nossa atual raça ária) esquecerem-se de que devem ser superiores, não pelo que adquirem, mas sim pelo que dão, a mesma sorte lhes caberá."

"As chamas e a fumaça afogaram as palavras do Mú e a terra se fez em pedaços e se submergiu com seus habitantes nas profundidades do mar em uns quantos meses."

E o que poderiam agora exclamar nossos amáveis críticos ante estas duas histórias, uma do Tibete oriental e outra da Mesoamérica, que de forma específica relatam ambas a mesma catástrofe?

Além de tão extraordinárias similitudes, se de verdade desejarmos mais evidências, é óbvio então que devemos apelar à Filologia. Resulta evidente e manifesto que o Viracocha peruano é certamente o Viraj, Varão Divino, Kabir ou Logos dos hindus, o Inca, palavra esta que ao escrever-se com as sílabas invertidas pode ler-se Caín (Sacerdote-Rei).

Por isso, não são de se estranhar as infinitas conexões intrínsecas que a Doutrina e os fatos dos primeiros incas guardam com toda a Iniciação oriental.

Evidentemente, o grande historiador romano César Cantú liga, sabiamente aos primeiros incas com os mongóis ou Shamanas antiqüíssimos, o que equivale a dizer que nisso da inopinada apresentação do Manú do Norte ou Maneta Cápac, e de sua nobre companheira (Coya ou laqueio), deu-se acaso a milagrosa circunstância que inteligentemente nos faz notar H. P. B. , relativa ao fenómeno teúrgico desses Seres puros ou shamanos que emprestam seu corpo físico aos Gênios dos mundos supra-sensíveis com o evidente propósito de ajudar à humanidade, portento este que de modo algum deve confundir-se com o mediunismo de tipo espírita.

O inefável Tao chinês é o mesmo Deus latino, o Dieu francês, o Theos grego, o Deus espanhol e também o Teotl Nahuatl, asteca.

O Pater latino, inquestionavelmente e de forma irrefutável, resulta ser o mesmo Father inglês, o Vater alemão, o Fader sueco, o mesmíssimo Pai espanhol e, por último, o Pa ou Ba indo-americano.

Adoce Mater do latim, indubitavelmente é a mesma Matrusa, a Mere francesa, a Mother inglesa, a nobre Mãe espanhola e também a Na ou Maia em maia ou quéchua.

Extraordinárias similitudes lingüísticas que assinalam e indicam algo mais que mera ostentação, jactância ou exibição etimológica.

Ao chegar a estas profundidades da Etimologia, Alma da História e uma das mais poderosas chaves da Gnosis, jamais poderíamos deixar de recordar aquela famosa frase do Idioma ritual maia que à letra diz: "Heli, Lamah Zabac Tani" ! E que os quatro evangelistas interpretam esotericamente em quatro formas diferentes.

De forma extraordinária, o grande Kabir pronunciou tal frase na cúpula majestosa do Calvário.

"Agora me afundarei no Dealbar de tua presença", é indubitavelmente seu sentido em idioma maia.

Inquestionavelmente, o grande Hierofante Jesus aprendeu o Naga e o Maia no Tibete oriental e isto está demonstrado.

No sagrado Monastério de Lassa no Tibete, existe ainda um livro que textualmente diz o seguinte:

"Jesus se converteu no mais proficiente Mestre que esteve sobre a Terra".

Um sábio escritor disse:

"Está estabelecido historicamente que a Ciência-Religião conhecida por Cristo no Egito, a Índia e o Tibete, era Maia".

"Existiu um profundo Ocultismo Maia, conhecido sem dúvida por Cristo, que escolheu seus símbolos (maias) como sustentação de suas idéias de amor fecundante".

"Já não pode supor-se casualidade que tenha elegido à cruz maia, à trindade e aos doze apóstolos, como assim também, a outros muitos símbolos, para sustentar o imenso sentido científico-religioso de suas prédicas."

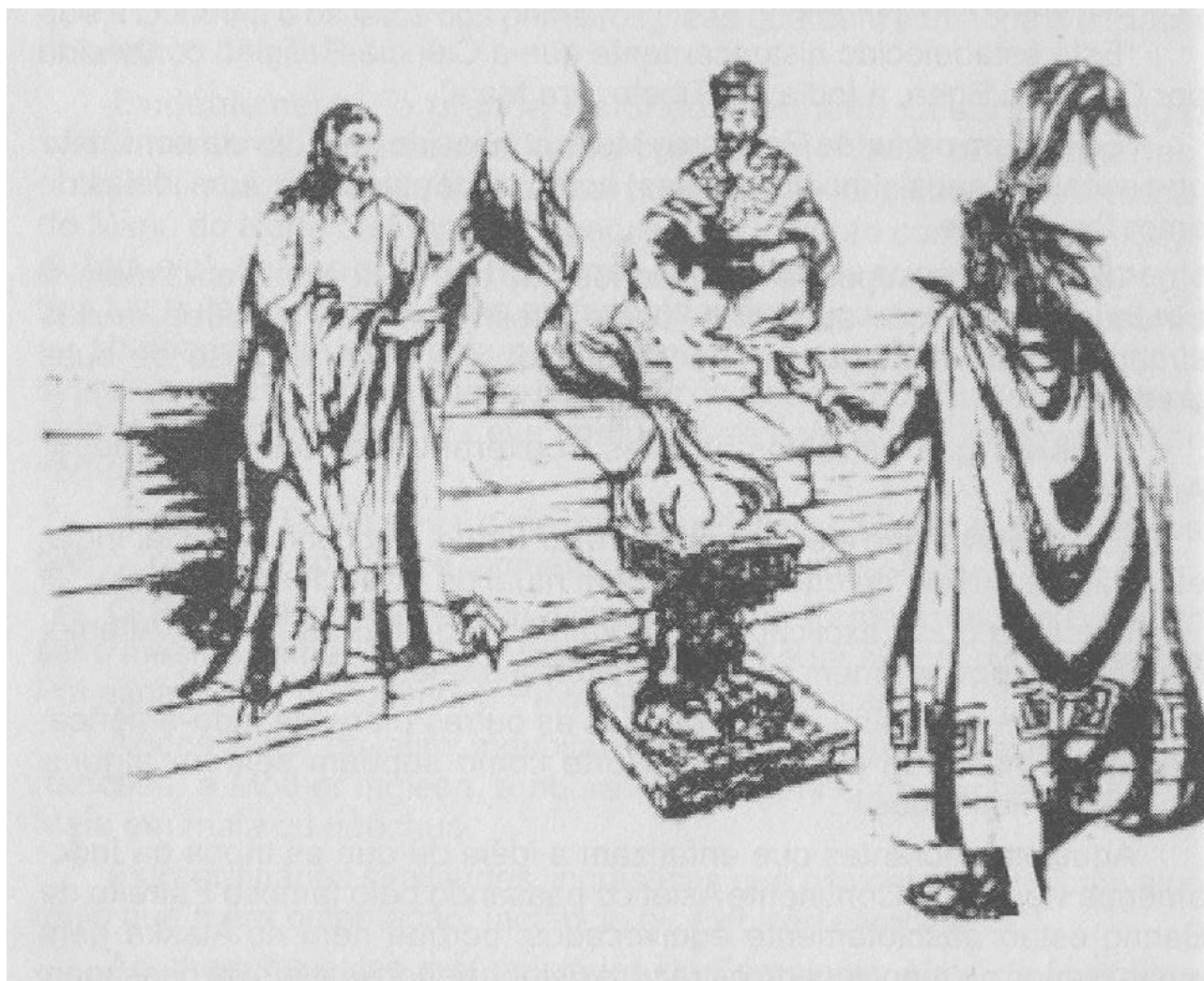
É visível que os maias-atlantes trouxeram sua Religião à Meso-América.

É indubitável que eles colonizaram ao Tibete, Babilónia, Grécia, Índia, etc. Não há dúvida de que a linguagem ritual do Kabir Jesus foi maia.

Isto tudo pode explicar-se integralmente graças ao tronco Atlante, comum aos povos americanos e mediterrâneo-semitas.

As tribos de Anahuac, como todas as outras tribos de Indo-américa, vieram da Atlântida e jamais do Norte como supõem sempre alguns ignorantes ilustrados.

Aqueles ignorantes que enfatizam a idéia de que as tribos da Indo-américa vieram do Continente Asiático passando pelo famoso Estreito de Bering estão absolutamente equivocados, porque nem no Alaska nem muito menos no mencionado estreito, existe o menor vestígio da passagem da Raça humana por aí.



CAPÍTULO VIII

A SERPENTE SAGRADA

Nas Doutrinas religiosas dos gnósticos é onde pode ver-se melhor o verdadeiro significado do Dragão (Lúcifer), da Serpente, do Cabrito e de todos esses símbolos dos poderes chamados agora de Mal.

Jesus, o Grande Kabir, jamais aconselhou a seus discípulos que se mostrassem tão sábios como a Serpente se esta tivesse sido um símbolo do Demônio; nem tampouco os Ofitas, os sábios gnósticos egípcios da Fraternidade da Serpente, teriam reverenciado a uma cobra viva em suas cerimônias como emblema da Sabedoria, a Divina Sophia.

A Serpente asteca aparece infalivelmente em situações insólitas que transtornam completamente seu determinismo orgânico: a cauda, substituída por uma segunda cabeça em atitudes extraordinárias, que ao levantar-se, por cima do lodo da terra, serve de base para o desenvolvimento ígneo.

Continuamente, o corpo da Víbora nas culturas de Anahuac, encontra-se modificado por uma ação inusitada, que imprime uma mudança radical em sua natureza original.

Ora seja a dupla cabeça que recorda com inteira claridade à figura em círculo, naquele transe Gnóstico de devorar sua própria cauda, que é uma síntese extraordinária da mensagem maravilhosa do Senhor Quetzalcoatl; ora na posição vertical que ilustra a idéia Maia ou Nahuatl da Víbora divina, devorando-se à Alma e ao Espírito do homem ou, enfim, as chamas sexuais consumindo ao Ego animal, aniquilando-o, reduzindo-o à cinzas.

A serpente ou Logos salvador inspira ao homem para que reconheça sua identidade com o Logos e assim retorne à sua própria Essência, que é esse Logos.

As águas do Abismo engendraram um vento impetuoso (similarmente, a Serpente com seu assobio); este levantou às águas que chegaram a entrar em contato com o Espírito e com a Luz. E a Serpente invadiu a matéria caótica e engendrou ao homem, mescla assim dos três princípios.

O único pensamento da Luz superior é poder recuperar as suas partículas perdidas.

E como a Matriz caótica quer e conhece só à Serpente, o Logos luminoso tomou sua forma para resgatar à Luz fundida nas trevas; para isso o Homem Perfeito descendeu ao seio de uma Virgem, e não só sofreu conhecendo os mistérios vergonhosos da matriz, mas também depois se levantou e bebeu da taça da água viva, que deve beber todo aquele que queira despojar-se da forma de escravo e trajar a vestimenta celeste.

A Serpente sagrada, ou Logos Salvador, dorme enrolada no fundo da Arca, em espreita mística, aguardando o instante de ser despertada.

Quem estuda Fisiologia esotérica ao Nahuatl ou ao Hindustão, enfatiza a idéia transcendental de um centro magnético maravilhoso, localizado na base da coluna vertebral a uma distância média entre o orifício anal e os órgãos sexuais.

No centro do chakra há um quadrado amarelo invisível para os olhos da carne, mas perceptível para a clarividência ou sexto sentido; tal quadrado representa, segundo os hindus, ao elemento terra.

Nos disse, que dentro do chamado quadrado existe um Yoni ou Útero, e que no centro do mesmo se encontra um Lingam ou Phalus erótico no qual se encontra enroscada a serpente, misteriosa energia psíquica chamada Kundalini.

Os Textos tântricos da Ásia descrevem ao Kundalini assim: "Luminosa como o relâmpago, brilhando no buraco deste lótus (ou centro magnético) como uma cadeia de luzes brilhantes".

A estrutura esotérica de tal Centro magnético, assim como sua posição insólita entre os órgãos sexuais e o ânus, conferem sólidos e irrefutáveis fundamentos às Escolas Tântricas da Índia e do Tibete.

É inquestionável que só mediante o Sahaja-Maithuna (magia sexual) pode ser despertada a Serpente.

É visível, que quando a Víbora sagrada desperta para iniciar sua marcha com o passar do canal medular espinhal do organismo humano, emite um som misterioso, muito similar ao de qualquer cobra açulada com um pedaço de pau.

Indubitavelmente, a Serpente dos grandes Mistérios é o aspecto feminino do Logos, Deus-Mãe, a Esposa de Shiva, Ísis, Adonia, Tonantzin, Rea, Maria ou melhor, diríamos, Ram-lo, Cibeles, Ops, Der, Flora, Paula, Io, Aka, a Grande Mãe em sânscrito, a Deusa dos Lha, Lares ou Espíritos daqui de baixo, a angustiada Mãe de Huitzilopochtli, a Ak ou Deusa Branca em turco, a Minerva calcídica dos Mistérios Iniciáticos, a Aka-Bolzub do Templo lunar de Chichen-Itzá (Yucatán), etc., etc., etc.

Ainda conservamos um eco perdido dos Mistérios antigos no cruzeiro ou planta transversal das Igrejas mais gloriosas, tais como a de São Paulo em Roma, em vez da primitiva forma de nave (a nave ou arca salvadora do Dilúvio Universal ou catástrofe Atlante, em que atracaram aos atuais continentes todos os Noés, Quetzalcoatl, Xixuthros e Deucaliones). E por isso também como lugar sagrado no lar, chamou-se "calcídico" ao corredor interior que separava às demais habitações, na casa grega, das consagradas aos hóspedes, como pode ver-se no Vitrubio, no Procopio (Do Aedificationem), no Becchi (Det Calcidio e della Cripta dava Eumachia) e em outros tratados de construção, onde se faça história deste cruzeiro ou efetiva e simbólica Tau dos deveres que a hospitalidade impunha entre os homens.

A inserção do Phalo vertical dentro do Útero formal forma Cruz, e isto é algo que qualquer um pode verificar.

Se refletirmos muito seriamente nessa íntima relação existente entre o 'S' e o Tau, Cruz ou 'T', chegamos à lógica conclusão de que só mediante o cruzamento do Lingam-Yoni (Phalo-Útero), com exclusão radical do orgasmo fisiológico, pode despertar o Kundalini, a Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes.

Os raios do Zeus tempestuoso, que amontoa as nuvens, que fazem tremer ao Olimpo e semeiam o terror entre esta pobre humanidade doente, formam Cruz.

O Fogo celeste e o Fogo terrestre, o Fohat potencial ou virtual que compõe ou desagrega, engendra ou mata, vivifica ou desorganiza, formam Cruz.

Filho do Sol que o gera, servidor do homem que o libera e o mantém, o Fogo divino caído, decadente, aprisionado na matéria, determina revoluções insólitas, extraordinárias, e dirige sua redenção. É Jesus em sua Cruz, imagem maravilhosa da radiação ígnea encarnada em toda a Natureza.

É o Agnus imolado da Aurora do Grande Dia, e é, também, o famoso Huehuateotl, o Deus Velho do Fogo, o qual se representa na antiga cultura teotihuacana como um ancião carregado de anos e que suporta sobre sua cabeça milenar um enorme braseiro.

Inquestionavelmente, o Deus do Fogo sexual representa a uma das mais antigas tradições dos povos Maia e Nahuatl, é a Deidade do centro em relação direta com os quatro pontos cardeais da Terra, assim como o braseiro sagrado para acender a fogueira no centro da morada e do Templo asteca. Por isso, é muito normal ver nos Hierofantes do Deus da Chama a mística figura da Santa Cruz, que também se encontra ornando os incensários chamados Tlemaitl -mãos de fogo- com que os Sacerdotes incensavam aos Deuses Santos.

Inquestionavelmente, um Deus tão antigo como este, muito similar a Agni, o deiduso védico do fogo, tem também muito variadas advocações. Chama-lhe Xiuhtecuhtli, cujo profundo significado é: Senhor do Ano, Senhor da Erva, Senhor da Turquesa, já que essa palavra, Xihuitl, com uma pronúncia um pouco variada, inquestionavelmente significa estas três coisas, e, se vê nos diversos panteões da Meso-América sob esta invocação.

Representado tal deiduso assim, de modo algum resulta estranho que leve em sua cabeça uma espécie de mitra azul, formada inteligentemente por um precioso mosaico de turquesas, que era característica muito especial dos poderosos Reis da grande Civilização mexicana.

Seu Nahuatl ou disfarce esotérico é a Xiucoatl, ou seja, a Serpente de Fogo (Kundalini), que se caracteriza porque leva exatamente sobre o nariz um precioso corno decorado com sete estrelas inefáveis.

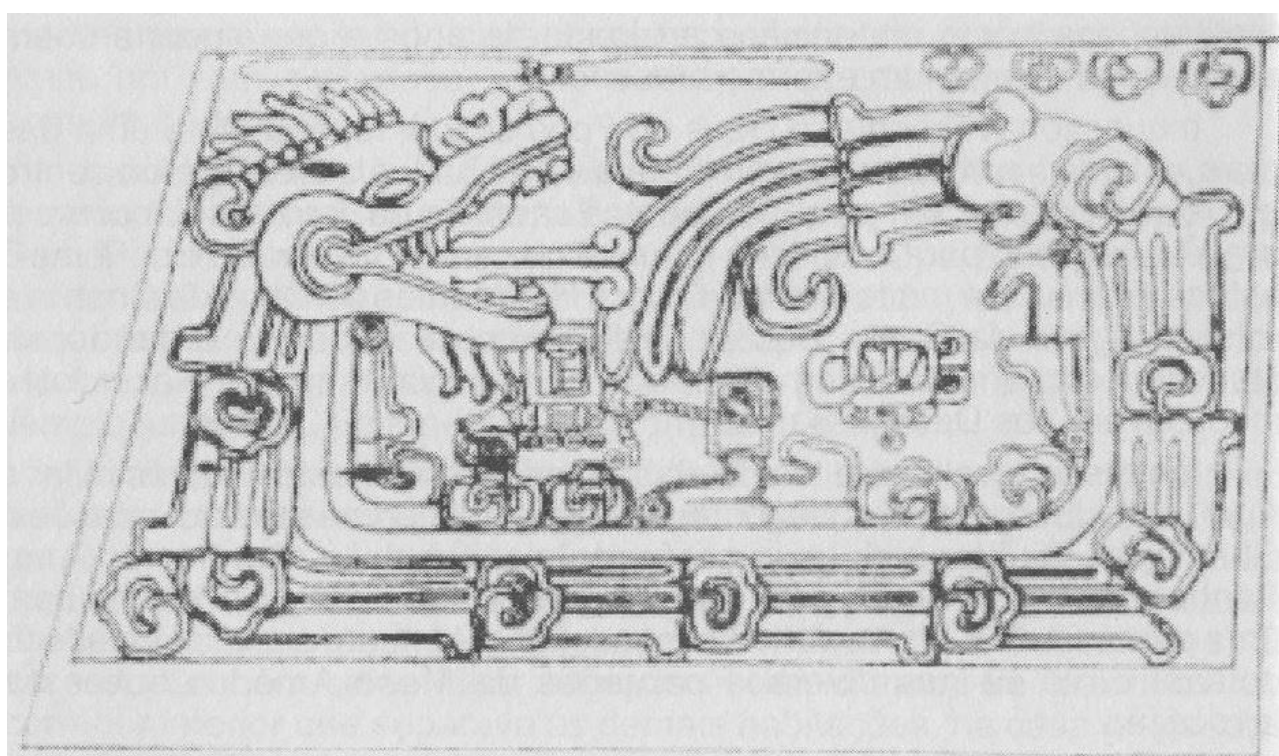
Na concepção nahua e maia, a swástica sagrada dos grandes Mistérios esteve sempre definida como a cruz em movimento; é o Nahui Ollin Nahuatl, símbolo sagrado do Movimento Cósmico.

As duas orientações possíveis da swástica representam claramente aos princípios masculino e feminino, positivo e negativo da natureza.

Duas swásticas em uma e outra direção, exatamente superpostas, formam indubitavelmente a Cruz potenziada, e neste sentido representam à conjunção erótica dos dois sexos.

Segundo a lenda asteca, foi um casal, um homem e uma mulher, os que inventaram o Fogo, e isto só é possível com a Cruz em movimento.

INRI, Ignis Natura Renovatur Integram (O fogo renova incessantemente à Natureza).



CAPÍTULO IX

A CRUZ DE SANTO ANDRÉ

André, o eremita, pescador humilde, servia ao Christus João quando então se converteu em discípulo do grande Kabir Jesus.

O Crístico Evangelho da Humanidade Solar nos diz, em efeito, que ao iniciar o Grande Ser sua esotérica missão foi a Cafarnaum, cidade marítima da Galiléia, da qual o Profeta Isaías tinha dito: "O Povo que jazia nas trevas viu uma grande luz, aos que jaziam na região sombria da morte surgiu uma luz". (Mateus IV, 16)

Indo então o Logos Solar pela ribeira do mar, do lago, tomou como primeiros discípulos aos pescadores Pedro e André, "para fazê-los pescadores de homens". (Mateus IV, 19)

André assistiu a Jesus, o grande Sacerdote Gnóstico, na milagrosa pesca do lago Genesareth ou Jainesareth - o simbólico lago Jinas - onde o Fogo sagrado realizou tantos milagres.

Escritas estão, com palavras de ouro no Livro da Vida, várias ressurreições e milagres realizados por André depois da morte do grande Kabir.

Diz a lenda dos séculos que em Nicea, esquerdos, tenebrosos e sinistros, rondavam por aí sete demónios que assassinavam aos viajantes. Ante o veredicto solene da opinião pública, André, depois de convertê-los em cães, expulsou-lhes de todos esses contornos.

O extraordinário suplício de André, cheio de enigmas e prodígios, fez muito célebre à Cruz em X, sobre a qual, de forma desumana haviam atado seus membros separados.

Indubitavelmente, e sem exagero alguma, podemos e devemos afirmar solenemente que este X simbólico, que é certamente um K grego, foi, é e será sempre, um dos símbolos mais valiosos do esoterismo Crístico.

Muitas Irmandades místicas adotaram o mágico signo de André. X - Krestos-, o Peixe, etc.

Ostensivelmente, André foi especificamente aceito pelas esotéricas Fraternidades da Escócia. Não está demais, nesta Mensagem de Natal 1974-1975, afirmar de forma enfática que tais Instituições têm o "Cardo" como planta simbólica, e isso está demonstrado.

Inquestionavelmente, na Escócia existiram, durante muitos séculos, as diversas Fraternidades Ocultistas; de Santo André do Cardo.

Existiram, na Escócia, durante muitos séculos, diferentes Fraternidades Ocultistas de Santo André do Cardo.

Repetiu-se muitas vezes que homens extraordinários: Thomas de Kempis, Geber, Raimundo, Nicolas Flamel, Sendivogius, Alberto o Grande, Santo Tomás de Aquino, Wigelius, Roger Bacon, Mathia Kornax, Paracelso, Arnaldo de Villanova e muitos outros, foram membros ativos de Fraternidades similares.

Se o imaculado Cordeiro de Deus, que apaga os pecados do mundo, carrega a simbólica Cruz sobre seu Oriflame, como o Hierofante Jesus sobre suas ensangüentadas costas, sustentando-a corajosamente com o pé, tal como se vê em algumas imagens religiosas, é porque tem o signo sagrado encravado vivamente no mesmo pé.

Aqueles que recebem ao Espírito inefável do Fohat sagrado, que o levam em si e que são devidamente marcados por seu signo glorioso, certamente, e em nome da verdade, diremos que nada têm que temer do fogo elemental.

Estes são os autênticos Filhos do Sol, os verdadeiros discípulos de Hélios, que têm por guia o Astro de seus antepassados.

O signo da Cruz, sublime monograma do Cristo nosso Senhor, do que a Cruz de São André e a milagrosa Chave de São Pedro, são duas réplicas maravilhosas de igual valor alquimista e kabalista, é, pois, a marca capaz de assegurar a Vitória aos Trabalhadores da Grande Obra.

No cruzamento central da Cruz de Palenque está colocada a Árvore da Vida da Kabala hebraica; este é um verdadeiro prodígio do antigo México.

Indubitavelmente, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal e a Árvore da Vida compartilham suas raízes.

Não esqueçamos jamais que, ao redor da resplandecente Cruz vista no mundo astral por Constantino, apareceram aquelas palavras proféticas que então contente fizesse pintar em seu labarum: "In hoc signo vinces", "Vencerás por este sinal".

A Cruz sexual - símbolo vivente do cruzamento do Lingam-Yoni - tem o rastro inconfundível e maravilhoso dos três pregos que se empregaram para imolar ao Cristo-matéria, imagem das três purificações pelo ferro e pelo fogo, sem as quais o Senhor Quetzalcoatl no México não teria podido obter a ressurreição.

A Cruz é o hieróglifo antigo, alquímico, do Crisol (Creuset), ao que antes se chamava em francês cruzol, crucible, croiset.

Em latim, crucibulum, crisol, tinha por raiz, crux, crucis, cruz. É evidente que tudo isto nos convida à reflexão.

É no crisol onde a matéria-prima da Grande Obra sofre com infinita paciência a Paixão do Senhor.

No erótico crisol da Alquimia sexual morre o Ego e renasce a Ave Fênix dentre suas próprias cinzas.

INRI, In Regis Renascor Integer. Na morte renascer intacto e puro.

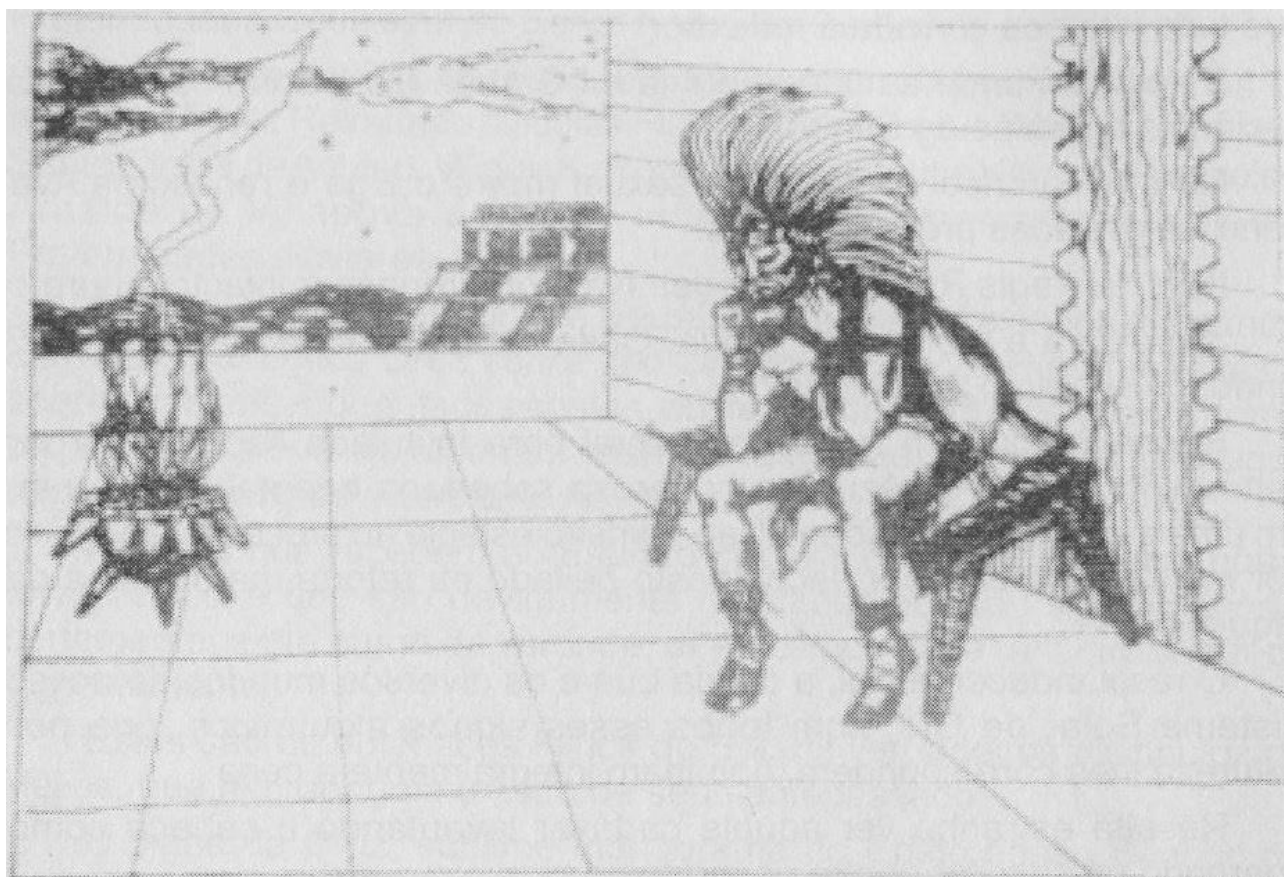
"Sórdida é a morte com vitória. Onde está, oh morte, teu agulhão? Onde, oh sepulcro, tua vitória?"

Roger Bacon, em sua monumental obra intitulada Azoth (livro por certo muito similar ao Azug da poderosa sabedoria oriental) apresenta, em uma gravura transcendental, ao primeiro estágio do processo alquímico por meio de um cadáver decomposto deitado na retorta maravilhosa da Alquimia.

O resplandecente Sol, a pálida Lua e os diversos mundos de nosso Sistema Solar de Ors, com todos esses signos alquímicos, que por natureza lhes correspondem, dominam integralmente a cena.

Resulta estranho ver aquele cadáver levantando a cabeça como querendo ressuscitar dentre os mortos.





O negro corvo da Alquimia Sexual separa a carne dos ossos, enquanto a Essência anímica abandona o corpo.

Esta imagem do profano morto, ressuscitando logo à Iniciação, ao Real, é, fora de toda dúvida e sem rodeios, um símbolo Osírico extraordinário.

"A carne abandona os ossos". Litúrgica frase das Fraternidades de São André do Cardo e similares.

Aniquilação do querido Ego no Laboratorium Oratorium do Terceiro Logos é o profundo significado das torturas de André na terrível X.

Terrificante morte indispensável, que jamais poderia realizar-se com nenhum fogo vulgar.

Obviamente e sem nenhuma arte, para este trabalho se requer a ajuda extra de um agente oculto, de um fogo secreto de tipo sexual, o qual, para dar uma idéia de sua forma, parece-se mais a uma água que a uma chama.

Este fogo, ou esta água ardente é a faísca vital comunicada pelo Logos à matéria inerte, é o Fohat divino encerrado em todo o criado, o Raio ígneo, o Kundalini, a Serpente sagrada da Sabedoria de Anahuac, subindo pelo canal medular espinhal do Adepto.

Conexão do Lingam-Yoni sem ejaculação do Ens Seminis é, certamente, a chave específica mediante a qual, Adão e Eva podem despertar a Serpente de Saturno em sua anatomia oculta.

Inquestionavelmente, a leitura muito atenta do Artephius de Pontano e da obra intitulada Epístola do Igne Philosophorum, resulta muito oportuna porque nessas páginas imortais o leitor poderá encontrar valiosas indicações sobre a natureza e as características completas deste "Fogo aquoso" ou desta "Água ígnea".

Nos empedrados pátios dos augustos e sagrados Templos de Anahuac, os candidatos à Iniciação humana e solar, homens e mulheres, em mútuo intercâmbio de carícias, realizavam a conexão do Lingam-Yoni, retirando-se logo do coito químico sem ejacular o Ens Seminis (a entidade do sêmen). Assim obtinham o despertar da saturnina Serpente.

A transmutação sexual do Ens Seminis em energia criadora é certamente o axioma fundamental da Ciência Hermética.

A bipolarização deste tipo extraordinário de energia, dentro do organismo humano foi, nos antigos tempos, analisada muito cuidadosamente nos Colégios Iniciáticos do México, Peru, Egito, Yucatán, Grécia, Índia, Tibete, Fenícia, Pérsia, Caldéia, Tróia, Cartago, etc., etc., etc.

A ascensão milagrosa da energia seminal até o cérebro se faz possível graças a certo par de cordões nervosos, que em forma de oito se desenvolvem a direita e a esquerda da espinha dorsal.

Na Filosofia chinesa, este par de cordões são conhecidos com os nomes de Yin e Yang, sendo o Tao o sendeiro do meio, o canal medular, a via secreta por onde ascende a cobra.

É óbvio que o primeiro destes canais é de natureza lunar; é visível que o segundo é de tipo solar.

Quando os átomos lunares e solares fazem contato no Tribeni, próximo do cóccix, desperta a Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes.

Os kabalistas hebreus nos falam do misterioso Daath que aparece na Árvore da Vida, ao qual nunca lhe atribui nem nome divino, nem hoste Angélica de nenhuma espécie, e que tampouco tem nenhum signo mundano, planeta ou elemento.

Daath, o Sephirote secreto do mistério hebreu, produz-se pela conjunção de Abba, o Pai que está em segredo, e de Ama, a Mãe suprema.

O Pai e a Mãe, Osíris e Ísis, estão perpetuamente unidos em Jesod, o fundamento, o nono Sephirote, o sexo, mas ocultos pelo mistério de Daath ou conhecimento Tântrico, o qual se processa com o Sahaja Maithuna (magia sexual).

Entre estes dois aspectos bipolares da Criação - nosso Pai que esta em segredo e nossa Divina Mãe Kundalini - vai tecendo e destecendo o Tear da Vida.

Conta a lenda dos séculos que, quando Seleme, a mãe de Dionísio viu a Zeus, seu divino amante, em forma divina como o raio, ela se queimou e estalou dando nascimento a seu filho prematuramente.

Certamente, ninguém pode ver Deus face a face sem morrer. A morte do mim mesmo, do si mesmo, é indispensável antes de poder contemplar a face resplandecente do Ancião dos Dias.

Assim como a vida representa um processo de gradual e sempre mais completa exteriorização, ou extroversão, igualmente a morte do Ego é um processo de interiorização gradativa no que a consciência individual, a Essência pura, despoja-se lentamente de suas inúteis vestimentas, igual a Ishtar em sua simbólica descida, até ficar inteiramente nua e desperta em si mesma diante da Grande Realidade da Vida livre em seu movimento.

Indubitavelmente, para que a Luz, que constitui a Essência anímica, engarrafada agora entre o Ego animal, comece a brilhar, cintilar e resplandecer deve liberar-se. Mas em verdade lhes digo que isto só é possível passando pela terrível Aniquilação Budhista: dissolvendo ao Eu, morrendo em si mesmos.

A energia sexual é certamente um poder tremendo, explosivo em alto grau, maravilhoso. Aquele que aprenda a usar a arma erótica, a Lança dos pactos mágicos, poderá reduzir à poeira cósmica ao Eu da Psicologia.

Não está demais afirmar solenemente, que a lança como emblema ocultista da força sexual, viril, desempenha um grande papel em numerosas lendas orientais por ser o instrumento de salvação e de liberação, que brandida inteligentemente pelo asceta Gnóstico, lhe permite reduzir à cinzas a todo esse conjunto de elementos indesejáveis que formam ao Ego, ao mim Mesmo, ao si mesmo.

Longibus, na paixão de nosso Senhor, o Cristo, desempenha o mesmo papel esotérico que São Miguel e São Jorge. Inquestionavelmente, Cadmo Perseu e Jasão, fazem ofício similar entre os pagãos.

Transpassar ao Dragão ou atravessar com uma lançada o flanco do Cristo, tal qual os Cavaleiros celestes ou os Heróis gregos, costuma ser algo profundamente significativo.

A Cruz de São André e a lança santa alegorizam integralmente a todo o trabalho da Aniquilação Budhista.

E ao citar com profunda veneração à Cruz de São André e à Lança Santa, jamais cometeríamos o erro imperdoável de esquecer ao Santo Graal.

As crateras sagradas de todas as religiões representam ao órgão sexual feminino da geração e também da regeneração, e que corresponde certamente ao Copo cosmogônico de Platão, à Taça de Hermes e de Salomão e à Urna bendita dos antigos mistérios.

A mãe de nossa carne ou a mulher da serpente é célebre nas tradições mexicanas, que a representam caída de seu estado primitivo de felicidade e de inocência.

Segundo os livros do Zoroastro, o primeiro homem e a primeira mulher foram criados puros e submetidos a Ormus, seu Criador. Arimán os viu e se sentiu ciumento de sua felicidade. Abordou-os na forma de cobra, presenteou-os com alguns frutos e os convenceu de que era ele mesmo o criador do universo inteiro. Acreditaram-lhe, e após sua natureza se corrompeu totalmente.

Os monumentos e as tradições dos hindus confirmam a história de Adão e Eva e de sua queda. Esta tradição existe deste modo entre os budhistas tibetanos e era ensinada pelos chineses e os antigos persas.

O pecado original é, pois, a raiz do Ego, a Causa Causorum do mim Mesmo, do si mesmo.

As expiações que se celebravam entre diversos povos para purificar ao menino a sua entrada nesta vida constituem de fato um pacto de magia sexual.

Em Yucatán, México, levava-se o menino ao templo, onde o Sacerdote derramava sobre sua cabeça a água destinada ao batismo e lhe dava um nome. Nas Canárias, as mulheres desempenhavam esta função no lugar dos sacerdotes.

Adão e Eva aparecem sempre separados pelo tronco da árvore paradisíaca. Na maioria dos casos, a serpente, enrolada em torno daquele, representa-se com cabeça humana.

Só mediante o pleno cumprimento do pacto mágico-sexual do Sacramento do Batismo é possível aniquilar ao pecado original para retornar ao Paraíso.

Jachin e Boaz, Urim e Thumim, Apolo e Diana, são certamente as duas colunas torais do Templo da Sabedoria.

Em meio das duas colunas do Templo se encontra o Arcano A.Z.F., a chave da Grande Obra.

Goethe, adorando a sua Divina Mãe Kundalini, a Serpente sagrada que sobe pelo sendeiro Tao (a medula espinhal), exclamava cheio de êxtase:

"Virgem pura no mais belo sentido,
Mãe digna de veneração,
Rainha escolhida por nós
E de condição igual aos Deuses..."

Desejando morrer em si mesmo, aqui e agora, aquele grande Iniciado, durante a cópula metafísica, depois de ter compreendido de forma íntegra qualquer erro psicológico, gritava com todas as forças de sua Alma:

"Flechas, transpassai-me;
Lanças, subjugai-me;
Clavas, feri-me.
Tudo desapareça,
Desvaneça-se tudo.
Brilhe a estrela perene,
Foco do eterno amor".

Compreender e eliminar, eis aí a chave da Cruz de Si ato André. Assim é como vamos morrendo de instante em instante...

Não é possível eliminar radicalmente um defeito psicológico sem antes havê-lo compreendido integralmente em todos os níveis da mente.

Durante o coito químico, Devi Kundalini, nossa Mãe Cósmica particular, individual, pode e deve empunhar a Lança Santa, a Haste de Minerva, a Lança de Aquiles, a Arma de Longibus, para destruir ao defeito psicológico que realmente tenhamos compreendido.

"Pedi e se vos dará, batei e se vos abrirá."

Diz a lenda dos séculos que o Senhor Quetzalcoatl em vespas de sua queda, dizia: "Minhas casas de ricas plumas, minhas de casas de caracóis, dizem que eu tenho que deixar".

"Cheio então de alegria, mandou trazer a rainha, a esteira preciosa."

"-Vão e tragam com vós à rainha Quetzalpetatl (a Eva da Mitologia hebraica), a que é deleite de minha vida, para que juntos bebamos, bebamos até nos embriagar".

"Foram os pajens até o Palácio de Tlamachuayan e dali trouxeram a rainha."

"-Senhora rainha, minha filha, manda-nos o rei Quetzalcoatl que lhe levemos a ele, quer que com ele gozes".

"Ela lhes responde: -Irei".

"Quando Quetzalpetatl chegou, sentar-se junto ao rei; deram-lhe de beber quatro vezes e a quinta em honra de sua grandeza."

"E quando estava embriagada, os magos começaram a cantar e se levantou hesitante o mesmo rei Quetzalcoatl e disse à princesa em meio de cantos: -Esposa, gozemos bebendo deste licor." (Refere-se ao licor da luxúria.)

"Como estavam embriagados nada falavam já em razão". (O luxurioso não entende razões.)

"Já não fez o rei penitência, já não foi ao banho ritual, tampouco foi orar ao templo. Ao fim o sonho lhes rende. E ao despertar no outro dia, os dois ficaram tristes, lhes oprimiu o coração".

(Na Mitologia hebraica se diz que Adão e Eva também ficaram muito tristes depois de ter comido do fruto proibido e foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus, então costuraram folhas de figueira e se fizeram aventais.)

"Disse então Quetzalcoatl: -Embriaguei-me, delinqüi. Nada poderá já tirar a mancha que joguei em mim. Então com seus guardiões ficou a cantar um canto. À multidão que esperava fora, lhe fez esperar mais"

"Mortificado, choroso, cheio de pena e angústia, ao ver que seus maus feitos já eram conhecidos e sem que ninguém o consolasse, ante seu Deus ficou a chorar."

(Isto é textual do épico Nahuatl e nos convida a meditar.)

O que a seguir prossegue é fácil de inferir se lermos os seguintes versículos da Bíblia hebraica:

"E o tirou Jehová do horto do Éden, para que lavrasse a terra de que foi tomado."
"Jogou, pois, fora ao homem, e pôs ao oriente do horto do Éden Querubins, e uma espada acesa que se revolia por todos os lados, para guardar o caminho da Árvore da Vida."
(Gênes 3, 23-24)

A fuga de Quetzalcoatl, sua saída misteriosa de Tula paradisíaca, resulta certamente insólita, inusitada...

Dizem que então queimou todas as suas casas de ouro e prata e de conchas vermelhas e todos os primores da arte Tolteca.

"Obras de arte maravilhosas, obras de arte preciosas e belas, tudo o enterrou, tudo o deixou escondido lá em lugares secretos, ou dentro das montanhas ou dentro das ravinas."

"Riquíssimo tesouro inesgotável que posteriormente teve que procurar e encontrar. Riqueza esotérica escondida entre as entranhas da terra".

Místicos parágrafos de Anahuac que sabiamente traduzidos em termos gnósticos e alquimistas resultam superlativos.

Redução metálica do Ouro espiritual é a seqüência ou corolário inevitável de toda queda sexual.

Quando se faz alusão às Obras de arte maravilhosas, às Obras de arte preciosas e belas, convém então que estudemos, entre linhas, a grande Epístola Universal de Santiago, o bendito Patrão da Grande Obra. (Veja-se a Bíblia hebraica)

Enoch encontrou o Tesouro escondido e imperecível entre as montanhas viventes do monte Mória. Cada um de nós deve procurar sua Herança perdida.

O Tesouro jamais se encontra na superfície da Terra, é necessário descender ao Inferno para encontrá-lo.

"Visita Interiora Terrae Rectificatur Invenies Occultum Lapidum". (Visita o interior da terra que retificando encontrarás a Pedra Oculta.)

Indubitavelmente, a Pedra Filosofal e todas essas Gemas preciosas da Jerusalém Celestial, simbolizando virtudes e poderes cósmicos transcendentais, constituem o Tesouro de Quetzalcoatl, nossa riqueza íntima particular, que deixamos escondida ao sair do Éden e que devemos procurar dentro de nós mesmos aqui e agora.

Ante a Arvore da Velhice, o Senhor viu sua face, e cheio de infinita dor disse: "Velho sou".

"Chegou outra vez a outro lugar e ficou a descansar, sentou-se sobre uma pedra e nela apoiou as mãos. Ficou olhando a Tula e com isto pôs-se a chorar".

"Chorava com grandes soluços, duplo fio de gotas tal qual granizo escorriam. Por seu semblante rodaram as gotas e com suas lágrimas a rocha perfurou. As gotas de seu pranto que caíam, à própria pedra brocaram."

"As mãos que na rocha tinha apoiado, bem impressas ficaram na rocha, como se a rocha fora de lodo e nela imprimisse suas mãos. Igualmente sua nádegas, na pedra em

que estava sentado bem marcadas e impressas ficaram. Ainda se olham os buracos de suas mãos lá onde se chama Temacpalco.

Em realidade, *Stricto Sensu*, na rocha, na pedra, no Sexo, subjaz escondida a eletricidade sexual transcendente que pode tanto escravizar como liberar o homem.

Estas notas definitórias nos convidam à reflexão... O fenômeno Quetzalcoatlano resulta sempre assombroso e de atualidade palpitante.

Certamente, não estamos fazendo elucidações semânticas, só queremos comentar a Mensagem Quetzalcoatlana pela via fenomenológica.

Dizem que o Bendito, depois de ter sofrido muito, chegou a um local que se chama Ponte de Pedra.

"Água há neste lugar (o *Ens Seminis*), água que se eleva brotando, água que se estende e difunde".

Os antropólogos modernos interpretaram de forma dissímil e despreparada, errônea, nada sabem sobre o esoterismo de Anahuac. Desconhecem o sentido religioso destes cantos.

Embora isto pareça in toto alheio ao Gnosticismo, no fundo não o é e devemos pôr grande ênfase no seguinte:

"O Bem-aventurado voltou para o caminho que outrora tinha abandonado."

Dizem que arrancou uma rocha e fez uma ponte e por ele passou à outra borda. Assim foi como o grande Avatara dos astecas reatou seu caminho e chegou a um lugar que se chama "Água de Serpentes".

Os autores árabes dão a esta fonte o nome de Holmat e nos ensinam, além disso, que suas águas deram a imortalidade ao profeta Elias. Situam a famosa fonte no Modhallan, termo cuja raiz significa "mar escuro e tenebroso", indicando com isto ao "caos metálico", esperma sagrado ou matéria-prima da Grande Obra.

Este conhecimento escapa às normais análises racionalistas. Trata-se de ensinamentos de tipo Supra-racional, que só pode ser apreendido, capturado, mediante o auxílio de um Guru.

O *Servus Fugitivus* que nos faz falta é uma "água mineral e metálica" sólida e cortante, com o aspecto de uma pedra e de fácil liquefação.

Esta água coagulada em forma de massa pétrea é o Alkaest, o dissolvente universal, a Água de Serpentes, a Alma metálica do esperma sagrado, o Mercúrio da Filosofia Secreta, resultante maravilhosa da transmutação sexual.

Os sábios se mostraram sempre muito reservados com relação ao Mercúrio filosófico, cujas fases sucessivas o operador inteligente pode dirigir a seu gosto.

Se a técnica reclamar certo tempo e demanda algum esforço, como contrapartida é de uma extremada simplicidade. Não requer perícia alguma nem habilidade profissional, senão só o conhecimento de um curioso artifício que constitui esse *Secretum Secretorum* que nós, os gnósticos, havemos já divulgado publicamente: conexão do *Lingam-Yoni* (Phalo-Útero) sem derramar jamais na vida o Vaso de Hermes.

Karl Meagh diz: "Quando no período da tensão muscular e antes da inversão das correntes, surge a sensação da ejaculação iminente, o fluido seminal será detido jogando a língua tão atrás como é possível e contendo a respiração.

"Recomenda-se, também, a contração dos músculos do ânus como se estivesse praticando o exercício de concentração sobre o chakra Mulhadara".

A "Alma metálica" do esperma é o Hermes, o Mercúrio tintóreo que leva em si ao "ouro místico", da mesma maneira que São Cristovão leva a Jesus e o Cordeiro seu próprio toso.

Foi assim, mediante o Mercúrio da Filosofia secreta, como o bem-aventurado Senhor Quetzalcoatl regenerou ao Ouro em sua Alma e em seu Espírito e nos corpos existenciais superiores do Ser.

Inutilmente tentam os tenebrosos fazer com que o Bendito retorne ao passado pecaminoso.

"-Não me é agora possível retornar -responde o Senhor-, devo ir."

"-Onde irá Quetzalcoatl?"

"-Vou -disse-lhes- à Terra da cor vermelha, vou adquirir saber."

"Eles lhe dizem: -E ali o que farás?"

"-Eu vou a chamado, o Sol me chama.

"-Muito bem está, deixa então a cultura Tolteca."

"E o Bendito jogou na água seus bens materiais -as coisas ilusórias deste mundo-, seus colares de gemas que ao momento se afundaram."

Desde aquele tempo se chama aquele lugar "Água de Ricas Jóias".

"Avança um ponto mais, chega a outro local que se chama "Lugar aonde dormem". (o Orco dos clássicos, o Limbus dos cristãos, aqui e lá o sonho da consciência neste Vale de lágrimas.)"

"Ali sai a seu encontro um adepto da mão esquerda e lhe diz: -Aonde vais?"

O Bendito respondeu: "-Vou à Terra da cor vermelha, vou adquirir Sabedoria."

"-Muito bem, bebe este vinho do esquecimento, eu vim trazê-lo para ti."

"-Não, não posso, nem sequer posso um pouco provar."

"-À força terás que beber. Tampouco eu posso te deixar passar, nem permito que siga teu caminho sem que bebas. Eu tenho que te fazer beber e ainda te embriagar. Bebe, pois!"

"Então Quetzalcoatl com uma Copa -pois era um Boddhisattwa caído- bebeu vinho."

"E uma vez que bebeu, caiu rendido no caminho, começou a roncar em seu sonho (durante muitas reencarnações, passando por inexprimíveis amarguras) e seu ronco se ouvia ressonar desde muito longe, quando ao fim (despertou consciência novamente)

olhava a um lado e a outro, olhava-se a si mesmo e se alisava o cabelo. Desta razão o nome daquele sítio. "Lugar aonde dormem".

"De novo empreendeu a viagem, chegou ao topo que está entre o Monte Fumegante que simboliza ao Lingam e à Mulher Branca que simboliza ao Yoni- e ali, sobre ele e sobre seus acompanhantes que consigo levava, seus bufões, seus aleijados -seus agregados psíquicos ou elementos desumanos-, caiu a neve e todos congelados ficaram mortos.

"Que a carne abandone os ossos", exclamavam os velhos alquimistas medievais durante o coito químico.

Esotéricos tormentos das Fraternidades de Santo André do Cardo. Indubitavelmente, a Cruz em X é o símbolo maravilhoso da morte de todos esses elementos desumanos que em seu conjunto constituem o Ego, o Eu.

Alegórico suplício de São André, torturas espantosas na Nona Esfera (região do sexo), remorsos, Aniquilação Budhista.

Só é possível criar o Ouro do Espírito, ou regenerá-lo, aniquilando todos esses bufões, entrevados, agregados psíquicos, que personificam nossos defeitos.

O Bendito já cantava, já chorava, e trabalhava com infinita paciência na Forja dos Ciclopes (o sexo).

"Longamente chorou, e de seu peito lançava profundos suspiros. Fixou a vista na Montanha Matizada - a Montanha da Ressurreição - e a ela se encaminhou. Por toda parte ia fazendo prodígios e deixando sinais maravilhosos de sua passagem. (Como outrora os fez o grande Kabir Jesus na Terra Santa.)"

"Ao chegar à praia, fez uma armação de serpentes -pois tinha obtido o desenvolvimento completo dos sete graus de poder do fogo - e uma vez formada -completa - sentou-se sobre ela e se serviu dela como de um navio."

Isto recorda ao Gautama, o Budha, sentado sobre uma Serpente ao pé da Árvore Bhodi, a Figueira extraordinária, símbolo magnífico da potência sexual.

Chovia e a água formando poça, charco, ameaçava lhe afogar, mas Gautama sentado sobre a cobra se serve dela como um navio.

As constantes que podemos extrair de diversos textos nos falam da Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes, o aspecto feminino do Binah hebraico, a Esposa do Shiva, o Terceiro Logos, o Espírito Santo. Nossa Mãe cósmica particular, que mediante a eliminação dos elementos desumanos que levamos dentro, salva-nos das águas tormentosas da vida.

"O bendito Senhor Quetzalcoatl foi-se afastando, deslizou-se nas águas - espermáticas do primeiro instante - e ninguém sabe como chegou ao lugar da cor vermelha".

Inquestionavelmente, o grande Kabir Jesus também chegou à Terra de cor vermelha quando lhe vestiram de púrpura, lhe pondo, além disso, uma coroa tecida de espinhos.

Então Ihe saudaram ironicamente, dizendo: "- Salve, Rei dos judeus!" "E Ihe golpeavam na cabeça com um caniço, e Ihe cuspiam, e postos de joelhos Ihe faziam reverências."

Efetivamente, é no crisol sexual, erótico, onde a matéria-prima da Grande Obra, como o Cristo, sofre sua paixão. É no crisol da Nona Esfera onde morre para ressuscitar depois purificada, espiritualizada, transformada.

Na Caldéia, os Zigurats, geralmente torres de três pisos a cuja categoria pertenceu à famosa Torre de Babel, estavam pintadas de três cores: negro, branco e vermelho púrpura.

Para dar uma idéia do alcance extraordinário que na Filosofia hermética alcança o simbolismo das cores da Grande Obra, observemos que sempre se representa à Virgem vestida de azul (equivalente ao negro), a Deus de branco e ao Cristo de vermelho.

Nos sagrados Templos do velho Egito dos faraós, quando o recipiendário estava a ponto de sofrer as provas da Iniciação, um Mestre se aproximava dele e Ihe murmurava ao ouvido esta frase misteriosa: "Lembra-te que Osíris é um Deus Negro!"

Evidentemente, esta é a cor específica das trevas, das sombras brumosas, do Diabo, a quem se ofereceram sempre rosas negras, e também a do Caos primitivo, onde todos os elementos se mesclam e se confundem totalmente. O símbolo do elemento terra, da noite, e da morte radical de todos esses agregados psíquicos, que em seu conjunto constituem o mim Mesmo.

Indubitavelmente, o mesmo que no Gênese hebraico, o dia acontece à noite, assim também a luz acontece à escuridão.

Bem-aventurados os que foram regenerados e lavados pelo Sangue do Cordeiro (o Fogo sexual) serão sempre vestidos com vestimentas brancas...

Na Terra sagrada dos faraós, Path, o Regenerador, usava sempre túnica de linho branco para indicar o renascimento dos puros, dos que morreram em si mesmos.

Para a aplicação sistemática de nosso ponto de vista relacionado com as cores da matéria-prima da Grande Obra, é urgente e inadiável recordar a nossos estudantes gnósticos que antes de chegar à Terra da cor vermelha, Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, pôde usar com pleno direito a túnica amarela.

A cor branca sucede ao negro, o amarelo ao branco e a púrpura dos Reis sagrados das Dinastias Solares se sucede sempre ao amarelo...

Quando o Bendito chegou à Terra da cor vermelha, rodeou sobre seus ombros a púrpura dos Reis divinos e ressuscitou dentre os mortos.

Dizem que então se viu nas águas como em um espelho (o espelho da Alquimia). Seu rosto era formoso outra vez (retornou ao Paraíso perdido). Embelezou-se com as mais belas roupagens e tendo acendido uma fogueira, nela se arrojou (o Fogo sexual acabou totalmente com seu Eu psicológico não ficando nem suas cinzas). E as aves de ricas plumagens (as Aves do Espírito) vieram ver como ardia: o pintarroxo, a ave de cor de turquesa, a ave girassol, a ave vermelha e azul, a de amarelo dourado e mil aves preciosas mais.

"Quando a fogueira cessou de arder (consumada a Grande Obra), elevou-se seu coração e até os céus chegou. Ali se mudou em estrela, e essa estrela é o Luzeiro da alvorada e do crepúsculo. Antes tinha baixado ao reino dos mortos e após sete dias estando ali, subiu mudado em astro".

O Iniciador apresenta sempre o espelho da Alquimia com uma mão, enquanto sustenta com a outra ao corno de Amaltea. A seu lado vemos a Árvore da Vida, tão estudada pelos kabalistas hebreus. O espelho simboliza sempre o começo da Obra, a Árvore da Vida indica seu final e o corno da abundância o resultado.

Quetzalcoatl transformou ao Diabo, a pedra bruta, material e grosseira, em Lúcifer, a Pedra angular da Grande Obra, o Arcanjo da Luz, a Estrela da Aurora.

O Diabo, a reflexão de nosso Logos interior, foi a criatura mais excelente antes que caíssemos na geração animal. "Branqueia o latão e queima teus livros" nos repetem todos os Mestres da Arte Hermética.

O Bem-aventurado, ao passar pelas torturas dos Irmãos da Fraternidade do Cardo, branqueou ao Diabo, voltou-o a seu estado resplandecente e primitivo.

Quem morre em si mesmo, aqui e agora, libera o Prometeu encadeado este lhe paga com acréscimos porque é um Colosso com potestade sobre os céus, sobre a terra e sobre os infernos.

Lúcifer-Prometeu, integrado radicalmente com todas as partes de nosso Ser, faz de nós algo distinto, diferente, uma exótica criatura, um Arcanjo, uma Potestade terrivelmente divina...

Não está demais recordar neste Tratado que, quando as santas mulheres entraram no sepulcro do Salvador do mundo, em vez do homem que tinham conhecido, viram um Anjo coberto com uma longa roupa branca e se espantaram...

Escrito está:

"Ao que vencer e guardar minhas obras até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações".

"E as regerá com vara de ferro, e serão quebradas como vaso de argila; como eu também a recebi de meu Pai."

"E lhe darei a Estrela da Manhã". (Vênus-Lúcifer)

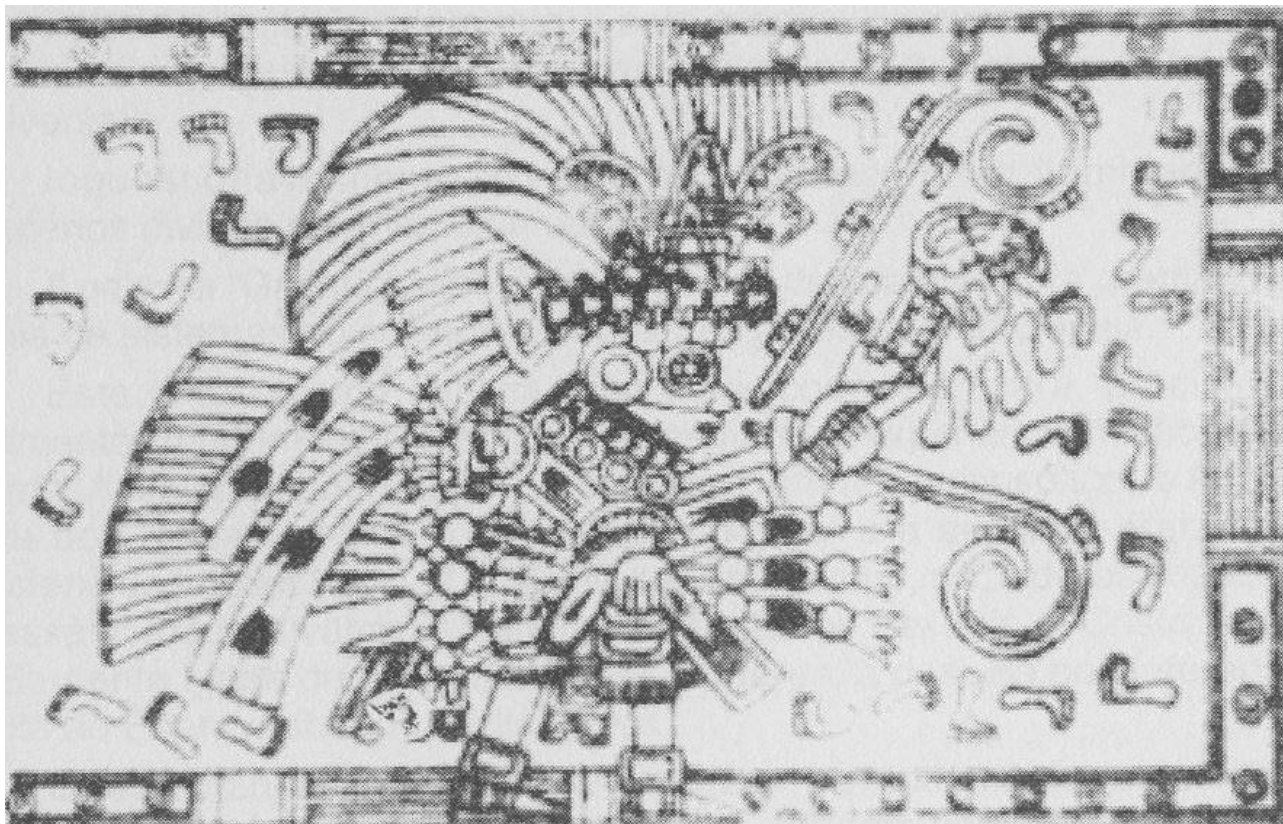
Enrique Khunrath, em seu Amphiteatrum Sapientae Aeternae escreve: "Finalmente, quando a obra tenha passado da cor cinzenta ao branco puro e logo ao amarelo, verá a Pedra Filosofal (o chamado Arcanjo), nosso Rei - o Terceiro Logos - elevado por cima dos dominadores, que sai de seu sepulcro vítreo, levanta-se de seu leito e vai a nosso cenário mundano em seu corpo glorificado, ou seja, regenerado e mais-que-perfeito".

Digamos, para esclarecer, que o termo "Pedra Filosofal" significa, segundo a língua sagrada, "Pedra que leva o signo do Sol". Agora bem, este signo solar vem caracterizado pela cor vermelha, o qual pode variar de intensidade. Um velho alquimista diz: "O que nós perseguimos com todos os filósofos, não é a união de um corpo e um Espírito metálicos senão a condensação, a aglomeração deste Espírito em um pacote coerente, tenaz e

refratário, capaz de agasalhá-lo, de impregnar todas as suas partes e de lhe assegurar um amparo eficaz."

"Esta Alma, Espírito ou fogo reunido (devidamente misturado com Vênus-Lúcifer), concentrado e coagulado na mais pura, mais resistente e mais perfeita das matérias terrestres, é o que chamamos nossa pedra".

"E podemos certificar que toda empresa que não tenha a este Espírito por guia e a esta matéria por base, jamais conduzirá à meta proposta".



CAPÍTULO X

ANTROPOLOGIA GNÓSTICA

Como queira que os estudos gnósticos progrediram extraordinariamente nestes últimos tempos, nenhuma pessoa culta cairia hoje, como outrora, no erro simplista de atribuir o aparecimento das correntes gnósticas de alguma exclusiva latitude espiritual.

Se bem é certo que devemos ter em conta em qualquer Sistema Gnóstico seus elementos helenísticos orientais, incluindo Pérsia, Mesopotâmia, Síria, Índia, Palestina, Egito, etc., nunca deveríamos ignorar aos princípios gnósticos perceptíveis nos altos cultos religiosos dos Nahoas, Toltecas, Astecas, Zapotecas, Maias, Chibchas, Incas, Quechuas, etc., etc., etc., da Indo-América.

Falando muito francamente e sem rodeios diremos: A Gnosis é um funcionalismo muito natural da consciência, uma *Philosophia perennis et universalis*.

Inquestionavelmente, Gnosis é o conhecimento iluminado dos Mistérios divinos reservados a uma elite.

Apalavra "Gnosticismo" encerra dentro de sua estrutura gramatical a idéia de sistemas ou correntes dedicadas ao estudo da Gnosis.

Este Gnosticismo implica uma série coerente, clara, precisa, de elementos fundamentais, verificáveis mediante a experiência mística direta como: A Maldição, de um ponto de vista científico e filosófico; o Adão e Eva do Gênesis Hebraico, o Pecado Original e a saída do Paraíso, o Mistério de Lúcifer Nahuatl, a Morte do Mim Mesmo, os poderes criadores, a essência do Salvator Salvandus, os Mistérios Sexuais, o Cristo íntimo, a Serpente ignea de nossos Mágicos Poderes, a descida aos Infernos, a volta ao Éden, o dom de Mefistófeles.

Só as Doutrinas gnósticas que impliquem os fundamentos ontológicos, teológicos e antropológicos acima citados, formam parte do Gnosticismo autêntico.

Pré-Gnóstico é aquele que de forma concreta, evidente e específica, apresenta algum caráter de certa maneira detectável nos sistemas gnósticos, mas integrado esse aspecto em uma concepção in toto alheia ao Gnosticismo revolucionário, pensamento que certamente não é e entretanto é Gnóstico.

Proto-Gnóstico é todo sistema Gnóstico em estado incipiente e germinal, movimentos dirigidos por uma atitude muito similar à que caracteriza às correntes gnósticas definidas.

O adjetivo "Gnóstico" pode e até deve ser aplicado inteligentemente tanto as concepções que de uma ou outra forma se relacionem com a Gnosis como com o Gnosticismo.

O termo "gnostizante", inquestionavelmente, se encontra muito próximo a pré-Gnóstico por sua significação, já que o vocábulo, em realidade, *stricto sensu*, relaciona-se com aspectos intrínsecos que possuem certa similitude com o Gnosticismo Universal, mas integrados em uma corrente não definida como Gnosis.

Estabelecidas estas elucidações semânticas, passemos agora a definir com inteira clareza meridiana ao Gnosticismo.

Não está demais, neste Tratado, esclarecer de forma enfática que o Gnosticismo é um processo religioso muito íntimo, natural e profundo.

Esoterismo autêntico, profundo, desenvolvendo-se de instante em instante, com vivências místicas muito particulares, com Doutrina e ritos próprios.

Doutrina extraordinária que fundamentalmente adota a forma mítica e, às vezes, mitológica.

Liturgia mágica inefável, com viva ilustração para a Consciência superlativa do Ser.

Inquestionavelmente, o Conhecimento Gnóstico escapa sempre às normais análises do racionalismo subjetivo.

O correlato deste Conhecimento é a intimidade infinita da pessoa, o Ser.

A razão de Ser do Ser é o próprio Ser. Só o Ser pode conhecer-se si mesmo.

O Ser, portanto, se auto-conhece na Gnosis.

O Ser, reavaliando-se e conhecendo-se a si mesmo, é a Auto-Gnosis. Indubitavelmente, esta última, em si mesmo, é a Gnosis.

O autoconhecimento do Ser é um movimento Supra-racional que depende Dele, que nada tem a ver com o intelectualismo.

O abismo que existe entre o Ser e o Eu é infranqueável e, por isso, o Neuma, o Espírito reconhece-se, e este reconhecer-se é um ato autônomo para que a razão subjetiva do mamífero intelectual resulta ineficaz, insuficiente, terrivelmente pobre.

Auto-Conhecimento, Auto-Gnosis, implica na aniquilação do Eu como trabalho prévio, urgente, inadiável.

O Eu, o Ego, está composto por somas e subtrações de elementos subjetivos, desumanos, bestiais, que inquestionavelmente têm um princípio e um fim.

A Essência, a Consciência, embutida, engarrafada, enfrascada entre os diversos elementos que constituem o mim Mesmo, o Ego, infelizmente se processa dolorosamente em virtude de seu próprio condicionamento.

Dissolvendo ao Eu, a Essência, a Consciência, desperta, ilumina-se, libera-se, então sucede como consequência ou corolário o Auto-Conhecimento, a Auto-Gnosis.

Indubitavelmente, a revelação legítima tem seus fundamentos irrefutáveis, irrefutáveis, na Auto-Gnosis.

A revelação gnóstica é sempre imediata, direta, intuitiva; exclui radicalmente às operações intelectuais de tipo subjetivo e nada tem a ver com a experiência e reunião de dados fundamentalmente sensoriais.

A Inteligência ou Nous, em seu sentido gnoseológico, embora é certo que pode servir de embasamento à Intelecção iluminada, nega-se rotundamente a cair no vão intelectualismo.

Resultam claras e evidentes as características ontológicas, pneumáticas e espirituais de Nous (Inteligência).

Em nome da verdade, declaro solenemente que o Ser é a única real existência, ante cuja transparência inefável e terrivelmente divina, isso que chamamos Eu, Ego, mim Mesmo, si mesmo, é meramente trevas exteriores, pranto e ranger de dentes.

A Auto-Gnosis ou reconhecimento Auto-Gnóstico do Ser, dada a vertente antropológica do Neuma ou Espírito, resulta algo decididamente salvador.

Conhecer-se a si mesmo é ter obtido a identificação com seu próprio Ser divino.

Saber-se idêntico com seu próprio Neuma ou Espírito, experimentar diretamente a identificação entre o conhecido e o cognoscível, é isso que podemos e devemos definir como Auto-Gnosis.

Ostensivelmente, esta desvelação extraordinária nos convida a morrer em nós mesmos, a fim de que o Ser se manifeste em nós.

Pelo contrário, afastar-se do Ser, continuar com o Ego dentro da heresia da separatividade, significa condenar-se à involução submersa dos Mundos Infernos.

Esta reflexão evidente nos conduz ao tema da "livre eleição" gnóstica. Inquestionavelmente, o Gnóstico sério é um eleito a posteriori.

Agnóstica experiência permite ao sincero devoto conhecer-se e Auto-realizar-se integralmente.

Entenda-se por Auto-realização o harmonioso desenvolvimento de todas as infinitas possibilidades humanas.

Não se trata de dados intelectuais caprichosamente repartidos, nem de mero palavreiro insubstancial, de conversa ambígua.

Tudo o que nestes parágrafos estamos dizendo traduza-se como experiência autêntica, vívida, real.

Não existe nas correntes gnósticas o dogma da predeterminação ortodoxa que nos engarrafaria infelizmente em uma estreita concepção da Deidade antropomórfica.

Deus em grego é Theos, em latim Deus e em sânscrito Div ou Deva, palavra esta que se traduz como Anjo ou Anjos.

Ainda entre os mais conservadores povos semíticos, o mais antigo Deus de Luz, Ele ou Ilu, aparece nos primeiros capítulos do Gênese em sua forma plural sintética dos Elohim.

Deus não é nenhum indivíduo humano ou divino em particular, Deus é Deuses. Ele é o Exército da Voz, a Grande Palavra, o Verbo do Evangelho de São João, o Logos Criador, Unidade múltipla perfeita.

Auto-conhecer-se e realizar-se, no horizonte das infinitas possibilidades, implica o ingresso ou reingresso à hoste criadora dos Elohim.

E esta é a segurança do Gnóstico: o Ser se revelou integralmente e seus esplendores maravilhosos destroem radicalmente toda ilusão.

A abertura do "Neuma", ou Espírito divino do homem encerra o total conteúdo Soteriológico.

Se hoje se possui a Gnosis dos grandes Mistérios arcaicos, é porque, ao dinamismo revelador do Ser alguns homens muito Santos conseguiram aproximar-se, devido a sua lealdade doutrinária.

Sem uma prévia informação sobre Antropologia Gnóstica, seria algo mais que impossível o estudo rigoroso das diversas peças antropológicas das culturas Asteca, Tolteca, Maia, Egípcia, etc.

Em questões de Antropologia profana-me desculpem a semelhança-se quer conhecer resultados, deixe-se em plena liberdade a um macaco, símio, mico ou Chango, dentro de um laboratório e observe o resultado.

Os Códices Mexicanos, Papiros Egípcios, Ladrilhos Assírios, Rolos do Mar Morto, estranhos Pergaminhos, assim como certos Templos antiqüíssimos, sagrados monolitos, velhos hieróglifos, pirâmides, sepulcros milenares, etc., oferecem em sua profundidade simbólica um sentido Gnóstico que definitivamente escapa à interpretação literal e que nunca teve um valor explicativo de índole exclusivamente intelectual.

O racionalismo especulativo, em vez de enriquecer a linguagem Gnóstica, empobrece-a infelizmente já que os relatos gnósticos, escritos ou alegorizados em qualquer forma artística, orientam-se sempre para o Ser.

E é nesta interessantíssima linguagem, semi-filosófica e semi-mitológica, da Gnosis no que apresentam uma série de invariáveis extraordinárias, símbolos com fundo esotérico transcendental que em silêncio dizem muito.

Bem sabem os Divinos e os humanos que o silêncio é a eloquência da Sabedoria.

Os caracteres que especificam claramente ao Mito Gnóstico, e que mutuamente se complementam entre si são os seguintes:

1. Divindade Suprema.
2. Emanação e queda Pleromática.
3. Demiurgo Arquiteto.
4. Pneuma no Mundo.
5. Dualismo.
6. Salvador.
7. Retorno.

A Divindade Suprema Gnóstica é caracterizável como Agnostos Theos, o Espaço Abstrato Absoluto, O Deus ignorado ou desconhecido, a Realidade Una, da qual emanam os Elohim na aurora de qualquer criação universal.

Recorde-se que Paranishpana é o Sumum Bonum, o Absoluto, e, portanto, o mesmo que Paranirvana.

Mais tarde, tudo quanto parecer existir neste Universo, virá a ter real existência no estado de Paranishpana.

Inquestionavelmente, as faculdades de cognição humana jamais poderiam passar mais além do Império Cósmico do Logos Macho-Fêmea, do Demiurgo criador, o Exército da Voz (o Verbo).

Jah-Hovah, o Pai-Mãe secreto de cada um de nós, é o autêntico Jehová.

Jod, como letra hebréia, é o membrum virile (o Princípio Masculino).

Eve, Heve, Eva, o mesmo que Hebe, a Deusa grega da juventude e a Noiva olímpica de Heracles é o Yoni, o Cálice divino, o Eterno Feminino.

O divino Rabi da Galiléia, em vez de render culto a Jehová Antropomórfico do bairro da judería, adorou a seu divino Macho-Fêmea (Jah-Hovah), o Pai - Mãe interior.

O Bendito, crucificado no Monte das Caveiras, clamou com grande voz dizendo: "- Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu Espírito". Ram-lo, Ísis, sua Divina Mãe Kundalini, acompanhou-lhe na Via-crucis.

Todas as Nações têm a seu primeiro Deus ou Deuses como andróginos. Não podia ser de outro modo, posto que consideravam a seus longínquos progenitores primitivos, a seus antecessores de duplo sexo, como Seres divinos e Deuses Santos, o mesmo que fazem hoje os chineses.

Em efeito, a concepção artificiosa de um Jehová Antropomórfico, exclusivista, independente de sua própria obra, sentado lá em cima em seu trono de tirania e despotismo, lançando raios e trovões contra este triste formigueiro humano, é o resultado da ignorância, mera idolatria intelectual.

Esta concepção errônea da Verdade, desafortunadamente se apoderou, tanto do filósofo ocidental, como do religioso afiliado a qualquer seita desprovida completamente dos elementos gnósticos.

O que os gnósticos de todos os tempos rechaçaram não é ao Deus desconhecido, Uno e sempre presente na natureza, ou na natureza in abscondito, senão ao Deus do dogma ortodoxo, à espantosa deidade vingativa da lei de Talião (olho por olho e dente por dente).

O Espaço Abstrato Absoluto, o Deus incognoscível, não é nem um vazio sem limites, nenhuma plenitude condicionada, senão ambas as coisas ao mesmo tempo.

O Gnóstico Esoterista aceita a revelação como procedente de Seres divinos, as vidas manifestadas, mas jamais da Vida Una não manifestável.

A Deidade incognoscível é o Espaço Abstrato Absoluto, a raiz sem raiz de tudo que foi, é ou será.

Esta Causa infinita e eterna encontra-se, por descontado, desprovida de toda classe de atributos. É luz negativa, existência negativa, está fora do alcance de todo pensamento ou especulação.

O Mito Gnóstico de Valentin, que de forma específica mostra aos trinta Aeons pleromáticos surgindo misteriosos dentre o Espaço Abstrato Absoluto por emanações

sucessivas e ordenadas em casais perfeitos, pode e deve servir como arquétipo modelo de um Mito monista, que de forma mais ou menos manifesta se encontra presente em todo sistema Gnóstico definido.

Este ponto transcendental da "Probolé" se orienta classicamente para a divisão ternária do divino: O Agnostos Theos (o Absoluto), o Demiurgo, o Pró-Pai, etc.

O mundo divinal, o âmbito glorioso do Pleroma, surgiu diretamente da Luz negativa, da Existência negativa.

Finalmente, o Nous, Espírito ou Neuma, contém em si mesmo infinitas possibilidades suscetíveis de desenvolvimento durante a manifestação.

Entre os limites extraordinários do Ser e do não Ser da Filosofia se produziu a multiplicidade ou queda.

O mito Gnóstico da queda de Sophia (a divina Sabedoria) alegoriza solenemente a este terrível transtorno no seio de Pleroma.

O desejo, a fornicação, o querer ressaltar com o Ego, origina o descalabro e a desordem, produz uma obra adulterada que, inquestionavelmente, fica fora do âmbito divino ainda que nela é apanhada a Essência, o Budhata, o material psíquico da criatura humana.

O impulso até a unidade da vida livre em seu movimento pode desviar-se para o Eu, e na separação, forjar todo um mundo de amarguras.

A queda do homem degenerado é o fundamento da Teologia de todas as nações antigas.

Segundo Filolau, o Pitagórico (século V antes de J.C.), os filósofos antigos diziam que o material psíquico, a Essência, estava enterrada no Eu, como em uma tumba, como castigo por algum pecado.

Platão testemunha também assim, que tal era a doutrina dos órficos, e que ele mesmo a professava.

O desejo desmedido, o transtorno do regime da emanção, conduz ao fracasso.

O querer distinguir-se como Ego origina sempre a desordem e a queda de qualquer rebelião Angélica.

O Autor do mundo das formas é, pois, um grupo místico de criadores, Macho-Fêmeas ou Deuses duplos como Tlaloc, o Deus das chuvas e dos raios, e sua esposa Chalchiuhtlicue, a da saia de jade, nos panteões Maia, Asteca, Olmeca, Zapoteca, etc., etc., etc.

Na palavra Elojim (Elohim), encontramos uma chave transcendental que nos convida à reflexão.

Certamente, Elojim, com 'J', traduz-se como Deus nas diversas versões autorizadas e revisões da Bíblia.

É um fato incontrovertível, não somente do ponto de vista esotérico, mas também lingüístico, que o termo Elojim é um nome feminino com uma terminação plural masculina.

A tradução correta, *stricto sensu*, do nome Elohim ou melhor dizendo, Elojim, pois em hebreu o 'H' soa como 'J', é Deusas e Deuses.

"E o Espírito dos princípios masculino e feminino movia-se sobre a superfície do disforme, e a criação teve lugar."

Inquestionavelmente, uma religião sem Deusas está na metade do completo ateísmo.

Se quisermos de verdade o equilíbrio perfeito da vida anímica devemos render culto ao Elojim (os Deuses e as Deusas dos antigos tempos) e não ao Jehová Antropomórfico rechaçado pelo grande Kabir Jesus.

O culto idolátrico do Jehová Antropomórfico em vez do Elojim é certamente um poderoso impedimento para o logro dos estados conscientivos supra-normais.

Os antropólogos gnósticos, em vez de rirem céticos - como os antropólogos profanos - ante as representações de Deusas e Deuses dos diversos panteões Asteca, Maia, Olmeca, Tolteca, Chibcha, Druida, Egípcio, Hindu, Esqueto, Fenício, Mesopotâmico, Persa, Romano, Tibetano, etc., etc., etc., caímos prosternados aos pés dessas Divindades, porque nelas reconhecemos ao Elojim criador do universo. "Quem ri do que desconhece está no caminho de ser idiota".

O desvio do Demiurgo Criador, a antítese, o fatal, é a inclinação para o egoísmo, a origem real de tantas amarguras.

Indubitavelmente, a consciência egóica se identifica com o Yahvé, o qual, segundo Saturnino de Antioquia, é um Anjo caído, o gênio do mal.

A Essência, a Consciência engarrafada no Ego, processa-se dolorosamente no tempo em virtude de seu próprio condicionamento.

A situação, por certo não muito agradável, repetida incessantemente nos relatos gnósticos do Neuma, submetido cruelmente às potências da lei, ao mundo e ao abismo, resulta demasiado manifesta para insistir aqui sobre ela.

É evidente a debilidade e impotência desconcertante do pobre mamífero intelectual, equivocadamente chamado homem, ao querer levantar-se do lodo da terra sem o auxílio do divino.

Existe por aí um provérbio vulgar que reza assim: "A Deus rogando e com o malho dando".

Só o Raio ígneo, imperecível, encerrado na substância obscura, disforme e frígida, pode reduzir o Eu psicológico à poeira cósmica para liberar à Consciência, à Essência.

Com palavras ardentes declaramos: só o Hálito Divino pode nos reincorporar na Verdade. Entretanto, isto só é possível à partir de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A posse específica da Gnosis vai sempre acompanhada de certa atitude de estranheza ou estranheza ante este mundo mayásico, ilusório.

O Gnóstico autêntico quer uma mudança definitiva, sente intimamente os secretos impulsos do Ser, e daí sua angústia, rechaço e embaraço, ante os diversos elementos desumanos que constituem ao Eu.

Quem anela perder-se no Ser carrega a condenação e o espanto ante os horrores do mim Mesmo.

Contemplar-se como um momento da totalidade é saber-se infinito e rechaçar com todas as forças do Ser ao egoísmo nojento da separatividade.

Dois estados psicológicos se abrem ante o Gnóstico definido:

A- O do Ser, transparente, cristalino, impessoal, real e verdadeiro.

B - O do Eu, conjunto de agregados psíquicos personificando defeitos cuja única razão de existir é a ignorância.

Eu superior e eu inferior são tão somente duas seções de uma mesma coisa, aspectos distintos do mim Mesmo, variadas facetas do infernal.

É, pois, o sinistro, esquerdo e tenebroso Eu superior, médio ou inferior, soma, subtração e multiplicação contínua de agregados psíquicos desumanos.

O denominado Eu superior é certamente uma artimanha do mim Mesmo, um ardil intelectual do Ego que procura escapatórias para continuar existindo, uma forma muito sutil de auto-engano.

O Eu é uma obra horripilante de muitos tomos, o resultado de inumeráveis ontens, um nó fatal que há que desatar.

O auto-louvor egóico, o culto ao Eu, a sobreestimativa do mim Mesmo, é paranóia, idolatria da pior espécie.

A Gnosis é revelação ou desvelação, aspiração refinada, sintetismo conceitual, ganhos máximos.

Ostensivelmente, tanto em essência como em acidente, Gnosis e Graça são identificáveis fenomenologicamente.

Sem a Graça divina, sem o auxílio extraordinário do Hálito Sagrado, a Auto-Gnosis, a Auto-realização íntima do Ser, resultaria algo mais que impossível.

Auto-salvar-se é o indicado e isto exige plena identificação do que salva e do que é salvo.

O Divino, que habita no fundo da Alma, a autêntica e legítima faculdade cognoscível, aniquila ao Ego e absorve em sua Parousia à Essência e, em total iluminação, a salva. Este é o tema do Salvator Salvandus.

O Gnóstico que foi salvo das águas, fechou o ciclo das amarguras infinitas, franqueou o limite que separa ao âmbito inefável do Pleroma das regiões inefáveis do universo, escapou-se corajosamente do Império do Demiurgo porque reduziu o Ego à poeira cósmica.

A passagem através de diversos mundos, a aniquilação sucessiva dos elementos desumanos, afirma esta reincorporação no Sagrado Sol Absoluto e então, convertidos em criaturas terrivelmente divinas, passamos mais além do bem e do mal.

CAPÍTULO XI

MÉXICO-TENOCHTITLÁN

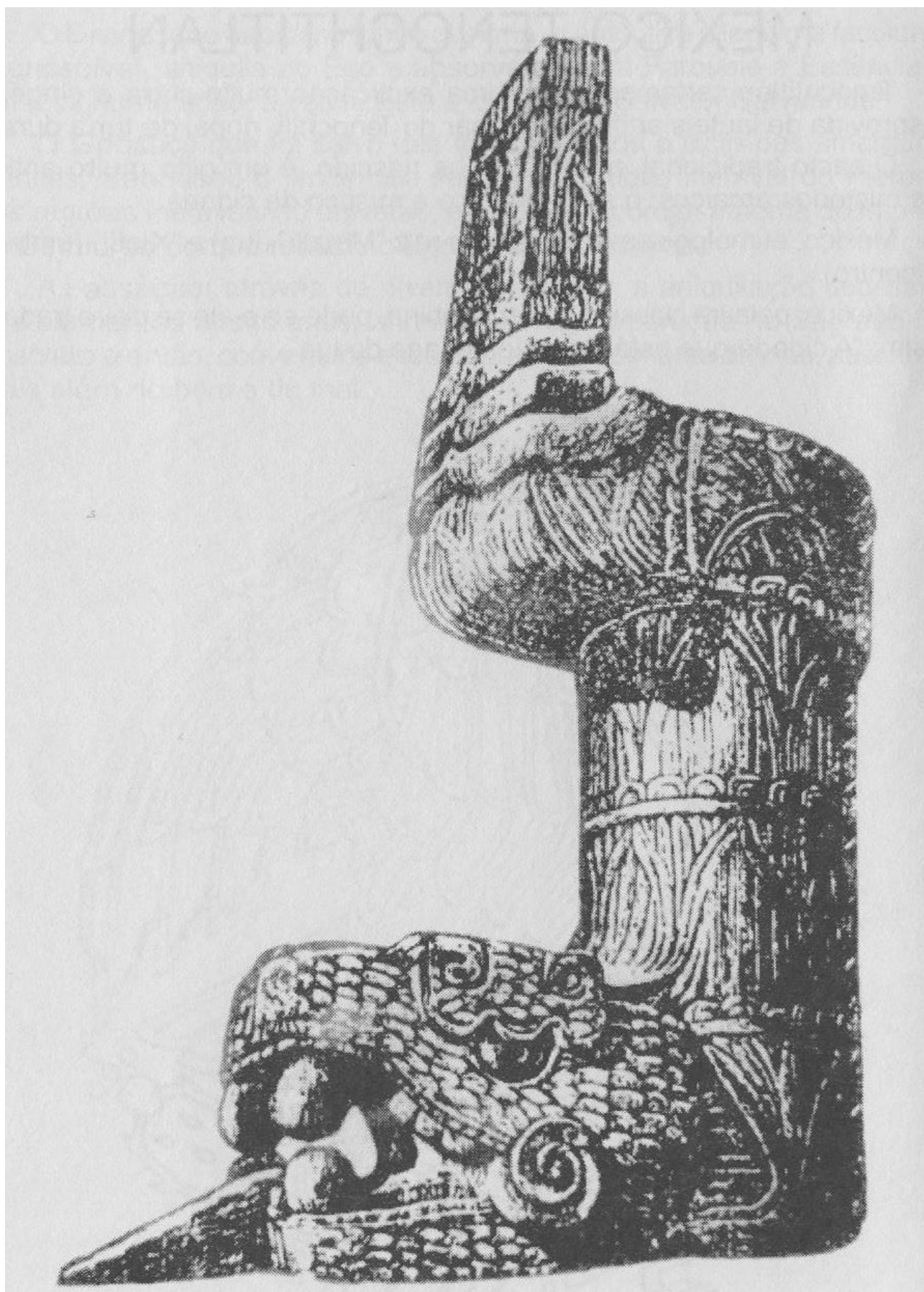
Tenochtitlán certamente tem uma explicação muito clara e singela, desprovida de inúteis artifícios: “Lugar do Tenochtli, nopal de tuna dura”.

O cacto tradicional, na dura rocha nascido, é um glifo muito antigo dos mistérios arcaicos, o signo mágico e místico da cidade.

México, etimologicamente vem da raiz "Metztli" (lua) e "Xictli" (umbigo ou centro).

México, palavra clássica pré-colombina, pode-se e até se deve traduzir assim: "A cidade que está no meio do lago da lua".





Não está demais neste Tratado recordar o fato de que o povo vizinho dos otomis sempre designava a esta senhorial cidade pelo duplo nome do Anbondo Amadetzana".

O termo "bondo", em rigoroso otomí, quer dizer "nopal"; "amadetzana" significa "Em meio da lua".

A águia triunfante pousada sobre o nopal, devorando uma serpente, o brasão dos Estados Unidos Mexicanos, não é mais que a tradução fiel do glifo arcaico que outrora designou à grande Tenochtitlán.

Até no topo da glória, os antigos mexicanos nunca esqueceram que suas metrópoles, imponentes e maravilhosas, tinham sido estabelecidas nos pântanos por uma tribo humilde e subestimada. Certa lenda muito antiga, que se perde na noite dos séculos, refere-se como os anciões descobriram com grande assombro "intollihtic inacaihti" "no meio dos juncos, no meio dos carriços", a certos vegetais e criaturas animais que o Deus Huitzilopochtli lhes tinha anunciado: o salgueiro branco, a rã cor de esmeralda e o peixe branco, etc.

"Assim que viram isto os anciões choraram, e disseram: '-De maneira que é aqui onde será (nossa cidade), posto que vimos o que nos disse e ordenou Huitzilopochtli"

"Mas à noite seguinte o Deus chamou o Sacerdote Cuauhcoatl (Serpente-Águia) e lhe disse: "-Oh Cuauhcoatl, viram já e lhes maravilhastes com tudo o que há no carriços!

Ouçam, porém, que há algo mais que não viram ainda. Vais logo descobrir o cacto Tenochtli, no qual estará pousada alegremente a águia... Ali estaremos, dominaremos, esperaremos, encontraremos pessoas diferentes que com nossa flecha e escudo combateremos e conquistaremos... Pois aí estará nosso povoado, México-Tenochtitlán, o lugar em que grita a águia, desdobra-se e come, o lugar em que nada o peixe, o lugar em que se despedaça a serpente, e acontecerão muitas coisas".

Cuauhcoatl, o ministro do Altíssimo, embriagado de êxtase, imediatamente reuniu aos mexicanos na praça para lhes comunicar a Palavra do Senhor.

E os jovens e as mulheres todas, e os anciões e os meninos, transbordantes de júbilo seguiram aos pântanos, entre as plantas aquáticas e as canas e, de repente, algo insólito acontece; o assombro é geral. Descubrem o sinal prometido, a águia rebelde pousada sobre o nopal em pleno festim macabro, tragando uma serpente. Foi em tais instantes de admiração e felicidade quando o Lúcifer Nahuatl clamou com grande voz, dizendo: "-Oh! Mexicanos, ali estarei".

"Imediatamente choraram por isso os mexicanos e disseram: '- Merecemos alcançar nosso desejo!".

"-Vimos e nos maravilhamos que onde estará nossa população. Vamos e repousemos".

Estudados muito judiciosamente todos estes parágrafos de essencial conteúdo, passaremos imediatamente a uma análise profunda.

Inquestionavelmente, a Serpente é o símbolo esotérico da sabedoria e do conhecimento oculto.

A Serpente foi relacionada com o Deus da Sabedoria dos antigos tempos.

A Serpente é o símbolo sagrado de Thot ou Taut... E de todos os Deuses Santos como Hermes, Serapis, Jesus, Quetzalcoatl, Budha, Tlaloc, Dante, Zoroastro, Bochica, etc., etc., etc.

Qualquer adepto da Fraternidade Universal Branca pode ser representado devidamente pela grande "Serpente" que ocupa um lugar tão notório entre os símbolos dos Deuses, nas pedras negras que registram os benefícios babilônicos.

Esculápio, Plutão, Esmun e Kneep são todas as deidades com os atributos da Serpente, diz Dupuis. Todos são curadores, doadores da saúde espiritual e física e da iluminação.

Os brâmanes obtiveram sua cosmogonia, ciência e artes de culturização, pelos famosos "Naga Maias", chamados depois "Danavas".

Os Nagas e os Brâmanes usaram o símbolo sagrado da Serpente emplumada, emblema indiscutivelmente mexicano e maia.

Os Upanishads contêm um tratado sobre a Ciência das Serpentes, ou, o que é o mesmo, a Ciência do Conhecimento oculto.

Os Nagas (serpentes) do Budhismo esotérico são homens autênticos, perfeitos, Auto-realizados, em virtude de seu conhecimento oculto, e protetores da lei do Budha por quanto interpretam corretamente suas doutrinas metafísicas.

Acoroa formada por um áspide, o Thermuthis, pertence à Ísis, nossa Divina Mãe Kundalini particular, individual, pois cada um de nós tem a sua.

Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos Mágicos Poderes, enroscada dentro do centro magnético do cóccix (base da espinha dorsal), é luminosa como o relâmpago.

O grande Kabir, Jesus de Nazaré, jamais teria aconselhado a seus discípulos que fossem tão sábios como a serpente se esta última tivesse sido um símbolo do mal...

Não está demais recordar que os ofitas, os sábios gnósticos egípcios da "Fraternidade da Serpente", nunca teriam adorado a uma cobra viva em sua Liturgia, como emblema de Sophia (Sabedoria), se esse réptil tivesse estado relacionado com as potências do mal.

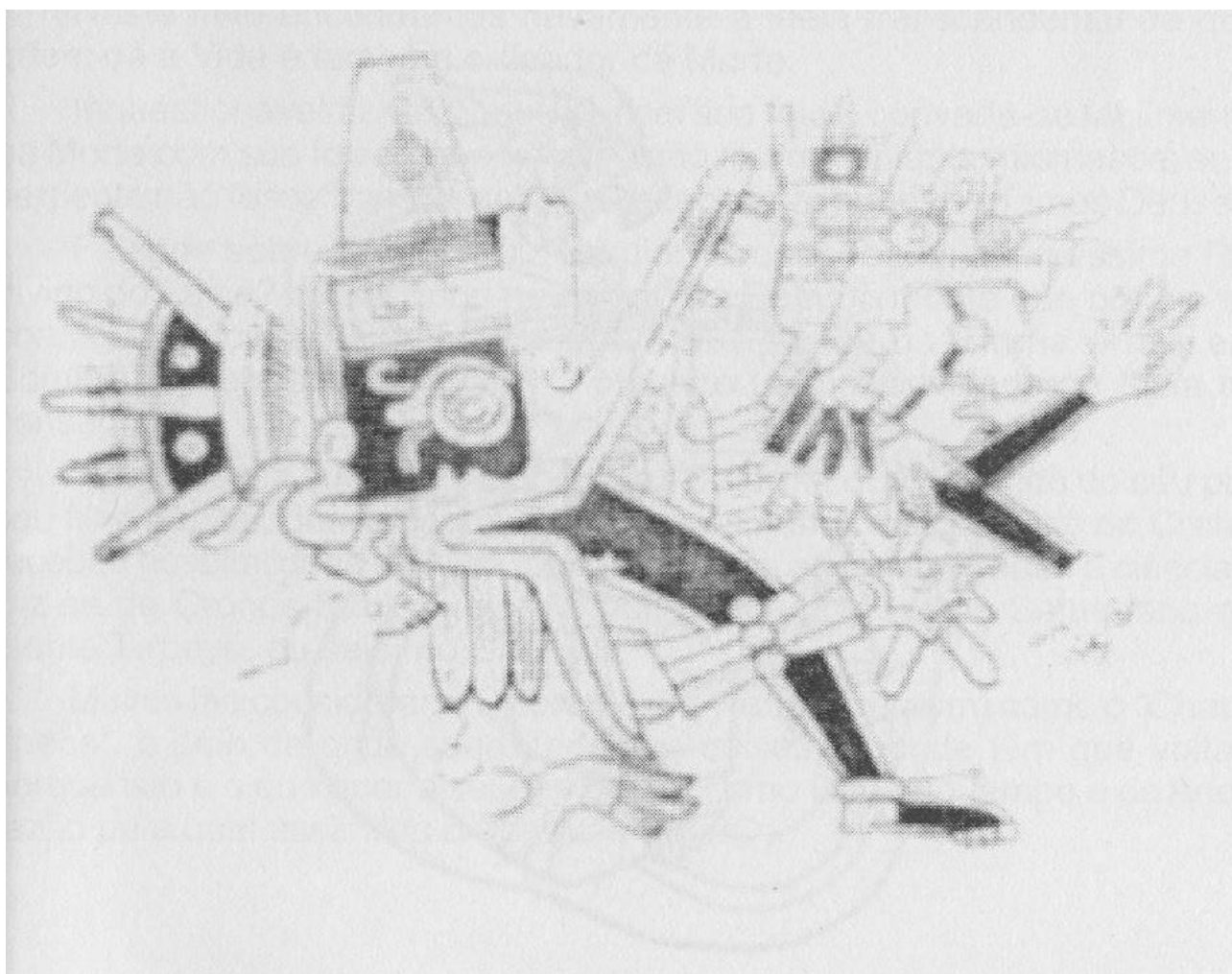
A Serpente, como deidade feminina em nós, é a Esposa do Espírito Santo, nossa Virgem Mãe chorando ao pé da Cruz sexual com o coração atravessado por sete adagas; Stella Maris, a Estrela do Mar, Marah, María, ou melhor dizendo, Ram-lo, a Serpente de fogo ascendendo vitoriosa pela medula espinhal do adepto, é nosso próprio Ser, porém derivado, que a águia, o Terceiro Logos, deve devorar.

Os velhos sábios da terra sagrada de Mayab, da noite profunda dos séculos, enfatizaram sempre a idéia transcendental dos banquetes da cobra; precisamos ser tragados pela Serpente.

Resulta oportuno citar aqui a Tonantzin, nossa Divina Mãe Kundalini particular, individual, a "Mulher-Serpente", "Deus-Mãe".

A clássica Medéia de Anahuac, o reverso da medalha, é Coatlicue, a Serpente que aniquila ao Ego antes do festim.

A taciturna Serpente não come nada imundo; ela, a divina Esposa de Cronos, só pode devorar princípios anímicos e espirituais, corpos gloriosos, forças, faculdades, etc.

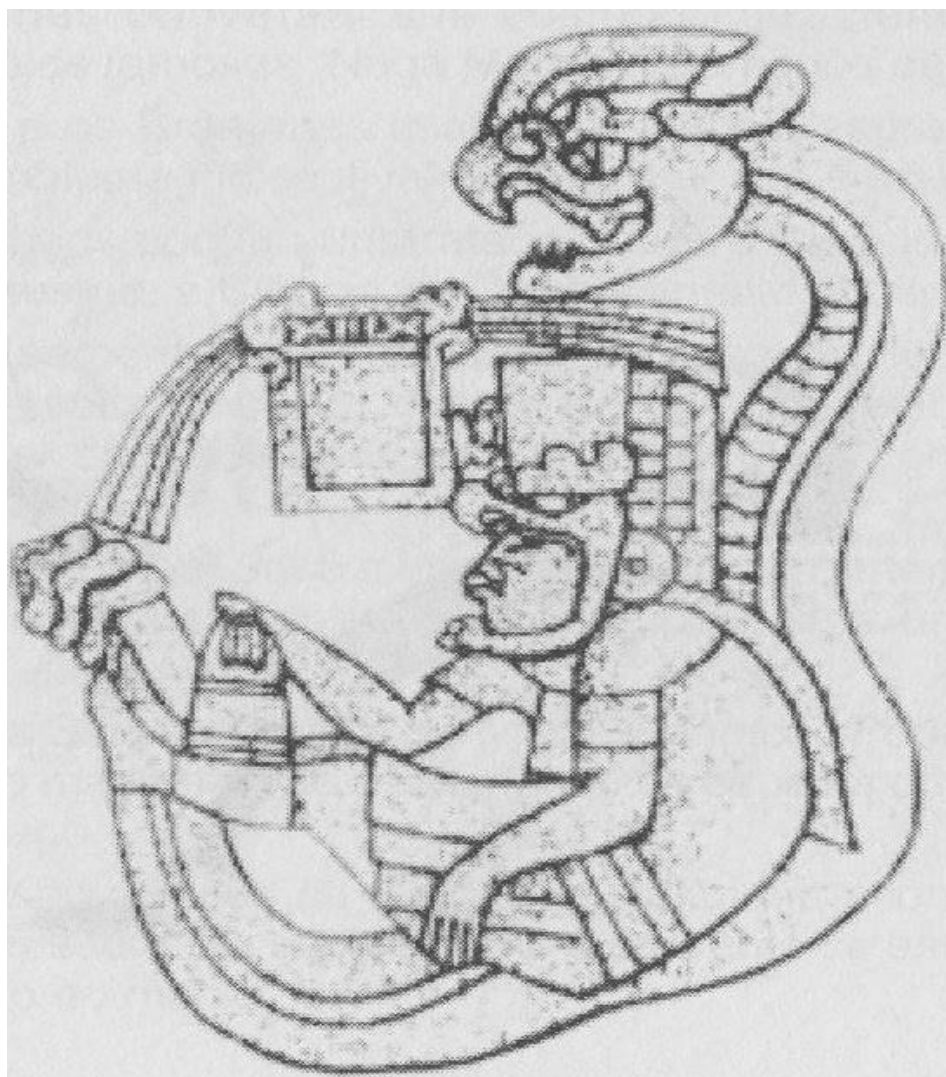


Em nome da verdade, devemos formular o seguinte enunciado: "Sem exceção específica particular, nenhum Iniciado, nem ainda sequer aqueles que segundo a tradição esotérica ocidental alcançaram o grau de "adeptus exemptus", poderia gozar dos poderes da Serpente sem ter sido previamente devorado pela mesma."

Não basta obter a ascensão da Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes com o passar do canal medular espinhal, de chakra em chakra; resulta urgente, inadiável, impostergável, ser devorados pela cobra... Só assim nos converteremos em algo distinto, diferente.

No livro magistral de Bourbourg, Votam, o semideus mexicano, ao narrar sua expedição, descreve uma passagem subterrânea que seguia seu curso clandestinamente e terminava na raiz dos céus, acrescentando que esta passagem era um buraco de serpente, de cobra, e que ele foi admitido nele porque ele mesmo era um "Filho das Serpentes", ou seja, uma Serpente. (Alguém que tinha sido devorado pela Serpente).

"Os sacerdotes assírios levavam sempre o nome de seu Deus. Também os druidas das regiões celto-britânicas se chamavam serpentes. "Sou uma serpente, sou um druida," exclamavam." "O Karnak egípcio é irmão gêmeo do Carnac britânico, significando este último o Monte da Serpente".



Do Bourbourg indica que os chefes com o nome de Votam, o Quetzalcoatl ou deidade Serpente dos mexicanos, são os descendentes de Cam e Canaã. "Eu sou Hivim", dizem eles.

"Sendo um Hivim, sou da grande Raça do Dragão (Serpente). Eu mesmo sou uma Serpente, pois sou um Hivim".

Ao candidato ao Adeptado lhe esperam sempre espantosas lutas, terríveis batalhas contra suas próprias paixões animais personificadas nos múltiplos agregados psíquicos, ou elementos desumanos, que deve reduzir à poeira cósmica mediante o auxílio especial da Mulher-Serpente.

As grutas dos Rishis, as mansões de Tiresias e dos videntes gregos, foram modeladas de acordo às dos Nagas, Reis Serpentes que moravam em cavidades das rochas, clandestinamente. O adepto vitorioso se converte em um Filho da Serpente, e em uma Serpente que deve ser tragada pela Águia do Espírito (o Terceiro Logos).

Cronos-Saturno é Shiva, o Primogênito da Criação, o Ser de nosso Ser, o Arquihierofante e o Arquimago, a Águia de Anahuac.

A Mitologia grega considera Cronos como um dos Deuses mais antigos; um verdadeiro criador de Deuses.

Saturno-Cronos, a Águia rebelde, devora a Cobra para nos transformar em Deuses.

Neste mito encontramos novamente a idéia transcendental de que quem dá a Vida é também o doador da Morte.

Inquestionavelmente, Saturno, com sua foice, converte-se facilmente na Morte com sua foice. Se o gérmen não morre, a planta não nasce; se a serpente não fosse tragada pela Águia taciturna, nunca seríamos Deuses.

Falando sobre Saturno, diz Ovídio: "Cronos foi um antiqüíssimo Rei divino do Lácio? que ocupou no campo de Roma o monte que por ele se chamou Janículo." Outros asseguram que reinou na Etrúria e nós em Sombra (e outros na Umbria). O primeiro templo edificado na Itália foi consagrado.

Macróbio diz que foi o próprio Deus Saturno, quem banido do céu por seu filho Júpiter, desceu para viver entre os homens e, expulso de Creta, recebeu hospitalidade na Itália, onde ensinou a agricultura, artes e ciências. Diz-se de Cronos-Saturno que fundou também a Cidade Saturniana no monte Tarpeyo, ou seja, no Capitólio.

Muitos lhe consideram (Cicerón 2, De Natura Deorum) como o "Chaos Theos", o seio de onde saem todas as coisas e aonde têm que voltar, porque isto é o que quer dizer seu nome, como Deus do Tempo e do Ano, razão pela qual assimilou o nome de EO (IO).

Adana, Yana, Gnana ou Gnosis é a ciência de Saturno, ou seja, a ciência do conhecimento Iniciático, a ciência do Enoichion ou Vidente.

Porém, faz-se necessário esclarecer que em nenhum destes parágrafos anteriores temos feito alusão a determinado regente planetário, Nazada ou Kabir em particular. Só quisemos nos referir especificamente ao Saturno íntimo, o divino Augoeides, o Logos individual, a Águia de cada um de nós.

Inquestionavelmente, a cobra devorada pela águia se converte, de fato e por direito próprio, em Serpente emplumada.

Jesus, o grande Kabir, foi uma Serpente emplumada, o mesmo que Moisés, Dante, o Santo Lama, o Budha, Quetzalcoatl e muitos outros Hierofantes.

Os logues indostânicos falam com infinita reverência sobre o matrimónio divino Shiva-Shakti, o duplo principio criador "masculino-feminino".

Ometecuhtli, o Senhor (a Águia) e Omecihuatl, a Senhora (a Serpente), encontram-se plenamente manifestados na Serpente emplumada Cuauhcoatl (Serpente-Águia), alto Sacerdote de nosso bendito Deus Huitzilopochtli, ostensivelmente, era um iluminado.

Não está demais recordar que a Serpente emplumada é o resultado de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, plenamente simbolizados pelos espinhos do nopal.

Serpente, Águia, nopal, Pedra Filosofal, água do grande lago extraordinários pedestais de uma coluna esotérica da grande Tenochtitlán.

O códice Azcatitlan alegoriza inteligentemente, aos princípios da vida mexicana no Tenochtitlán, em um quadro que mostra a uns pescadores em canoa, ocupados na dura briga, tratando de pescar entre juncos e aves aquáticas.

Vãos utopistas, que de modo algum valeria a pena citar; supõem de forma absurda que isto tudo passava no ano 1325 de nossa era.

Parafraseando de forma socrática, diremos: Os ignorantes ilustrados não somente ignoram senão, além disso, ignoram que ignoram.

Bem sabem os Deuses de Anahuac que a fundação da grande Tenochtitlán se esconde entre a noite profunda dos inumeráveis séculos que nos precederam no curso da História.

Os humildes fundadores da poderosa civilização solar, México-Tenochtitlán, dedicavam a maior parte de seu precioso tempo à pesca e à caça de aves aquáticas.

É claro que aquelas pessoas singelas não tinham melhor aspecto que outros "selvagens lacustres" ante o altivo olhar dos vizinhos habitantes urbanos de Colhuacan, Azcapotzalco e Texcoco.

Suas armas eram a clássica rede de todos os tempos, tão necessária para a pesca, e o famoso lança dardos, tão indispensável para caçar aves no lago.

O povo mexicano venerava e honrava aos Deuses Santos: Anjos, Arcanjos, principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins do Cristianismo.

Resulta na verdade muito oportuno mencionar aqui a algumas Deidades:

Atlahua, "que leva o atlatl".

Amimitl provém etimologicamente de "mitl", flecha, e "atl", água.

Opochtli, o "canhoto". Traduza-se assim: "que lança as flechas com a mão esquerda".

Os Devas indostânicos, Ma'achim hebraicos, Deuses de Anahuac, Anjos do cristianismo, são os princípios espirituais das forças maravilhosas da natureza.

Ninguém pode controlar de forma absoluta a essas forças naturais, a menos que possuir a Quinta Iniciação qualificada do mundo causal, que é a de um Adepto.

É indispensável ter sido aceito pelos príncipes do fogo, do ar, das águas e da terra. É urgente ter realizado a ultérrima natureza espiritual das Forças naturais, antes de nos converter em Reis autênticos dos elementos universais. Suplicar é diferente. As Sagradas Escrituras dizem: "Pedi e se vos dará, batei e se vos abrirá".

Os Atlaca Chichimecas se prosternavam ante os Deuses Santos (os Anjos do cristianismo) e a resposta jamais se fazia esperar.

Ditosos se sentiram os mexicanos quando puderam comprar a seus vizinhos de terra firme, madeiras, pranchas e pedras para edificar sua cidade.

Tal compra realizou mediante o sistema de troca, trocando materiais úteis por peixes, girinos, rãs, pequenos camarões, cobras aquáticas, moscas aquáticas, fios de bordar minhocas lacustres, patos, pássaros que vivem na água, etc., etc., etc.

Com infinita humildade, simplicidade e pobreza, edificaram um templo ao Arcanjo Huitzilopochtli, o real fundador do México-Tenochtitlán.

O tabernáculo aquele certamente era bem pequeno, muito de acordo com suas possibilidades económicas. Estabelecidos em terra estrangeira, entre juncos e canas, é óbvio que estas pessoas não dispunham de pedra e madeira suficiente.

Conta a lenda dos séculos que a lembrança daquela época, humilde e grandiosa ao mesmo tempo, comemorava-se uma vez ao ano durante as festas do mês Etzalqualiztli.

O Ayauhcali ou primeiro oratório dedicado a nosso Senhor Huitzilopochtli foi levantado um pouco ao noroeste da atual catedral metropolitana, e aproximadamente a trezentos metros em idêntica direção do centro da praça da constituição que hoje se chama Zócalo.

Os sucessivos soberanos mexicanos, certamente não economizaram esforço algum ao fazer, para o bem-aventurado Arcanjo Huitzilopochtli, uma casa de devoção digna dele, mas sempre sobre o mesmo terreno ou lugar sacratíssimo escolhido pelo Bendito.

Inquestionavelmente, ao redor desse centro magnético tão singular, surgiram, reinado após reinado, palácios, pirâmides, santuários, etc., etc., etc.

Não está demais asseverar com grande ênfase que a aparição da águia e da serpente aconteceu ao Cuauhcoatl e a sua gente no mesmo lugar, onde depois foi construído o templo do santo Deus Huitzilopochtli.

Falando muito francamente e sem rodeios, declaramos que a grande Tenochtitlán é, acima de tudo, o Templo.

No teocali (casa de Deus) resume-se e concentra totalmente o motivo fundamental da cidade, do povo e do estado.

Centro magnético maravilhoso descansando sublime no solo firme, rochoso.

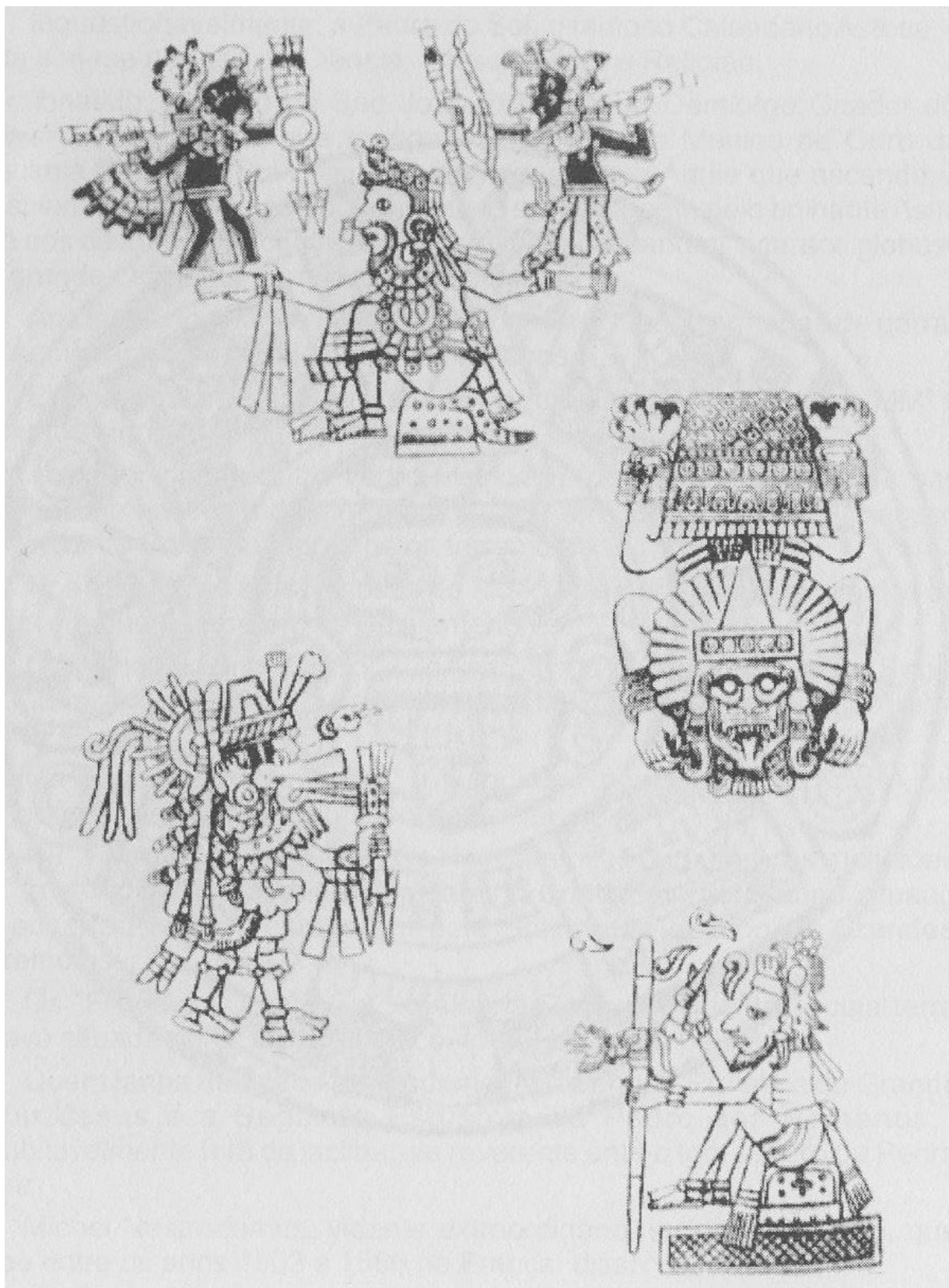
Ilha formosa em meio das águas cristalinas dos pântanos; exótico lugar em uma ampla baía da lacuna legendária.

Muitas cidades e aldeias resplandeciam sob a luz do sol naquelas costas: Azcapotzalco e Tlacopan ao oeste, Coyoacán ao sul, Tepeyacac ao norte, etc.

Os mexicanos tiveram que adaptar a seu serviço grande número de ilhas pequenas, bancos de areia e lama, etc.

Com grande indústria e infinita paciência, aquele povo anfíbio teve que começar por criar o solo acumulando lodo sobre balsas de juncos, afundando muitíssimos canais, terraplenando muito bem as bordas e construir por aqui, por lá e acolá calçadas e pontes.

Foi assim como surgiu a grande Tenochtitlán, centro maravilhoso de uma poderosa civilização serpentina.





CAPÍTULO XII

O CATACLISMO FINAL

Inquestionavelmente, a Pedra do Sol, o famoso Calendário Asteca, é uma síntese perfeita de Ciência, Filosofia, Arte e Religião.

Tonatiuh, o Verbo de São João, o Logos ou Demiurgo Criador do Universo, com sua língua triangular de fogo, é o Menino de Ouro da Alquimia Sexual, o Sol Espiritual da Meia-noite, a Águia que ascende, o Resplandecente Dragão de Sabedoria e se representa pelo brilhante Astro que nos dá luz, vida e calor. Decorado à maneira Nahuatl, aparece glorioso no grande centro da grande pedra Solar.

Aos lados do Grande Rosto, aparecem suas mãos armadas de garras de Águia, estraçalhando corações humanos.

Em questões de esoterismo transcendental, bem sabem os "MM" o profundo significado da saudação com a Garra.

Ao redor da figura do Verbo Mexicano, pode-se ver cinzelada nas grandes dimensões a data "4 Tremor" - dia em que há de concluir nosso atual Quinto Sol, pelo fogo e pelos terremotos.

Nos retângulos maravilhosos do Signo "Tremor", estão esculpidas as datas em que pereceram os Sóis anteriores.

Os "Filhos do Primeiro Sol" (Os Andrógynos Divinos da Primeira Raça) que outrora viveram felizes na "Ilha de Cristal" pereceram devorados pelos Tigres.

Os "Filhos do Segundo Sol" (A Segunda Raça da Terra de Apolo), os Hiperbóreos, foram arrasados por fortes furacões.

Os "Filhos do Terceiro Sol" (Os Hermafroditas Lemures), as multidões da "Terceira Raça" que antes viveram no Continente Lemuriano situado no oceano Pacífico, pereceram pelo Sol, chuva de Fogo e Grandes Terremotos.

Os "Filhos do Quarto Sol", a Quarta Raça (Os Atlantes), cuja terra estava situada no Oceano Atlântico, foram tragados pela água.

Quem tenha estudado profundamente o Sermão Profético do Grande Kabir Jesus e a Segunda Espístola de Pedro aos Romanos, indubitavelmente terá de inclinar-se reverente ante o tom severo da Pedra Solar.

Michel Nostradamus, vidente extraordinário, insigne astrólogo, que viveu entre os anos 1503 e 1566 na França, disse:

"No ano 1999, no sétimo mês, virá do Céu um Grande Rei de Terror" (Vejam os dois primeiros versos da Centuria, 10-72).

Segundo os cálculos astronômicos, só haverá neste século XX dois eclipses totais do Sol: Um em 04 de Fevereiro de 1962 e outro em agosto de 1999.

A horripilante perturbação na órbita e no movimento do Planeta Terra é explicada cientificamente pelo próprio vidente Nostradamus pela aproximação de outro astro que, durante sete dias, aparecerá como outro Sol.

O Apocalipse de São João cita a tal Astro batizando-o com o nome de "Absinto" (Amargura).

Planeta gigantesco, a quem fazemos referência com o nome de Hercólubus, muitos o chamam de Planeta Frio, outros lhe denominam Planeta Vermelho. Inquestionavelmente, é muito maior que Júpiter, o gigante colossal de nosso Sistema Solar.

"Aum eclipse do Sol, disse Nostradamus, acontecerá o mais obscuro e tenebroso verão que jamais existiu desde a Criação até a Paixão e Morte de Jesus Cristo, e desde lá até esse dia, e isto será no mês de Outubro, quando se produzirá uma grande translação de tal modo que acreditarão que a Terra ficou fora de sua órbita e foi precipitada nas trevas externas".

Jesus o grande Kabir, disse:

"E imediatamente depois da tribulação daqueles dias, o Sol se obscurecerá, e a Lua não dará seu resplendor, e as estrelas cairão do Céu e as potências dos Céus serão abaladas".

"Então aparecerá o sinal do Filho do Homem, no Céu: e então lamentarão todas as Tribos da Terra, e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do Céu, com poder e glória".

"E enviará seus Anjos com grande voz de trombeta e juntarão seus escolhidos, dos quatro ventos, desde um extremo do céu até o outro".

"Da figueira aprendei a parábola: Quando seu ramo já está terno e brotam as folhas, sabeis que o verão está próximo".

"Assim também vós, quando vedes todas estas coisas, conhecereis que estais próximo às portas".

"De certo vos digo, que não passará esta geração até que tudo isto aconteça".

"O Céu e a Terra passarão, porém minhas palavras não passarão".

"Porém o dia e a hora ninguém sabe, nem mesmo os Anjos dos céus, senão só meu Pai".

"Mas como nos dias de Noé, assim será a vinda do Filho do Homem".

"Porque nos dias antes do dilúvio estavam comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na Arca. E não entenderam até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim será também a vinda do Filho do Homem".

"Então estarão dois no campo, e um será levado e outro será deixado".

"Duas mulheres estarão moendo em um moinho, uma será levada e a outra será deixada".

"Velai pois, porque não sabes a que hora há de vir nosso Senhor".

"Portanto, também vós estais preparados: porque o Filho do Homem virá à hora que não pensais".

"Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual colocou seu Senhor sobre sua criadagem para que lhe dê seu alimento a tempo".

"Bem-aventurado aquele servo o qual, quando seu Senhor venha, lhe encontre fazendo isso".

"Certamente vos digo que sobre todos seus bens lhe colocará".

"Porém se aquele mau servo disser em seu coração: Meu Senhor tarda em vir";

"E começar a golpear a seus companheiros e, ainda, a comer e a beber com os bêbados".

"Virá o Senhor daquele servo no dia que este não espera, e à hora que não sabe".

"E o castigará duramente, e colocará sua parte com os hipócritas; ali será o choro e o ranger de dentes".

Isaías (XIII, 6-3), disse: "Portanto farei estremecer os céus; e a terra se moverá de seu lugar. Por causa do furor do Senhor dos Exércitos e por causa do dia de sua ardente ira. Porque as estrelas do céu e seus astros não luzirão com luz".

Isaías (XXIV, 19-21): "A Terra se cambaleará como um homem ébrio, será desconjuntada; cairá e nunca mais se levantará".

São Paulo (EP. II): "Antes da segunda vinda de Jesus virá a apostasia, o homem de pecado, o filho de perdição, o qual se levantará sobre tudo o que se chama Deus, ou se adora, se assentará como Deus, no Templo de Deus, querendo parecer-se com Deus".

São Pedro (EP. 2, Cap. 3): "O dia do Senhor virá como ladrão na noite; no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos ardendo se desfazerão, e a terra e todas as obras que nela existem queimarão".

José (Sap. III, 15-16): "O Sol e a Lua se obscurecerão, e as estrelas perderão seu esplendor e a terra se estremecerá".

São João (Apocalipse 6, 12-17): "Houve um grande tremor de terra; e o Sol se obscureceu e a Lua tornou-se como sangue; e as estrelas dos céus caíram sobre a Terra, como quando a figueira lança seus figos verdes sacudida por um vento forte; e o céu retirou-se, os mortos e as ilhas moveram-se de seus lugares, e os Reis da terra e os ricos, se esconderam nas cavernas e rochas dos homens e diziam: Cai sobre nós e oculta-nos da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia de sua ira".

São João (Apocalipse): "Vi um céu novo e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra desapareceram, e o mar já não existia. E aquele que estava sentado no trono disse: "Eis aqui que renovo todas as coisas." E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abrindo-se os livros; e abriu-se outro livro que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras, e o mar deu os mortos que nele haviam; e a morte e o inferno deram os mortos que neles haviam; e foram julgados segundo suas obras"

Dito está no Apocalipse que no fim deste mundo aparecerá o Anti-Cristo (A Ciência Materialista).

A Besta, a Grande Rameira, a Humanidade inteira, cujo número fatal é 666 e o Diabo que os enganava, o intelectualismo ateu, o falso profeta que faz milagres e prodígios enganosos, bombas atômicas, foguetes espaciais, aviões ultra-sônicos, etc., foram lançados dentro do lago de fogo e enxofre nas entranhas da Terra.

O livro de Chilam Balam, jóia sagrada do povo Maia, diz textualmente o seguinte:

"O 13 Ahuau Katun é o décimo terceiro que se conta: Cabal Ixbach, Chachalaca povoado Kinchil Coba, Chachalaca de Rosto Solar, no assento do décimo terceiro Katun".

"Se enegrecerá o ramalhete dos senhores da Terra pela Universal Justiça de Deus, nosso Senhor".

"Se voltará o Sol, se voltará o rosto da Lua; baixará o sangue pelas árvores e pelas pedras; arderão os céus e a terra pelas palavras do Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo, Santa Justiça, Santo Juízo de Deus Nosso Senhor".

"Nula será a força do Céu e da Terra quando entrem ao cristianismo as cidades grandes e os povos, a grande cidade chamada Maax, Macaco, e também a totalidade dos pequenos povos em toda a extensão do país plano Maya Cusamil Mayapán, Colondrina-Maya-su, lugar Estandarte-Cervo".

"Será o tempo em que se alçam os homens dos dois dias (os homossexuais e lésbicas) no rigor da lascívia; filhos de ruins e perversos, cúmulo de nossa perdição e vergonha".

"Dedicados serão nossos infantes à Flor de Maio e não haverá bem para nós"

"Será a origem da morte pelo caráter vingativo ao sair da Lua, e ao entrar a Lua cheia acontecerá a vingança tota). Também os Astros bons luzirão sua bondade sobre os vivos e sobre os mortos".

Melchisedeck, o Gênio da Terra, o Rei do Mundo, fez no Tibete a seguinte profecia:

"Os Homens (ou melhor dizendo: os mamíferos racionais) cada vez mais esquecerão suas Almas para ocupar-se só de seus corpos. A maior corrupção vai reinar sobre a Terra".

"Os Homens se assemelharão às bestas ferozes, sedentos de sangue de seus irmãos".

"A Meia Lua se apagará caindo seus adeptos na guerra perpétua. Cairão sobre eles as maiores desgraças e acabarão lutando entre si".

"As coroas dos Reis, grandes e pequenos, cairão: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, estalará uma terrível guerra entre todos os povos".

"Os Oceanos rugirão... a Terra e o fundo dos mares se cobrirão de esqueletos... desaparecerão reinos, morrerão povos inteiros... a fome, a enfermidade, crimes não previstos nas leis, não vistos nem sonhados pelos homens".

"Virão então os inimigos de Deus e do Espírito Divino, os quais jazem nos próprios homens. Aqueles que levantem a mão sobre outro perecerão também".

"Os esquecidos, os perseguidos, se erguerão depois e atrairão a atenção do mundo inteiro".

"Haverá espessas névoas, tempestades horríveis. Montanhas até então sem vegetação se cobrirão de florestas".

"A Terra toda se estremecerá... Milhões de homens mudarão as correntes da escravidão e das humilhações pela fome, pela peste e morte "As estradas se encherão de multidões de pessoas caminhando ao acaso de um lado para outro".

"As maiores, as mais belas cidades desaparecerão pelo fogo... Um, dois, três, de cada dez mil homens sobreviverá um, o qual ficará desnudo, destituído de todo entendimento, sem forças para construir sua vivenda ou conseguir alimentos. E estes homens sobreviventes uivarão como lobos ferozes, devorarão cadáveres e mordendo sua própria carne, desafiarão a Deus para combate".

"A Terra toda ficará deserta e até Deus fugirá dela... Sobre a Terra vazia, a Noite e a Morte".

"Então, eu enviarei um povo desconhecido até agora (O Exército de Salvação Mundial) o qual com mão forte arrancará as más ervas do terreno do cultivo do vício, e conduzirá aos poucos que permanecem fiéis ao Espírito do homem na batalha contra o mal".

"Fundarão uma nova vida sobre a Terra purificada pela morte das nações".

"Esta profecia é aceita pelos Gnósticos, os quais a interpretam como o fim da idade negra ou Kali-Yuga, depois segundo eles, haverá uma nova civilização e uma nova cultura".

Santa Odelia, aquela princesa alemã nascida no ano 660, que com tanto acerto profetizou a Alemanha de Hitler e a Segunda Guerra Mundial, mencionou para o final do Kali-Yuga, "estranhos monstros surgindo dos mares e espalhando o terror".

"Serão vistos prodígios no oriente: uma grande nuvem negra espalhará a desolação".

Mãe Shipton, a famosa vidente do século XV, nascida na Inglaterra, predisse em sua época coisas que certamente produziram assombro, vejamos algumas de suas predições:

Automóveis e trens: "Carros sem cavalos correrão e acidentes encherão o Mundo de dor".

Radiotelegrafia: "Os pensamentos irão ao redor do mundo no tempo de abrir e fechar dos olhos".

Submarinos: "Debaixo da água os homens se moverão, irão viajando, dormirão e conversarão".

Aviões: "Veremos os homens no ar, em branco, negro e verde".

Grande Catástrofe Mundial: "O mundo chegará a seu fim em 1999".

O Grande Kabir Jesus disse: "Porém daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem mesmo os Anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai".

"Velai, pois porque não sabes quando virá o Senhor da Casa (nem em que data, nem em que ano), se ao anoitecer, ou à meia-noite, ou ao canto do galo, ou na manhã".

"Para que quando venha de repente não os encontre dormindo (ou seja, com a consciência adormecida)".

"E o que a vós digo, a todos lhes digo: Velai (Despertai Consciência)".

Os tempos do fim chegaram e o Grande Incêndio Universal se encontra já demasiado próximo.

É oportuno citar alguns versículos extraordinários do Alcorão:

"Entre os sinais que devem preceder à chegada da hora derradeira, encontra-se o sinal de que a Lua se partirá em duas. Porém, apesar disso, os incrédulos não darão crédito a seus olhos".

(É inquestionável que de modo algum se trata de uma divisão geológica de nosso satélite vizinho. Interpreta-se tal profecia de Maomé no sentido Político Militar. Desde o ano de 1980 em diante, observe-se os Movimentos do Islam, só assim poderemos compreender o que acontecerá aos adeptos da Meia Lua).

"Quando se toque a trombeta pela primeira vez..."

"Quando a terra e as montanhas sejam levadas pelos ares e amassadas de um só golpe..."

"Quando o céu se desgarre e caia em pedaços..."

"Esse dia será o dia inevitável".

(Já explicamos anteriormente os efeitos que a visita do Planeta Hercólubus produzirá em nosso mundo Terra; indubitavelmente esta sofrerá violentamente as diferentes mudanças profetizadas por Maomé no Koran).

"O golpe que é! Será o Dia do Juízo Final!"

"Quem tenha obras que pesem na balança, terão uma vida agradável. Quem tiver a balança leve, terão por morada a fossa ardente" (Os Mundos Infernais).

"Quando a Terra trema com esse tremor que lhe está reservada..."

"Quando tenha vomitado os mortos que repousam em suas entranhas... o homem se preparará para ser julgado".

"O Sol será desgarrado, as estrelas cairão, as montanhas serão colocadas em movimento e terminarão estilhaçando-se contra o solo. O céu explodirá em mil pedaços e os mares e rios se confundirão suas águas".

"As tumbas se entreabrirão e ressuscitarão os mortos".

"Os que tenham praticado o bem terão a felicidade sem limites; porém os reprovados serão também castigados sem mensura."

No Mundo Causal, eu contemplava, com assombro místico, a Grande Catástrofe que se avizinha, e como queira que essa é a região da música inefável, a Visão foi ilustrada na corrente do som.

Certa deliciosa sinfonia trágica ressoava entre os fundos profundos do Céu de Vênus. Aquela partitura assombrava, em geral, pela grandeza e majestuosidade; e pela inspiração e beleza de seu traçado, pela pureza de suas linhas e pelo colorido e matiz de sua sábia e artística ilustração doce e severa. Grandiosa e terrorífica, dramática e lúgubre por sua vez...

Os temas melódicos fragmentários (Leitmotvs) que se ouvem no Mundo Causal, nas diferentes situações proféticas, são de grande potência expressiva e em íntima relação com o grande acontecimento, e com os acontecimentos históricos que inevitavelmente lhe precederão no tempo.

Há na partitura dessa ópera cósmica, fragmentos relacionados com a Terceira Guerra Mundial; sonoridades deliciosas e funestas, acontecimentos horripilantes, bombas atômicas, radioatividade espantosa em toda a Terra, fome, destruição total das grandes metrópoles, enfermidades desconhecidas, revoluções de sangue e aguardente, ditaduras insuportáveis, Ateísmo, Materialismo, crueldade sem limites, campos de concentração, ódios mortais, multiplicação de fronteiras, perseguições religiosas, Mártires místicos, Bolcheviquismo excretável, anarquismo abominável, intelectualismo desprovido de toda espiritualidade, perda da vergonha orgânica, drogas, álcool, prostituição total da mulher, exploração infame, novos sistemas de tortura, etc., etc.

Misturados com uma arte sem precedentes se escutarão escalafriantes temas relacionados com a destruição das poderosas metrópoles do mundo; Paris, Roma, Londres, Nova Iorque, Moscou, etc., etc., etc.

Nostradamus em célebre carta dirigida a Henrique II, disse: "Quando o Sol fique completamente eclipsado, passará um novo e colossal celeste que será visto em pleno dia, porém os Astrólogos (referindo-se aos famosos astrónomos de hoje e do futuro), interpretarão os efeitos deste corpo de outro modo (Mui ao moderno, este pela má interpretação) ninguém terá provisões para as fases de penúrias (Alusão à Grande Catástrofe)".

Nostradamus, Médico, Astrólogo e clarividente iluminado, inclusive em suas predições, o assunto é da revolução dos eixos da Terra mas não indica uma data exata, adequada de quando acontecerá, sem dúvida a conecta com o duplo eclipse que terá lugar no ano de 1999.

Indubitavelmente, haverá uma conjunção extraordinária sob o Signo Zodiacal de Capricórnio que deixará sentir sua influência desde 1984 concluindo no ano de 1999.

A Grande Mestra H.P.B. predisse há muitos anos que haverá um levantamento mundial para fins do presente século.

João, o Evangelista, disse: "Quando os pássaros de ferro desovem os ovos de fogo; quando os homens dominem os ares e cruzem os fundos dos mares; quando os mortos ressuscitem; quando descenda fogo dos céus e os homens dos campos não puderem alcançar as cidades e os das cidades não puderem fugir para os campos, quando estranhos aparelhos forem vistos nos céus e coisas extravagantes forem vistas da terra".

"Quando criaturas jovens e velhas tiverem visões, premonições e fizerem profecias; Quando os homens se dividirem em nome do Cristo; quando a fome, a sede, a miséria, a doença e os cemitérios substituam as populações das cidades".

"Quando Irmãos de sangue se matem entre si e as criaturas adorem à besta, então os tempos chegaram".

O Apóstolo São Paulo, em sua Epístola aos Telsonenses (1 Cap. V 29-31), adverte que: "Não menosprezeis as Profecias, examinai, retai o bom".

A História cíclica da humanidade se abre, no capítulo VI do Gênesis, com o relato do dilúvio universal (a submersão do Continente Atlântico) e conclui no XX do Apocalipse, nas chamas ardentes do juízo final.

Moisés, salvo das águas embravecidas da Vida, escreveu o primeiro: São João, figura extraordinária da exaltação solar fecha o livro sagrado com os Selos de Fogo e de Enxofre.

A partir disto, e pese sua aparente universalidade, a terrorífica e prolongada ação dos elementos desencadeados, estamos convencidos de que o Grande Cataclismo que se avizinha não atuará igualmente em todas as partes nem em toda a extensão dos continentes e dos mares. Algumas terras privilegiadas abrigarão aos homens, mulheres e crianças do Exército de Salvação Mundial...

Ali durante algum tempo, aquelas Almas seletas serão testemunhas do duelo espantoso da água e do fogo...

O duplo Arco-íris anunciará o encanto de uma nova Idade de Ouro, depois da Grande Catástrofe.

Virgílio, o grande profeta de Mantua, Mestre de Dante Florentino, disse: "Já chegou a Idade de Ouro e uma nova Progenie manda..."

Inquestionavelmente, apesar de ser a Bíblia o livro eterno, imutável o Livro cíclico por excelência, em nenhum de seus versículos disse que o ano 1999 seja precisamente o da Grande Catástrofe.

Sem dúvida, e apesar de ignorar-se ainda a data exata da catástrofe que se avizinha, pois só o Pai conhece o dia e a hora, sabemos por experiência direta que "Os Tempos do Fim já chegaram e que estamos neles..."

Nossa intenção não é empreender aqui uma refutação contra os partidários de tal data, só queremos dizer que na Bíblia, apesar de conter em si mesma a revelação de toda a história humana, incluindo cá e lá os próprios anais dos povos, jamais disse que no ano 1999 pereceria a Raça Ária... (A presente humanidade).

Sem dúvida, os eruditos de modo algum podem ignorar que na Bíblia está a narração "In Extenso" do périplo que efetua cada Grande Geração Cíclica...

A Humanidade já está completamente madura para o castigo supremo, o fim desta humanidade vergonhosa se aproxima...

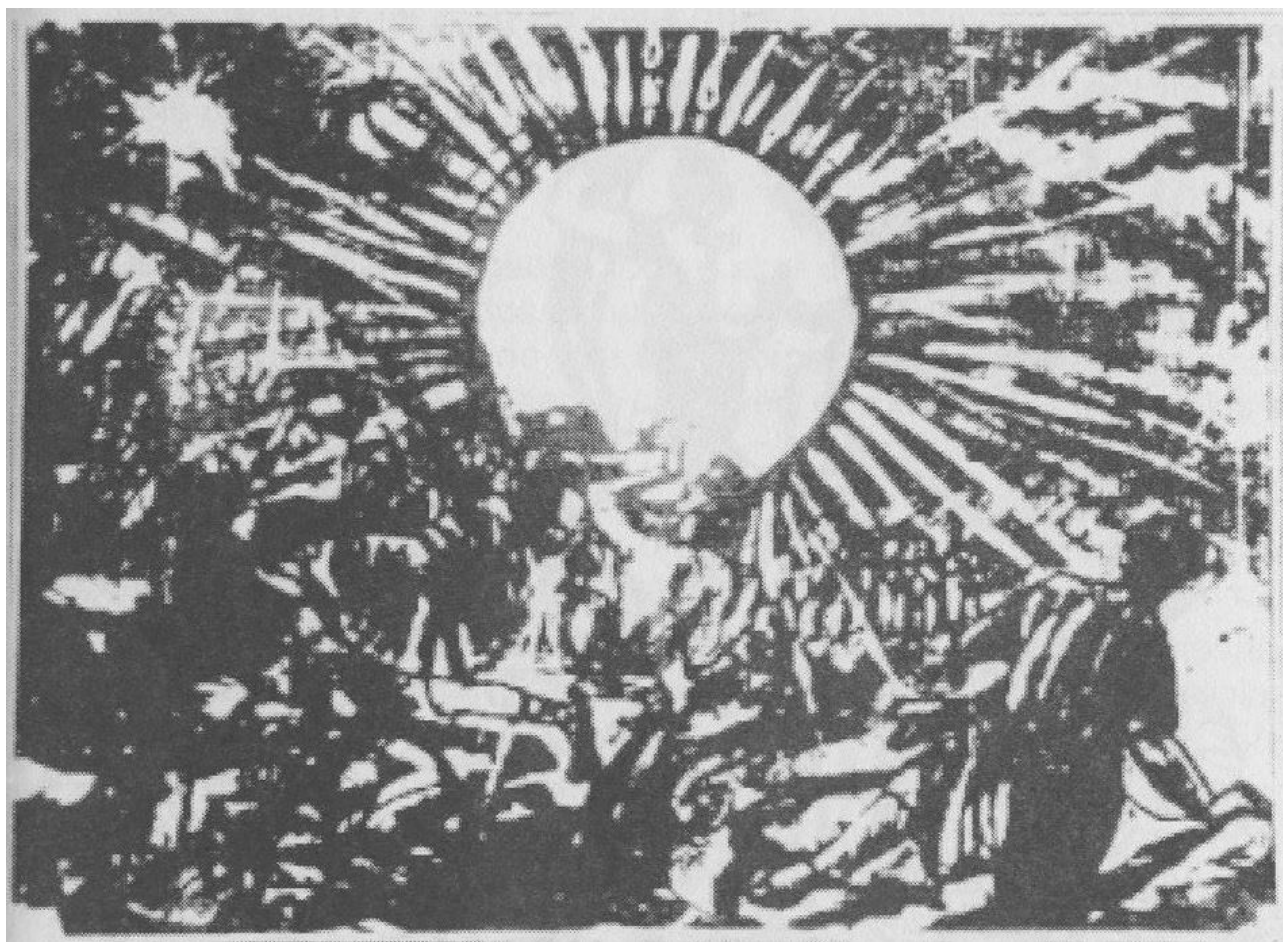
A análise Kabalística demonstra que nos números dois (2), cinco (5) zero (0), zero (0), se encerra o segredo da Grande Catástrofe, quem tenha entendimento que entenda porque aqui há sabedoria...

Desafortunadamente, as pessoas jamais sabem penetrar no profundo significado de certas quantidades Kabalísticas, é lamentável que tudo o interpretam literalmente.

É preciso aguardar com sangue frio a hora suprema do castigo para muitos e do martírio para alguns...

"E antes de tudo, deveis saber - disse Pedro - como nos derradeiros dias virão com suas burlas, escarnecedoras, que vivem segundo suas concupiscências, e dizem: Onde está a promessa de sua vinda? Porque desde que morreram os pais, tudo permanece igual desde o princípio da Criação".

"Porém virá o dia do Senhor - na data que só o Pai conhece - como ladrão, e nele passarão com estrondo os céus e os elementos abrasados se dissolverão e desta mesma forma a Terra com as obras que nela existem".





CAPÍTULO XIII

PARAÍÇOS E INFERNOS

"Oh, bem-aventurado Mixcoatl, bem merece ser louvado em cantar, e bem merece que tua fama viva no mundo, e que os que dançam nos areitos lhe tragam na boca, ao redor dos subúrbios e tamborins de Huexotzinco para que regozije e apareça a teus amigos os nobres e generosos, teus parentes!"

"Oh, glorioso mancebo! Digno de todo louvor, que ofereceu teu coração ao sol, limpo como um colar de safiras, outra vez voltará a brotar, outra vez voltará a florescer no mundo, virá aos areitos, e entre os tambores e tamborins de Huexotzinco, aparecerá aos nobres e varões valorosos, e lhe verão teus amigos."

(Sahagun, 11, 140)

"Quantos morriam na guerra, ou no altar do sacrifício, foram à casa do sol. Todos andavam unidos em uma imensa planície. Quando o sol vai aparecer, quando é tempo de que saia, começam eles, então, a lançar gritos de guerra, fazem ressonar as cascavéis que levam nos tornozelos e a golpear seus escudos."

"Se seu escudo está perfurado por duas ou por três flechas, por aquelas fendas podem contemplar o sol; mas aqueles cujo escudo não tem abertura alguma não podem olhar ao sol".

"Quantos caíram mortos entre pitas e cactos, entre espinhosas acácias, e quantos ofereceram sacrifícios aos Deuses, podem contemplar ao sol, podem chegar até ele".

"Quando transcorreram quatro anos se mudam em belas aves: colibris, pássaros, moscas, aves douradas com buracos negros ao redor dos olhos; ou em mariposas brancas reluzentes, em mariposas de fino pelame, em mariposas grandes e multicoloridos, como os copos de beber, e andam libando lá no lugar de seu repouso, e vir a terra e libam em vermelhas flores que assemelham sangue: a eritrina, a flor-de-coral, a carolina, a caliandra".

(Épico Nahuatl).

"Disseram os velhos que o sol os chama para si, e para que vivam com ele lá no céu, para que lhe regozijem e cantem em sua presença e lhe façam prazer".

"Estes estão em contínuos prazeres com o sol, vivem em contínuos deleites, saboreiam e sugam a fragrância e o sumo de todas as flores saborosas e cheirosas, jamais sentem tristeza nem dor, nem desgosto porque vivem na casa do sol, onde há riquezas de deleites"

"E estes que desta maneira morrem nas guerras, são muito honrados aqui no mundo, e esta maneira de morte é desejada de muitos."

"Muitos têm inveja aos que assim morrem, e por isso todos desejam esta morte, porque os que assim morrem são muito elogiados".

(Sahagun, 11, 140).

Enigmáticos poemas solares... Verdades transcendentais que a Antropologia profana desconhece.

Muito se falou sobre a Makara o "escamoso", o famoso Dragão voador de Medéia.

No Museu Britânico pode ver-se ainda um exemplar de Dragão alado e com escamas.

O grande Dragão somente respeita e venera as Serpentes de Sabedoria. É lamentável que os assiriólogos ignorem, na verdade, a condição do Dragão na antiga Caldéia.

O signo maravilhoso do Dragão tem, certamente, sete significados esotéricos.

Não está demais afirmar de forma enfática que o mais elevado é idêntico ao "Nascido por si", o Logos, O Aja hindu.

Em seu sentido mais infernal é o Diabo, aquela excelente criatura que antes se chamou Lúcifer, o Fazedor de luz, o Luzeiro da manhã, o "latão" dos velhos alquimistas medievais.

Entre os gnósticos cristãos chamados Naassênios ou adoradores da Serpente, era o Dragão o Filho do Homem. Suas sete estrelas luzem gloriosas na mão direita do Alfa e Omega do Apocalipse de São João.

É lamentável que o Prometeu-Lúcifer dos antigos tempos se transformou no Diabo de Milton...

Satanás voltará a ser o Titã livre de antigamente quando tivermos eliminado de nossa natureza íntima a todo elemento animal.

Necessitamos com urgência máxima, inadiável, branquear ao Diabo, e isto só é possível lutando contra nós mesmos, dissolvendo todo esse conjunto de agregados psíquicos que constituem o Eu, o mim Mesmo, o si mesmo.

Só morrendo em si mesmos poderemos branquear ao latão e contemplar ao Sol da Meia-noite, ao Pai.

Quantos morrem na guerra contra si mesmos; aqueles que obtêm a aniquilação do mim Mesmo luzem esplendorosos no espaço infinito, penetram nos distintos departamentos do Reino (entram na Casa do Sol).

A alegoria da guerra nos céus tem sua origem nos templos da Iniciação e nas criptas arcaicas.

Brigam Miguel contra o Dragão vermelho e São Jorge contra o Dragão negro; travam-se sempre em luta Apolo e Píton, Krishna e Kaliya, Osíris e Tiphon, Bel eo Dragão, etc., etc., etc.

O Dragão é sempre a reflexão de nosso próprio Deus íntimo, a sombra do divino Logos que do fundo do Arca da Ciência, em espreita mística, aguarda o instante de ser realizado.

Lutar contra o Dragão significa vencer as tentações e eliminar a todos e cada um dos elementos desumanos que levamos dentro: ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça, gula, etc., etc., etc.

Aqueles que morrem no Altar do Sacrifício, ou seja, do "sacro-ofício" na Nona Esfera, vão à Casa do Sol, integram-se com seu Deus.

Na terra sagrada dos Vedas, Aryuna treme e se estremece em pleno campo de batalha ao compreender que deve matar a seus próprios parentes (seus múltiplos eus ou defeitos psicológicos do exército inimigo).

Para os mexicanos autênticos, o que determina o lugar ao que vai a Alma depois da morte é o gênero específico da mesma e o tipo de trabalhos que em vida teve tal defunto.

Ainda os guerreiros inimigos que morreram na dura briga ou que, capturados como prisioneiros foram sacrificados no Tezcatl, a pedra dos sacrifícios, ingressam no sublime Reino da luz dourada (o Paraíso Solar). Estes têm um Deus especial, quero me referir ao Teoyaomiqui, a "Deidade dos inimigos mortos".

O aspecto esotérico deste tema da religião popular é transcendental.

Entender isto é inadiável. "Os cristãos também deveriam venerar aos Santos de outros credos, religiões e línguas".

As mulheres mortas em parto, que tais moram no paraíso ocidental sabiamente denominado "Cincalco", a "casa do milho", são também muito veneradas.

Indubitavelmente, antes de transformar-se em deusas, as fêmeas mortas no parto gozam de extraordinários poderes mágicos, conforme afirma a Religião de Anahuac.

Diz-se da mulher que morreu de parto, que venceu ao inimigo. Os jovens guerreiros cobiçam seu braço direito e tratam de apoderar-se dele porque este os fará invencíveis no combate, motivo pelo qual tais cadáveres foram sempre devidamente vigiados por homens do clã, armados de lança em riste a fim de evitar a mutilação.

Resulta interessante que tais mulheres, antes de converter-se em deusas, baixem à terra convertidas em fantasmas terroríficos e de mau agouro, levando na cabeça uma caveira e com mãos e pés providos de garras, conforme dizem os mistérios de Anahuac.

Estados post-mortem extraordinários os daquelas nobres mulheres que morrem no parto.

Àquele desmaio de três dias mencionado pelo Bardo Thodol, e que sempre sucede depois do falecimento do corpo físico, revivem aquelas defuntas a vida que acaba de passar e então parecem fantasmas sofrendores e de horripilante aparência.

Porém, concluídas as experiências retrospectivas da existência finalizada, a "essência", em ausência do Eu, eleva-se de esfera em esfera até submergir-se na felicidade solar.

Muito mais tarde no tempo, concluído o bom Dharma, essas Almas têm que retornar inevitavelmente a uma nova matriz.

Os sábios sacerdotes de Anahuac afirmaram sempre de forma enfática que as "Cihuateteo" ou "mulheres deusas" mortas no parto, vivem no paraíso ocidental chamado "Cincalco, a "casa do milho".

Do gérmen, do grão, nasce a vida, e elas deram sua vida precisamente, pela nascente criatura.

A Mãe Natura sabe pagar sempre da melhor maneira o sacrifício solene dessas benditas mulheres.

É indescritível a felicidade dessas Almas nos céus da Lua, Mercúrio, Vênus e o Sol...

Desgraçadamente, toda recompensa se esgota, e ao fim, aquelas Almas voltam para o interior do Eu com o propósito de penetrar em uma nova matriz.

Os que morrem afogados entre as águas tormentosas dos rios ou dos mares, ou entre as ondas dos profundos lagos, ou pelo raio, ingressam ditos ao Paraíso de Tlaloc que fica ao sul, a região da fertilidade e da abundância, onde existem árvores frutíferas de toda classe e abunda o milho, o feijão, a salva e muitíssimas outras manutenções.

As esplêndidas pinturas encontradas no Templo de Teotihuacan vêm a nos demonstrar a firme crença no Tlalocan, o famoso Paraíso de Tlaloc.

Nas dimensões superiores da natureza existem muitos paraísos de felicidade; não está demais recordar o Reino do Budha Amitabha localizado pelos lamas tibetanos no Oeste.

No Bardo Thodol se citam vários desses Édens: "O Reino da Suprema Felicidade", "O Reino da Densa Concentração", "O Reino dos largos Cabelos", Vajra-Pani ou o Vihara Ilimitado da Radiação do Lótus, Padma-sambhava na presença do Urygan, etc., etc., etc.

A Doutrina Secreta de Anahuac ensina que existem treze céus, e afirma solenemente que no mais alto destes, vivem as Almas dos meninos que falecem antes de ter uso de razão.

Diz a doutrina do México antigo que essas Almas inocentes esperam que se destrua a presente humanidade no grande cataclismo que se avizinha para reencarnar na nova humanidade. No Tibete milenar, o Bardo Thodol guia aos defuntos que desejam liberar-se para não retornar às amarguras deste mundo.

Na terra sagrada dos faraós muitas Almas conseguiram escapar desta cloaca do Shamsara depois de ter trabalhado na dissolução do Ego.

Terríveis provas aguardam os defuntos que não desejam retornar a este mundo; quando saem vitoriosos ingressam nos já citados reinos supra-sensíveis. Nessas regiões são instruídos e auxiliados antes de submergirem-se ditos como meninos inocentes no Grande Oceano.

Muitas dessas Almas voltarão na Idade de Ouro, depois do grande cataclismo, para trabalhar em sua Auto-realização íntima.

Inquestionavelmente, resulta inteligente saber retirar-se a tempo, antes que conclua o "ciclo de existências".

É preferível retirar-se da "escola da vida" antes de ser expulso; a involução submersa dentro das entranhas da Terra, no tenebroso Tártarus, certamente é muito dolorosa.

No país ensolarado de Kem, na época do faraó Kefren conheci pessoalmente certo caso exemplar.

Trata-se de um cidadão muito religioso que jamais fabricou os "corpos existenciais superiores do Ser".

Aquele místico, muito sério em si mesmo, acreditando-se incapaz para as ordálias da Iniciação, e sabendo o destino que aguarda as Almas depois de cada ciclo ou período de existências, preferiu retirar-se do cenário cósmico.

Aquele devoto jamais conheceu o mistério inexprimível do Grande Arcano, mas tinha ao Eu e sabia que o tinha e desejava desintegrá-lo para não retornar depois da morte a este vale de lágrimas.

É visível que sua Divina Mãe Kundalini, Tonantzin, Ísis, sempre lhe assistiu no trabalho de dissolução desses elementos que constituem o "mim Mesmo".

Jamais afirmaria que aquele religioso obtivesse então a eliminação total dos elementos desumanos, porém, avançou muito em seu trabalho, e depois da morte do corpo físico, continuou no mais além com o propósito inquebrantável de não voltar para este mundo.

Posteriormente, depois do sabido desmaio dos três dias, essa Alma teve que reviver de forma retrospectiva a existência finalizada.

Concluído o trabalho retrospectivo, informado o defunto sobre o resultado de todas suas ações, tanto boas como más, este continuou firme no propósito de não retornar mais.

O uivo terrorífico do Lobo da Lei que tanto espanta aos defuntos, o furacão espantoso da Justiça objetiva, as sinistras tempestades do país dos mortos, os inumeráveis casais que copulam incessantemente, as atrações e repulsões, simpáticas e antipáticas, os erros cavernosos, etc, nunca conseguiram fazer desistir àquela Alma de seu firme propósito.

A voz solene dos sacerdotes egípcios, que em vida lhe tinham prometido ajuda, chegava até o defunto lhe recordando seu propósito.

Keh, seu Pai que está em segredo, e Nut, sua Divina Mãe Ísis, submeteram ao filho - o defunto - à prova final, porém, o desencarnado saiu vitorioso.

Como sequência de todos estes triunfos íntimos, aquele defunto ingressou ditoso em um paraíso molecular muito similar ao de Tlaloc.

Em tal região de indiscutíveis delícias naturais, aquela criatura continuou com pleno êxito o trabalho sobre si mesmo.

Devi Kundalini, Tonantzin, Ísis-María, sua Divina Mãe particular, auxiliou-lhe de forma direta eliminando de sua psique aos resíduos desumanos que ainda restavam.

Conforme o defunto ia reconquistando a inocência, à medida que morria mais e mais em si mesmo, passava também por distintas metamorfoses. A princípio assumiu a figura inefável de uma tenra donzela, e por último, a de uma menina de três anos, então, como um simples "Budha elemental" se submergiu entre o oceano do Espírito Universal de Vida, mais além do bem e do mal.

Obviamente, aquela criatura foi sincera consigo mesma; não se sentindo capaz para alcançar o Adeptado, preferiu separar-se do cenário do mundo, retornar ao ponto de partida original, continuar como simples elemental.

Essas Almas podem reencarnar-se, se assim o quiserem na futura Idade de Ouro, depois do grande cataclismo que se avizinha, para ingressar nos mistérios, porém, a maioria dessas inocentes criaturas prefere ficar para sempre nesse lado elemental.

Quando os Iniciados do velho Egito dávamos estes ensinamentos ao povo, sentávamo-nos em grupos de quatro ante pequenas mesas quadradas; com isto alegorizávamos aos quatro estados fundamentais pelos quais deve passar toda Alma que deseje retirar-se da roda do Shamsara.

Consumada a eliminação dos resíduos desumanos na psique do defunto, este terá que experimentar em si mesmo o "vazio iluminador", isto é o Darmakaya.

Este vazio não é da natureza do vazio de um nada, senão um vazio inteligente, é o estado do Espírito no Sambogakaya.

Vazio e claridade inseparáveis. Vazio claro por natureza e claridade por natureza vazia é o Adi-Kaya, a Inteligência iluminada.

A iluminada Inteligência, brilhando sem obstáculos no defunto que conseguiu morrer completamente em si mesmo, irradiará por toda parte: é o Nirmanakaya.

Tão somente pela experiência direta nos quatro kayas é possível obter a Liberação Total.

Muito diferente é a sorte que aguarda as Almas que concluem qualquer período de manifestação sem haver-se liberado.

Aqueles que não têm sido escolhidos pelo Sol, ou por Tlaloc, -dizem os astecas-, vão simplesmente ao Mictlan e aí essas Almas padecem espantosas provas mágicas ao passar pelos infernos.

Em primeiro lugar, para chegar ao Mictlan têm que passar pelo lamacento rio, o Aqueronte ou Chicnahuapan, no Barca de Carón, como diz Dante em sua Divina Comédia. Inquestionavelmente, essa é a primeira prova à que se submetem os "deuses infernais".

"Ai de vocês, Almas perversas! Não esperem nunca ver o céu. Venho para lhes conduzir à outra borda, onde reinam eternas trevas, no meio do calor e do frio..."

Continuam os sábios mexicanos dizendo que depois a Alma tem que passar entre duas montanhas que se juntam; em terceiro lugar, por uma montanha de obsidiana; em quarto lugar, pela região aonde uiva tremendo um vento muito gelado; depois, por onde flutuam as bandeiras; o sexto lugar em que se flecha; no sétimo círculo dantesco estão as feras que comem os corações; no oitavo, dizem está a passagem estreita entre lugares e pedras; e no nono e último círculo de Dante, dentro do interior da Terra, existe o Chicnahumictlan, onde se passa pela "Segunda Morte tão sabiamente descrita pelo Apocalipse de São João.

Posteriormente, essas Almas descansam ingressando nos paraísos elementais da natureza; então iniciam novos processos evolutivos que têm que começar pelo reino mineral, prosseguir no vegetal, continuar no animal e culminar no estado Humanóide que outrora se perdeu.



CAPÍTULO XIV

O BINÁRIO SERPENTINO

O binário serpentino no México pré-hispânico é certamente algo que nos convida à reflexão.

As duas serpentes ígneas ou Xiuhcoatlés, que graciosamente rodeiam ao Sol no calendário asteca, também rodeavam ao Templo Maior da grande Tenochtitlán e formavam o famoso Coatepantli ou "muro de serpentes".

A serpente asteca aparece constantemente em situações extraordinárias que transtornam integralmente seu determinismo orgânico: a cauda, representada por uma segunda cabeça em atitudes insólitas, conduz-nos, por simples dedução lógica, ao binário serpentino.

A dupla cabeça, que recorda com inteira claridade à figura de serpente em círculo, naquele transe Gnóstico de devorar a sua própria cauda, aparece nos muros sagrados do Templo do Quetzalcoatl nas ruínas de Xochicalco.

Binários serpentinos, já dançando exoticamente devidamente enroscados na mística figura do Santo Oito, já de forma encadeada formando círculo ao estilo maia, etc., estão nos indicando algo misterioso, extraordinário e mágico.

Não está demais neste Tratado citar enfaticamente ao duplo caráter esotérico da serpente.

Distinga-se entre a serpente tentadora do Éden e a Serpente de bronze que sanava aos israelitas no deserto; entre a horripilante Píton que se arrastava no lodo da terra e que Apolo, irritado feriu com seus dardos e essa outra que subia pela vara de Esculápio, o Deus da Medicina.

Quando a Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes sobe pelo canal medular espinhal do organismo humano, é nossa Divina Mãe Kundalini.

Quando a serpente ígnea baixa projetando-se do osso coxígeo para os infernos atômicos do homem, é o abominável Órgão Kundartiguador.

O Venerável Mestre "G" cai no gravíssimo erro de atribuir à Serpente ascendente (Kundalini) os poderes hipnóticos e horríveis da serpente descendente (o abominável Órgão Kundartiguador).

Kundalini é uma palavra composta: "kunda", vem a nos recordar ao abominável Órgão Kundartiguador; "lini", é um termo Atlante que significa fim. Kundalini, em alta gramática, pode e deve traduzir-se assim: Fim do abominável Órgão Kundartiguador.

A ascensão vitoriosa da Kundalini pelo canal medular espinhal marca o fim do abominável Órgão Kundartiguador.

Indubitavelmente, o Doutor Maurice Nicoll e Ouspensky, o grande Iniciado, aceitaram este erro do Mestre "G".

O chamado Mestre considerava que sua Mãe Cósmica era o sagrado Prana. Se o Mestre "G" tivesse estudado ao binário serpentino nos "muros sagrados" dos templos mexicanos, toltecas, maias, etc., indubitavelmente jamais teria caído nesta confusão.

A loga indostânica faz exaustivas análises sobre esse Fogo serpentino anular (Kundalini) que se desenvolve ascendente no corpo do asceta, porém muito pouco diz sobre a serpente descendente ou "cauda demoníaca", cuja força elétrica mantém em transe hipnótico a toda a humanidade doente.

Se estes pobres mamíferos intelectuais que povoam a face da Terra pudessem ver com inteira claridade meridiana o lamentável estado no qual se encontram, desesperadamente procurariam a forma de escapar.

Logo que o pobre animal intelectual desperta, embora somente seja por um instante fugaz, e abre os olhos ante o cru realismo da vida, imediatamente o formidável poder hipnótico da serpente terrível do abismo volta à carga com força multiplicada e a infeliz vítima cai adormecida outra vez, sonhando que está desperta ou a ponto de despertar.

Somente o Gnóstico sincero que compreende integralmente a dificuldade de despertar consciência, sabe que isto último só é possível apoiado em trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A grande víbora infernal conhece todo o *modus operandi* da imaginação mecânica. (Jamais nos pronunciaríamos contra o diáfano ou translúcido, que é conhecido como imaginação objetiva, consciente.)

A cobra abismal, mediante a imaginação mecânica que é seu agente primitivo, trabalha de acordo com os interesses da natureza e nos mantém perdidos no estado de transe hipnótico profundo.

Mediante os mecanismos da fantasia, justificamos sempre nossas piores infâmias, evitamos responsabilidades, procuramos escapatórias, nos autoconsideramos, nos autoqualificamos da melhor maneira, acreditamo-nos justos e perfeitos.

Cabe pensar que há forças para as quais é útil e proveitoso manter ao mamífero racional em estado de sonho hipnótico e lhe impedir de ver a verdade e compreender sua posição na vida.

Ostensivelmente, a maioria de nós encontra tais desculpas, e está de tal modo sob a néscia e sutil atividade da justificação do mim mesmo com a cumplicidade da imaginação mecânica, que em realidade jamais suspeitaria a existência íntima de seus muito naturais erros psicológicos...

Por exemplo, se formos cruéis com a esposa, filhos, parentes, etc., em realidade o ignoramos...

O mais grave é que permitimos que esta situação prossiga, sobre tudo porque nós gostamos e é tão fácil, e se nos acusam de crueldade, provavelmente sorriremos pensando que não compreendem nossa justiça, nossa misericórdia e amor infinito...

Estamos colocados entre os horripilantes anéis da Grande Serpente, mas acreditamo-nos livres.

Diz a lenda dos séculos que quando Krishna -o grande Avatara do Hindustão- fez quinze anos, foi procurar ao patriarca Nanda e lhe disse: Onde está minha mãe?" (A Serpente ascendente Kundalini.)

"-Meu filho, não me pergunte isso, respondeu o patriarca, tua mãe voltou para o país de onde veio e não sei quando voltará..."

"Krishna caiu em tristeza profunda, abandonou a seus companheiros e errou várias semanas pelo Monte Meru..."

"Ali tropeçou com um ancião de pé sob o cedro gigantesco. Entre ambos se olharam por longo tempo..."

"-A quem buscas? Disse-lhe o anacoreta".

"-A minha mãe, onde a encontrarei?"

"-Ao lado Daquele que não muda nunca". (O Pai que está em segredo).

"-Mas, como encontrar a Aquele?"

"-Busca, busca sempre e sem fim (dentro de ti mesmo)".

"-Mata ao touro (o Ego animal) e esmaga à serpente (do abismo)".

"Depois advertiu Krishna que a forma majestosa do ancião se tornava transparente, logo trêmula, até desaparecer entre os ramos qual uma vibração luminosa..."

"Quando Krishna descendeu do Monte Meru parecia radiante e transfigurado; uma energia mágica brotava de seu Ser".

"-Vamos lutar contra os touros e as serpentes (abismais); vamos defender aos bons e subjugar aos malvados, disse a seus companheiros".

"Com o arco e a espada, Krishna e seus irmãos, os filhos dos pastores, bateram na selva todas as bestas ferozes."

"Krishna matou ou domou leões, fez a guerra a reis perversos e liberou tribos oprimidas, mas a tristeza invadia o fundo de seu coração..."

"Sua Alma só tinha um desejo profundo, misterioso: encontrar a sua Mãe Divina Kundalini e voltar a encontrar ao sublime ancião (seu Mestre); mas apesar da promessa deste, e do muito que tinha lutado e vencido, não podia consegui-lo".

"Um dia ouviu falar de Kalayoni, o rei das serpentes, o mago negro guarda do templo de Kali (Coatlicue, Proserpina, Hécate), a horripilante deusa do desejo e da morte, e pediu para lutar com a mais temível de suas serpentes, aquela serpente eterna (o abominável Órgão Kundartiguador) que tinha devorado já a tantas centenas de guerreiros excelsos, cuja baba corroía os ossos e cujo olhar semeava o espanto em todos os corações..."

"Do fundo do templo do Kali - a rainha dos infernos e da morte - a de todos os crimes, Krishna viu sair, ao conjuro mágico de Kalayoni, a um comprido réptil azul-esverdeado".

"A serpente endireitou lentamente seu grosso corpo, arrepiou horrísona sua avermelhada juba, e seus olhos penetrantes fulguraram com espanto em sua cabeça de monstro de conchas reluzentes".

"-Ou a adora ou perecerás -diz-lhe o mago".

"A serpente morreu às mãos de Krishna, do herói santo que não conhecia o medo..."

"Quando Krishna matou heroicamente à serpente guardião do templo do Kali, a deusa horrível do desejo e da morte, fez abluções e oração durante um mês na borda do Ganges, depois de haver-se purificado à luz do sol e no divino pensamento contemplativo de Maha-Deva".

A horripilante víbora infernal jamais aceitaria ao Sahaja Maithuna, a castidade científica, porque isso vai contra os interesses da natureza.

Aqueles que não consigam ser devorados pela Divina Serpente Kundalini serão tragados pela pavorosa serpente Píton.

O guerreiro que consiga matar a cobra infernal ingressará no Palácio dos Reis, será ungido como Rei e Sacerdote da natureza, segundo a Ordem de Melquisedeque.

Porém, certamente jamais resulta tarefa fácil rebelar-se contra os átomos da herança, contra a luxúria que herdamos de nossos antepassados, contra a pavorosa víbora infernal que trouxe para o mundo a nossos avós e que trará para nossos filhos e aos filhos de nossos filhos.

Isso que a pessoa leva na carne, no sangue e nos ossos, é definitivo, e rebelar-se contra isso resulta espantoso.

A doutrina da Aniquilação Budhista é fundamental. Precisamos morrer de instante em instante; só com a morte advém o novo.

CAPÍTULO XV

OS ELEMENTAIS

Nossa Divina Mãe Tonantzin é a Serpente ígnea de nossos Mágicos Poderes, ascendendo vitoriosa pelo canal medular espinhal do organismo humano.

Coatlícue é a serpente do abismo, Kali, Hécate, a Proserpina infernal, a deusa da Terra.

Cihuacoatl é outro nome terrível da deusa da Terra e a Patrona bendita das famosas Cihuateteo que de noite gritam e bramam espantosamente no ar.

Em tempos mais recentes, Cihuacoatl se transformou na "chorona" de nossas lendas populares, que carrega um berço misterioso ou o cadáver de uma criatura inocente e que lança nas noites amargos lamentos nas solarengas ruas da cidade.

Em tempos antigos, diziam que tinha chegado pelo delito de ter deixado abandonado, no mercado público, o berço, dentro do qual estava a faca de sacrifício.

Inquestionavelmente, os Gnomos ou Pigmeus que moram dentre as entranhas da Terra, tremem ante Coatlícue. O gênio particular destes Gnomos é Gob, uma divindade muito especial conhecido em alta magia.

Nos disseram que o reino específico dos Gnomos está ao norte da Terra. Se manda-lhes com a espada.

Vejamos agora um magnífico poema da Épica Nahuatl relacionado com Tlaloc, o Deus da água:

"O Deus Tlaloc residia em um grande palácio com quatro aposentos, e em meio da casa havia um pátio com quatro enormes bacias cheias de água".

"A primeira é da água que chove à seu tempo e fecunda à terra para que dê bons frutos."

"A segunda é da água que faz murchar as colheitas e faz perder os frutos."

"A terceira é da água que faz gelar e secar as plantas".

"A quarta é da água que produz seca e esterilidade..."

"Tem o Deus a seu serviço a muitos ministros -os elementais da água- pequenos de corpo, os quais moram em cada um dos aposentos, cada um segundo sua cor, pois são azuis como o céu, brancos, amarelos ou vermelhos..."

"Eles, com grandes regadores e com bastões nas mãos, vão regar sobre a terra quando o supremo Deus da chuva ordena..."

"E quando troveja, é que racham seus cântaros, e se algum raio cai, é que um fragmento das vasilhas rotas vem sobre a terra..."

Encontrando-me um dia em estado de meditação profunda, tive que me pôr em contato direto com o bendito Senhor Tlaloc.

Este grande Ser vive no mundo causal, mais além do corpo, dos afetos e da mente. Em todas as partes de meu Ser experimentei certamente a tremenda realidade de sua presença.

Vestido exoticamente parecia um árabe dos antigos tempos; seu rosto impossível de descrever com palavras, era semelhante a um relâmpago.

Quando lhe recriminei pelo delito de haver aceito tantos sacrifícios de meninos, mulheres, varões, anciões, etc., a resposta foi: "Eu não tive a culpa disso, nunca exigi tais sacrifícios, isso foi coisa das pessoas lá no mundo físico". Logo concluiu com as seguintes palavras: "Voltarei na nova Era Aquária".

Inquestionavelmente, o Deus Tlaloc haverá de reencarnar-se dentro de alguns anos.

Os kabalistas afirmam solenemente que o reino das Ondinas se encontra no Ocidente e se lhes evoca com a taça das libações.

Os antigos magos, quando chamavam as Ondinas dos rios e dos lagos, ou aos gênios das nuvens ou às Nereidas do tormentoso oceano, clamavam com grande voz pronunciando os seguintes mantras: VEYA, VALLALA, VEYALA, HEYALA, VEYA.

Certas tribos da América, quando querem chuva para seus cultivos, reunidos seus membros, assumem a figura do sapo, imitam-no, e logo, em coro, arremedam o coaxar dos mesmos; o resultado não se faz esperar muito.

Os antigos mexicanos oravam ao Senhor das chuvas, ao Tlaloc, e então era regada a terra com as águas da vida.

Ainda que Tlaloc é um Rei da natureza, uma criatura perfeita, mais além do bem e do mal, está em suas mãos a inundação, a seca, o granizo, o gelo e o raio, motivo pelo qual os magos antigos temiam sua cólera. Não está demais afirmar que ao finalizar a civilização Nahuatl, lhe ofereceram sacrifícios de prisioneiros vestidos com o Nume e, especialmente, donzelas e meninos com o propósito de aplacar sua ira.

Precisamos esclarecer o seguinte: Quando a poderosa civilização Anahuac estava no zênite de sua glória, os sacrifícios humanos, que tanto espantam aos turistas, brilhavam por sua ausência, não existiam.

Indubitavelmente, toda civilização que agoniza termina sempre com um banho de sangue, e o México de modo algum podia ser a exceção.

Quem tenha estudado História Universal não ignora isto ao recordar a Roma, Tróia, Cártago, Egito, Pérsia, etc., etc., etc.

Os sequazes da Antropologia profana, utopistas em cem por cento, apoiados em meros racionalismos subjetivos, lançaram a hipótese absurda de que nosso santíssimo Senhor Quetzalcoatl, grande Avatara do antigo México, foi também adorado com o nome de Ehecatl, que sabiamente traduzido significa "Deus do vento".

Os Adeptos da Fraternidade Oculta, aqueles indivíduos sagrados dotados de razão objetiva, os Mestres autênticos da Antropologia Gnóstica, sabem muito bem, por experiência mística direta e profunda análise, que o Deus do vento é um Deva da natureza,

um Malachim do mundo causal, um gênio do movimento Cósmico muito distinto a Quetzalcoatl.

Não está demais explicar que a razão subjetiva elabora seus conceitos de conteúdo exclusivamente com os dados apoiados nas percepções sensoriais externas, motivo pelo qual nada pode saber sobre o real, sobre a Verdade, sobre Deus, como já o demonstrou de forma contundente Dom Emmanuel Kant em seu livro intitulado "A Crítica da Razão Pura".

A razão objetiva é diferente; elabora seus conceitos de conteúdo com os dados fundamentais da consciência.

Assim, ao falar sobre os Deuses do Panteão Asteca, os estudantes da Antropologia gnóstica sabemos muito bem o que dizemos; não lançamos opiniões subjetivas... Somos matemáticos na investigação e exigentes na expressão.

Ehecatl, Sabtabiel, Michael, etc., etc., etc., constituem uma verdadeira plêiade de Indivíduos sagrados de nosso Sistema Solar de Ors, especializados na difícil ciência do Movimento Cósmico.

O grande Guruji Ehecatl ajudou de forma muito eficiente ao grande Kabir Jesus de Nazaré em seus difíceis processos de ressurreição.

É indubitável que sob a direção de Ehecatl trabalham em nosso planeta Terra bilhões e trilhões de Silfos aéreos.

Nos disseram com grande ênfase que o reino dos Silfos se encontra localizado no Oriente.

Inquestionavelmente, manda-se lhes com a pluma de águia ou com os Santos Pentáculos; isto o sabem os magos. Na visão da harmonia de

todas as coisas descobrem com assombro místico a parte espiritual da natureza. Em outros termos, encontramos aos famosos Malachim ou reis angélicos.

Os contatos diretos com os elementais devem realizar-se sempre por intermédio dos reis angélicos dos elementos, na esfera maravilhosa do mundo causal.

Como a terra, a água e o ar, o elemento fogo da natureza tem também, na Doutrina Secreta de Anahuac, a seu Deus especial.

Os Astecas lhe adoraram sempre com o sagrado nome de Huehueteotl, que traduzido corretamente significa "Deus velho".

Representam-lhe como um velho carregado de anos e que suporta sobre sua cabeça a um enorme braseiro.

Nos disseram que em contraste com Tezcatlipoca, que é o primeiro que chega à festa do mês Teotleco, o bem-aventurado Senhor Divino Huehueteotl é o último em chegar à assembléia dos Deuses.

Huehueteotl, como elemento natural é o INRI dos Cristãos, o Abraxas dos Gnósticos, o Tao Chinês, o Zen Budhista, o Agnus Dei.

Huehuateotl, como indivíduo sagrado, é um Rei angélico, alguém que se Auto-realizou intimamente, um Malachim sob cuja reitoria trabalham bilhões e trilhões de Salamandras (criaturas do fogo).

No Fogo universal moram ditosos os "Filhos da Chama", os Deuses do elemento ígneo, os gênios antigos, Apolo, Minerva, Horus, etc. Essas Chamas inefáveis e terrivelmente divinas certamente estão muito mais além do bem e do mal.

Ostensivelmente, o reino das salamandras se encontra no Sul. Mandam-se-lhes com a varinha dentada ou com o tridente mágico.

Para dominar e servir-se dos elementais da natureza, de forma completa e definitiva, é indispensável eliminar previamente ao Ego animal.

Nunca uma pessoa volúvel e caprichosa governará aos Silfos da natureza. Jamais um sujeito brando, frio e volúvel, será amo absoluto das Ondinas das águas ou das Nereidas dos mares. Aira irrita as salamandras do fogo e a concupiscência grosseira converte, de fato, em brinquedo dos Gnomos ou Pigmeus do reino mineral a quem quer servir-se deles.

É preciso ser prontos e ativos como os Silfos; flexíveis e atentos às imagens como as Ondinas e Nereidas. Enérgicos e fortes como as salamandras; laboriosos e pacientes como os Gnomos. Em uma palavra, é urgente, indispensável vencer aos elementais em sua força sem deixar-se nunca dominar por suas debilidades. Recordem que nosso lema divisa é THELEMA (vontade).

Quando o mago tenha morrido totalmente em si mesmo a natureza inteira lhe obedecerá.

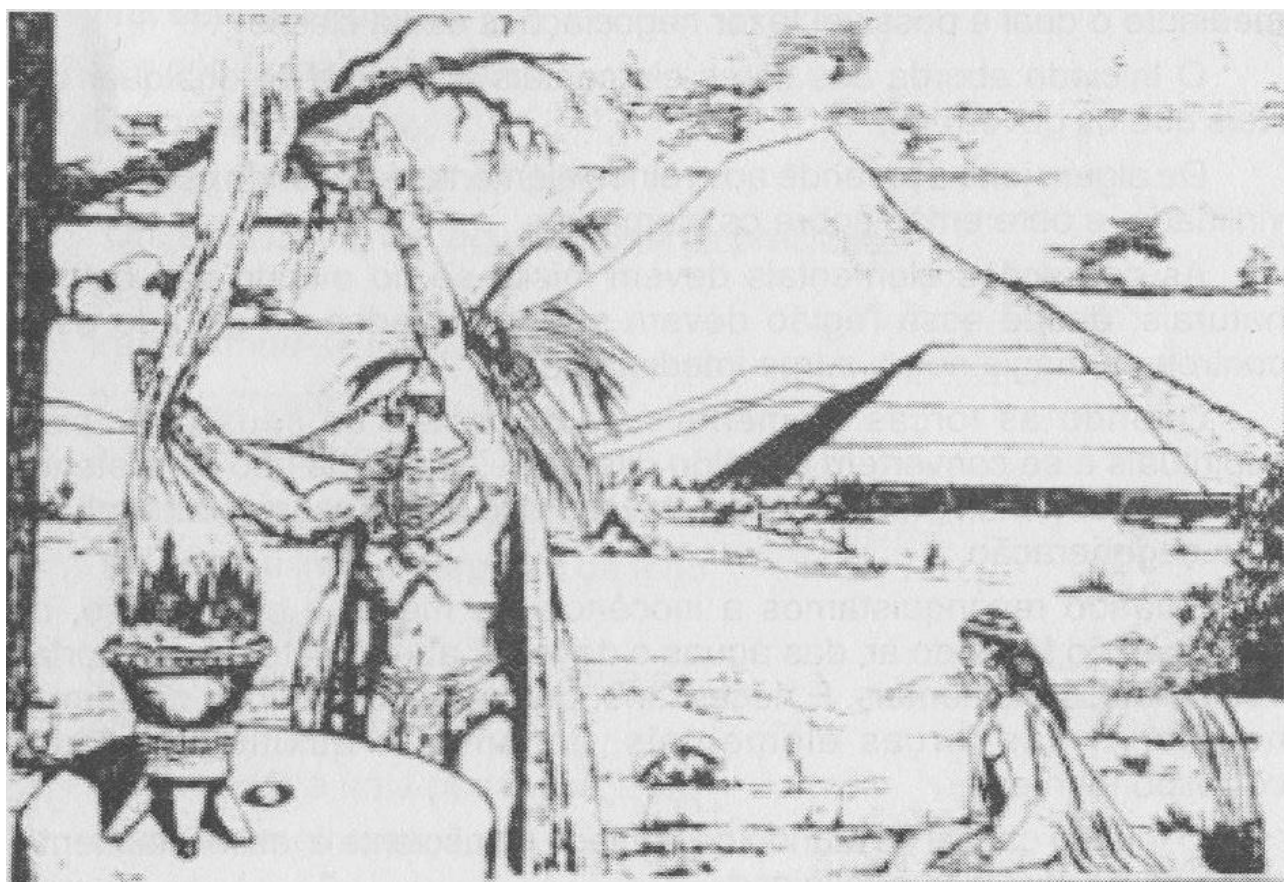
Passará durante a tempestade sem que a chuva toque a sua cabeça; o vento não desarrumará a uma só prega de seu traje.

Cruzará o fogo sem queimar-se; caminhará sobre as águas tormentosas sem afundar-se. Poderá ver com inteira claridade a todas as riquezas que se escondem no seio da Terra.

Recordemos as palavras do Grande Kabir Jesus: "Os milagres que eu tenho feito os poderão fazer vós, e ainda mais...".

A ordem angélica do mundo das causas naturais ou mundo da Vontade consciente, é o dos Malachim ou Reis da Natureza, que certamente constituem, por si mesmos, os legítimos princípios espirituais dos elementos.

Esses Deuses, inefáveis e terrivelmente divinos, são Homens perfeitos no sentido mais completo da palavra. Tais Seres estão muito mais além do bem e do mal.



O asceta iluminado se enche de assombro e místico terror quando experimenta, em todas as partes de seu Ser, a presença do Deus Murciélago, poderoso Senhor dos mistérios da Vida e da Morte.

Não está demais recordar que ainda se conservam cantos a Huitzilopochtli, à Mãe dos Deuses, ao Deus do fogo, a Xochipilli, o Deus da música, da dança e do canto, a Xochiquetzal, ao Xipetotec, o bendito Senhor da primavera, etc., etc., etc.

Em instantes em que escrevo estas linhas surgem em minha mente algumas reminiscências insólitas.

Há muitos anos, certo hóspede não grato morava em minha casa; parecia não ter afã de partir.

Consultei o caso com Ehecatl, o Deus do vento, e é óbvio que o sujeito apressadamente abandonou minha casa. Afortunadamente, tive em meu poder a soma que Ehecatl me exigiu pelo serviço; nada nos é presenteado, tudo custa.

A estes Deuses elementais paga-lhes com valores cósmicos. Quem tem com que pagar, sai bem nos negócios.

Nossas boas obras estão representadas com moeda cósmica. Fazer sempre o bem é um bom negócio. Assim acumularemos capital cósmico mediante o qual é possível fazer negociações desta classe.

O Iniciado aborda aos seres elementais em nome de qualquer dos Reis que os governam.

De algum jeito descende aos reinos elementais trazendo consigo sua virilidade, e obra então sobre os elementos.

As operações elementais devem iniciar-se no mundo das causas naturais; desde essa região devem ser controladas... Faltando esse controle, a magia negra surge imediatamente.

Quando as forças elementais se divorciam de seus princípios espirituais e se convertem em algo diferente, ainda que não se pretenda fazer nenhum mal, produz-se inevitavelmente uma queda acompanhada pela degeneração.

Quando reconquistamos a inocência na mente e no coração, os Príncipes do fogo, do ar, das águas e da terra, abrem ante nós as portas dos paraísos elementais. É necessário, portanto, que quando quisermos nos servir das forças elementais, peçamos o auxílio aos Reis correspondentes.

O mundo causal ou Mundo da Vontade Consciente é, essencialmente, a região do misticismo religioso.

O Gnóstico que aprende a combinar a meditação com a oração inquestionavelmente, pode estabelecer contato objetivo e consciente com os Deuses da natureza.

O mundo causal é a esfera dos Mestres, é o Templo eterno nos céus que mão alguma construiu, é a grande Morada da Fraternidade Oculta.

Estais enfermos? Quereis sanar a alguém? Escolhei então como motivo de concentração, meditação, oração, súplica, etc., ao famoso Deus Murciélago dos Astecas e Maias. Indubitavelmente, este grande Ser é um Mestre dos mistérios da Vida e da Morte.

Quando o fogo chispa abrasadoramente ameaçando vidas, casas, fazendas, que seja então Huehuateotl, o Deus velho do fogo, o objeto básico de vossa concentração, meditação e súplicas.

Bem sabem os kabalistas hebraicos rabínicos que o Mantra do mundo causal foi, é e será sempre: ALOAH VA DAATH.

Meditar em tal palavra equivale a golpear nas portas maravilhosas do grande Templo. Vamos transcrever agora um fragmento místico uma oração a Xipetotec, o Deus elemental da primavera que o é também dos mercados:

ORAÇÃO

"Tu, bebedor noturno,
Por que te faz de rogar?
Ponha teu disfarce,
ponha tua roupagem de ouro"
"Oh, meu Deus, tua água de pedras preciosas
descendeu;
transformou-se no Quetzal."
o alto cipreste;
a serpente de fogo
transformou-se em serpente de Quetzal."
"Me deixou livre a serpente de fogo.
Quiçá desapareça,
quiçá desapareça e me destrua eu,
a terna planta de milho.
Semelhante a uma pedra preciosa,
verde em meu coração;
mas ainda verei o ouro

e me regozijarei se tiver maturado,
se tiver nascido o caudilho da guerra"
"Oh, Meu Deus, faz que pelo menos
frutifiquem em abundância
algumas plantas de milho;
teu devoto dirige as olhadas para tua montanha,
para ti;
regozijarei-me se algo amadurece primeiro,
se posso dizer que nasceu
o caudilho da guerra".

E quando já se obtém o milagre da frutificação, o devoto agradecido clama ao bendito Senhor Xipetotec, dizendo:

"Nasceu o Deus do milho
em Tamoanchan.
No lugar em que há flores,
o Deus "I Flor",
o Deus do milho nasceu
no lugar em que há água e umidade,
onde os filhos dos homens são feitos,
no precioso Michoacan.

Estas orações inefáveis são mais bem de origem Tolteca, e estão muito bem escritas em linguagem esotérica Nahua-tlatolli.

Conta a lenda dos séculos que Tritemo, o mago abade, aquele sábio que em 1483 governara ao famoso monastério de Sponheim, conhecia a fundo a ciência esotérica dos elementos.

Diz-se que evocou ao espectro de Maria de Borgona ante o imperador Maximiliano, que o tinha suplicado, e é claro que a augusta sombra aconselhou ao imperador um novo modo de conduzir-se e lhe revelou certos fatos, lhe ordenando que se casasse com Branca Sforza.

Todos os eruditos da Idade Média se apaixonavam incessantemente pela magia e muitos trabalharam com os elementais da natureza.

Alguns magistas, com grande ardor religioso clamavam chamando Cúpidio para que, no espelho magnetizado, fizesse aparecer ante os devotos assombrados à figura do ser amado.

Valha-me Deus e Santa Maria! Quantas maravilhas fazia o Cupido mediante os elementais! O abade Tritemo se considerava discípulo de Alberto Magno; jamais negou que o mais santo dos Santos praticasse a magia.

Alberto, o Magno, como São Tomás, afirmou a realidade da Alquimia. Seu tratado sobre tal matéria estava sempre sobre a mesa do abade.

Tritemo contava que quando Guillermo II, conde da Holanda, jantou com o ínclito e preclaro sábio Alberto, o Magno, em Colônia, este fez pôr uma mesa no jardim do monastério embora era pleno inverno e nevava.

Tão logo os do convite tomaram assento, como por encanto desapareceu a neve e o jardim se cobriu de variadas flores. As aves de distintas cores voavam deliciosamente entre as árvores, como nos melhores dias do verão.

Os monges, alunos do misterioso abade, desejavam poder realizar semelhantes prodígios e Tritemo se apressava a dizer que o Mestre conseguia estas maravilhas mediante a magia elemental, e que nisso não havia nada demoníaco nem, em consequência, perverso, imperdoável, execrável.

É visível que Fausto, Paracelso e Agripa, os três magos mais distinguidos da Idade Média, foram discípulos do abade Tritemo.

"-Me recitem os quatro elementos da natureza", ordenava o abade a seus monges em plena classe.

"-A terra, a água, o ar e o fogo".

"-Sim, continuava o Mestre, a terra e a água, os mais pesados se vêem atraídos para baixo, o ar e o fogo, mais volúveis, para o alto. Platão tinha razão ao fundir o fogo no ar, que se converte em chuva, que se converte em orvalho, logo em água que se converte em terra ao solidificar-se"...

O místico que deseje de verdade converter-se em um Malachim, em um Rei angélico da Natureza, deve converter-se em rei de si mesmo.

Como poderíamos mandar aos elementais da natureza se não aprendemos a governar aos elementais atômicos de nosso próprio organismo?

As salamandras atômicas do sangue e do sexo ardem espantosamente com nossas paixões animais.

Os Silfos atômicos de nossos próprios ares vitais, ao serviço da imaginação mecânica (não se confunda isto com a imaginação objetiva consciente), brincam com nossos pensamentos lascivos e perversos.

As Ondinas atômicas do sagrado esperma originam sempre espantosas tempestades sexuais.

Os Gnomos atômicos da carne e dos ossos gozam indolentes com a preguiça, gulodice, concupiscência.

Faz-se urgente saber exorcizar, mandar e submeter aos elementais atômicos de nosso próprio corpo.

Mediante os exorcismos do fogo, do ar, da água e da terra, podemos também submeter aos elementais atômicos de nosso próprio corpo.

Inquestionavelmente, tais orações e exorcismos devem ser muito bem aprendidos de cor.

EXORCISMO DO FOGO

Exorciza-se o fogo jogando nele sal, incenso, resina branca, cânfora e enxofre, pronunciando três vezes os três nomes dos gênios do fogo: Michael, rei do sol e do raio; Samael, rei dos vulcões; Anael, príncipe da luz astral, escutai meus rogos. Amém. (A seguir, o devoto formulará mentalmente sua petição.)

EXORCISMO DO AR

Exorciza-se ao ar soprando ao redor dos quatro pontos cardeais e dizendo com fé o seguinte:

Spiritus Dei ferebatur super aquas, et inspiravit in faciem hominis spiraculum vitae. Sit Michael dux meus, et Sabtabiel servus meus; in luce per lucem. Fiat verbum halitus meus, et imperabo spiritibus aeris hujus, et refrenabo equos solis voluntate cordis mei, et cogitatione mentis mea et nutu oculi dextri. Exorcizo igitur te, creatura aeris, per Pentagrammaton et in nomine Tetragrammaton, in quibus sunt voluntas firma et fides recta. Amém. Sela, Fiat. Que assim seja.

(Continuando, o devoto, concentrado no Michael e no Sabtabiel, formulará sua petição.)

EXORCISMO DA ÁGUA

Fiat firmamentum in medium aquarum, et separet aquas ab aquis, quae superius sicut quae inferius et quae inferius sicut quae superius, ad perpetranda miracula rei unius. Sol ejus pater est, luna mater et ventus hanc gestavit in utero suo, ascendit a terra ad coelum et rursus a coelo in terram descendit. Exorcizo te, creatura aquae, ut sis mihi speculum dei vivi in operibus ejus, et fons vitae, et ablutio peccatorum. Amém.

(A seguir, o devoto, concentrado em Tlaloc ou em Nicksa, faz sua petição mental.

EXORCISMO DA TERRA

Pelo cravo de ímã que atravessa o coração do mundo, pelas doze pedras da cidade Santa, pelos sete metais que correm dentro das veias da Terra, e em nome de Gob, me obedeçam obreiros subterrâneos. (Logo, o devoto concentrado em Gob, formulará sua petição).

Os magos antigos usavam em suas operações de magia elemental defumações com ramos de louro, Artemisa (Artemísia), Arruda, Sálvia, Pinheiro, Romeiro, etc. Tais vegetais ardiam entre carvões acesos.

Esta observância é magnífica. O ar se carrega com a fumaça das plantas, o fogo exorcizado refletirá a vontade do operador e as forças sutis da natureza lhe escutarão e responderão.

Em tais instantes, a água parece estremecer-se e ferver, o fogo arroja um estranho resplendor e se sentem no ar desconhecidas vozes; a própria terra parece tremer.

Era, em tais momentos, quando os magos da Idade Média obtinham que o gênio elemental Cúpidio, além de fazer-se visível no espelho magnetizado, mostrava também no mesmo não só a figura da pessoa amada, mas também, o que é mais interessante, os sucessos que o destino reserva sempre aos seres que se adoram. Os Deuses do fogo, Agni, Huehuateotl, etc., os Elohim do ar, Paralda, Ehecatl, etc., as divindades da água, Nicksa, Tlaloc, etc., Gob e outras deidades subterrâneas, assistem sempre ao místico que com sabedoria, amor e poder, invoca-lhes.

Nos disseram que todo mago que trabalhe com os elementais da natureza pode fazer-se invisível à vontade.

Inquestionavelmente, tal poder só é possível adquiri-lo, como qualquer outra faculdade, à base de supremos sacrifícios.

É ostensível que o sacrifício significa claramente a eleição deliberada, clarividente, de um bem superior com preferência a um inferior.

O carvão, que a locomotiva consome, é cruelmente sacrificado ao poder do movimento, tão indispensável para transportar passageiros.

Em realidade, o sacrifício é uma transmutação de forças. A energia, latente no carvão devotado no altar da locomotiva, é transformada na energia dinâmica do vapor mediante os instrumentos empregados.

Existe um mecanismo, ao mesmo tempo psicológico e cósmico que cada ato de sacrifício põe em jogo e pelo qual este se transforma em energia espiritual, a que por sua vez, pode ser aplicada a outros diversos mecanismos e reaparecer sobre os planos da forma em um tipo de força integrante absolutamente distinta do que realmente foi em sua origem.

Por exemplo: um homem pode sacrificar suas emoções por sua carreira, ou uma mulher sua carreira por suas emoções.

Algumas pessoas estão dispostas a sacrificar seus prazeres terrestres pelas ditas do Espírito.

Entretanto, é muito difícil que haja alguém disposto a renunciar a seus próprios sofrimentos, a sacrificá-los por algo superior.

Sacrifiquem a suprema dor muito natural que resulta do falecimento de um ser querido e terão uma espantosa transmutação de forças, cuja seqüência será o poder para fazer-se invisíveis à vontade.

O Doutor Fausto sabia fazer-se invisível à vontade; é claro que o chamado mago tinha conseguido esse poder apoiado em sacrifício.

Os sábios medievais tinham uma fórmula encantatória maravilhosa mediante a qual se faziam invisíveis.

Basta, segundo os ritos e invocações em uso, sabendo usar magicamente a seguinte fórmula litúrgica:

Athal, Bathel, Nothe, Jhoram, Asey, Cleyubgit, Gabellin, Semeney, Mencheno, Bal, Labenentem, Nero, Meclap, Halateroy, Palcim, Tingimiel, Plegas, Peneme, Fruora, Heam, Ha, Ararna, Avora, Ayla, Seye, Peremies, Seney, Levesso, Hay, Barachalu, Acuth, Tural, Buchard, Caratim, per misericordiam, abibit ergo mortale, perficiat qua hog opus, ut invisibiliter, ire possim.

Esta classe de fórmulas mágicas tem como base à fé real e inquebrantável.

Tal fé há que fabricá-la mediante o estudo analítico profundo e experiência mística direta.

CAPÍTULO XVI

SOBRE OS SONHOS

A Gnosis ensina que existem muitas classes diferentes de sonhos que a moderna Psicologia decadente do hemisfério ocidental ignora radicalmente.

Inquestionavelmente, os sonhos são de diversas qualidades específicas devido ao fato concreto de que se encontram intimamente relacionados com cada um dos centros psíquicos do organismo humano.

Em rigor de verdade e sem exagero algum, podemos afirmar que a maioria dos sonhos se encontram vinculados com o centro instintivo-motor; isto é, são o eco de coisas vistas no dia, de simples sensações e movimentos, mera repetição astral do que diariamente vivemos.

Assim mesmo, algumas experiências de tipo emocional, tais como o medo -que tanto dano faz à humanidade-, costumam ter cabida nesses sonhos caóticos do centro instintivo-motor.

Existem, pois, sonhos emocionais, sexuais, intelectuais, motores e instintivos, etc., etc., etc.

Os sonhos mais importantes, as vivências íntimas do Ser, encontram-se associadas aos dois centros: emocional superior e mental superior.

Certamente, resultam interessantes os sonhos relacionados com os dois centros superiores, caracterizam-se sempre pelo que se poderia denominar uma formulação dramática.

Agora bem, se pensarmos no Raio da Criação, nos centros superiores e inferiores e nas influências que descendem pelo chamado Raio Cósmico, devemos admitir que se apresentam em nós vibrações luminosas que tentam nos curar, que tratam de nos informar sobre o estado em que nos encontramos, etc.

Resulta útil receber mensagens e estar em contato com os adeptos astecas, maias, toltecas, egípcios, gregos, etc.

É também maravilhoso conversar com as diversas partes mais elevadas de nosso Ser.

Os centros superiores estão plenamente desenvolvidos em nós e nos transmitem mensagens que devemos aprender a captar conscientemente.

Àquelas pessoas muito seletas que tiveram momentos de lembrança de si na vida, nos que viram uma coisa ou a uma pessoa comum de um modo completamente novo, não lhes surpreenderá se lhes digo neste capítulo que tais momentos têm a mesma qualidade, ou sabor interior,

que esses raros e estranhos sonhos relacionados com os dois centros: emocional e mental superior.

Indubitavelmente, o significado de tais sonhos transcendentais pertence à mesma ordem que à realização em si do Raio da Criação e, em particular, à oitava lateral do sol.

Quando a pessoa começa a perceber a profunda significação dessa classe específica de sonhos, é sinal de que certas forças lutam por despertar, nos sanar ou nos curar.

Cada um de nós é um ponto matemático no espaço que serve de veículo a determinada soma de valores, bons ou maus.

A morte é uma subtração de frações; terminada a operação matemática, o único que resta são os valores (brancos ou negros).

De acordo com a lei do eterno retorno, é visível que os valores retornam, reincorporam-se.

Se um homem começar a ocupar-se mais conscientemente do pequeno ciclo dos acontecimentos recorrentes de sua vida pessoal, poderá então verificar por si mesmo, mediante a experiência mística direta, que no sonho diário se repete sempre a mesma operação matemática da morte.

Em ausência do corpo físico, durante o sonho normal, os valores, submersos na luz astral, atraem-se e repelem de acordo com as leis da imantação universal.

A volta ao estado de vigília implica, de fato e por direito próprio, no retorno dos valores ao interior do corpo físico.

Uma das coisas mais extraordinárias é que a pessoa pensa que está só em relação com o mundo externo.

A Gnosis nos ensina que estamos em relação com um mundo interior, invisível para os sentidos físicos ordinários, mas visível para a clarividência.

O mundo interior invisível é muito mais extenso e contém muito mais coisas interessantes que o mundo exterior, por volta do qual sempre se está olhando através das cinco janelas dos sentidos.

Muitos sonhos se referem ao lugar onde estamos; é o mundo interior invisível do qual surgem as diversas circunstâncias da vida.

A linguagem dos sonhos é exatamente comparável à linguagem das parábolas.

Aqueles que interpretam tudo literalmente pensam que o Semeador do Evangelho Crístico saiu a semear e que a semente caiu em pedregais, etc., etc., etc., mas não entendem o sentido de tal parábola porque esta, em si mesmo, pertence à linguagem simbólica do centro emocional superior.

Não está demais recordar que todo sonho, por absurdo ou incoerente que este seja, tem algum significado, pois nos indica não só o centro psíquico ao qual se encontra associado mas também ao estado psicológico de tal centro.

Muitos penitentes que se presumiam de castos, quando foram submetidos a provas nos mundos internos, falharam no centro sexual e caíram em poluições noturnas.

No adepto perfeito, os cinco centros psíquicos: intelectual, emocional, motor, instintivo e sexual, funcionam em plena harmonia com o infinito.

Quais são os funcionalismos mentais durante o sonho? Que emoções nos agitam e comovem? Quais são nossas atividades fora do corpo físico? Que sensações instintivas preponderam? Tomamos nota dos estados sexuais que temos durante o sonho?

Devemos ser sinceros conosco mesmos. Com justa razão disse Platão: "O homem se conhece por seus sonhos".

A questão do funcionalismo equivocado dos centros é um tema que exige um estudo de toda a vida, através da observação de si mesmo em ação e do exame rigoroso dos sonhos.

Não é possível chegar em um instante à compreensão dos centros e de seu trabalho correto ou equivocado; necessitamos infinita paciência...

Toda a vida se desenvolve em função dos centros e é controlada por estes.

Nossos pensamentos, sentimentos, idéias, esperanças, temores, amores, ódios, ações, sensações, prazeres, satisfações, frustrações, etc., encontram-se nos centros.

O descobrimento de algum elemento desumano em qualquer dos centros deve ser motivo mais que suficiente para o trabalho esotérico.

Todo defeito psicológico deve ser previamente compreendido, mediante a técnica da meditação, antes de proceder a sua eliminação.

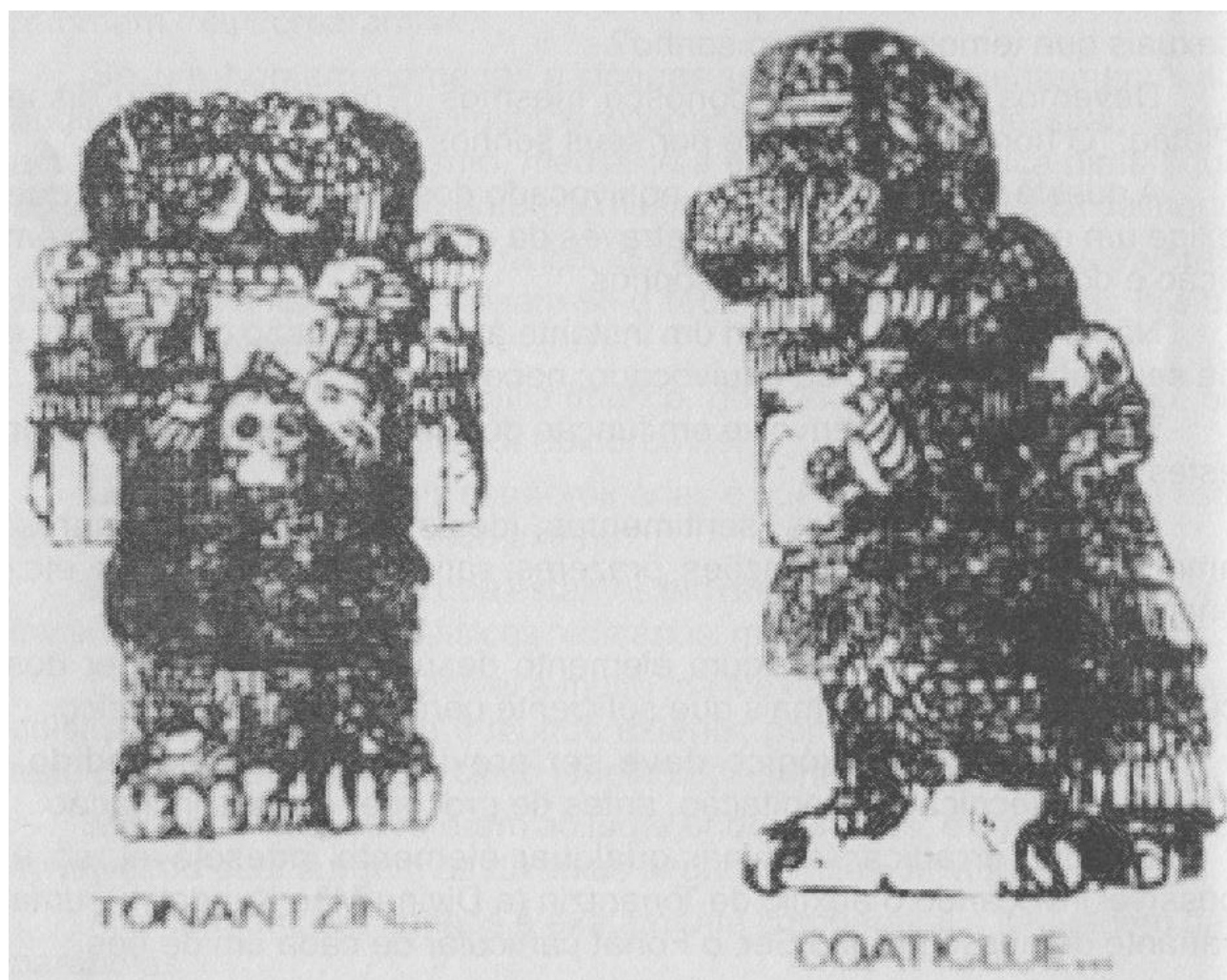
Extirpar, erradicar, eliminar qualquer elemento indesejável, só é possível invocando o auxílio de Tonantzin (a Divina Mãe Kundalini), uma variante de nosso próprio Ser, o Fohat particular de cada um de nós.

Assim é como vamos morrendo de instante em instante; só com a morte advém o novo...

Na escala dos seres e das coisas, inquestionavelmente nos chegam influências de toda classe.

Se tivermos compreendido o Raio da Criação saberemos também que em todo instante da vida nos chegam influências e que estas são de diferente qualidade.

É preciso recordar sempre que há influências superiores que atuam sobre nós e que são registradas por nosso aparelho psíquico, mas se estamos apegados a nossos sentidos e não damos atenção plena em nossa vida interior, então tampouco conseguiremos perceber estas influências.



CAPÍTULO XVII

DISCIPLINA DA YOGA DO SONHO

Aqueles aspirantes que sinceramente desejem a experiência mística direta, inquestionavelmente devem começar com a disciplina da Yoga do sonho.

É visível que o Gnóstico deve ser exigente consigo mesmo e aprender a criar condições favoráveis para a lembrança e compreensão de todas essas experiências íntimas que sempre ocorrem durante o sonho.

Antes de nos deitar para o descanso dos afãs e fadigas do diário viver, convém pôr a devida atenção ao estado em que nos encontramos.

Os devotos, que devido às circunstâncias levam vida sedentária, nada perdem e muito ganham se antes de deitar-se realizam um passeio curto a passo vivo e ao ar fresco; tal passeio afrouxará seus músculos.

Entretanto, convém esclarecer que jamais devemos abusar dos exercícios físicos; precisamos viver harmoniosamente.

O jantar, lanche ou comida no final do dia deve ser leve, livre de manjares pesados ou estimulantes, evitando cuidadosamente ao ingerir elementos que possam nos desvelar, nos tirar o sonho.

A forma mais elevada de pensar é não pensar. Quando a mente está quieta e em silêncio, livre dos afãs do dia e das ansiedades mundanas, encontra-se então em um estado cem por cento favorável para a prática da Yoga do sonho.

Quando realmente trabalha o centro emocional superior conclui, embora seja por breve tempo, o processo do pensar...

É evidente que o mencionado centro entra em atividade com a embriaguez dionisiaca.

Tal arroubo se faz possível ao escutar com infinita devoção as sinfonias deliciosas de um Wagner, de um Mozart, de um Chopin, etc.

A música de Beethoven, muito especialmente resulta extraordinária para fazer vibrar intensivamente ao centro emocional superior.

Nela, o Gnóstico sincero encontra um imenso campo de exploração mística, porque não é música de forma, mas sim de idéias arquetípicas inefáveis. Cada nota tem seu significado; cada silêncio, uma emoção superior.

Beethoven, ao sentir tão cruelmente os rigores e provas da "Noite espiritual", em vez de fracassar como muitos aspirantes, foi abrindo os olhos de sua intuição ao supernaturalismo misterioso, à parte espiritual da natureza, a essa região onde vivem os Reis angélicos desta Grande Criação Universal: Tlaloc, Huehuetotl, etc., etc.

Vejam o "músico-filósofo" ao longo de sua existência exemplar. Sobre sua mesa de trabalho tem constantemente à vista a sua Divina Mãe Kundalini, a inefável Neith, a Tonantzin do Anahuac, a suprema Ísis egípcia.

Nos disse que o chamado grande Mestre tinha justaposto àquela figura adorável uma inscrição, de punho e letra do mesmo, que misteriosa reza:

"Eu sou a que foi, é e será, e nenhum mortal levantou meu véu".

O progresso íntimo revolucionário se faz impossível sem o auxílio imediato de nossa Divina Mãe Tonantzin.

Todo filho agradecido deve amar a sua mãe; Beethoven amava entranhavelmente a dele.

Fora do corpo físico, nas horas do sonho, a Alma pode conversar com sua Divina Mãe; porém, é evidente que devemos começar com a disciplina do sonho.

Precisamos prestar atenção à antecâmara em que temos que dormir. A decoração deve ser agradável. As cores mais desejáveis para os fins que se perseguem -a despeito do que outros autores aconselham - são, precisamente, as três tonalidades primárias: azul, amarela e vermelha.

Indubitavelmente, as três cores básicas se correspondem sempre com as três forças primárias da natureza (o santo Triamanzikamno): Santo afirmar, santo negar e santo conciliar.

Não está demais recordar que as três forças originais desta Grande Criação cristalizam sempre de forma positiva, negativa e neutra.

A "Causa Causorum" do santo Triamanzikamno se encontra oculta no elemento ativo Okidanok; este último, em si mesmo, é tão somente a emanção do Sagrado Absoluto Solar.

Obviamente, o rechaço às três cores fundamentais, depois de todas estas razões expostas, equivale, por simples dedução lógica, a cair em um despropósito, em um desatino.

A Yoga do Sonho resulta extraordinária, maravilhosa, formidável; entretanto, costuma ser muito exigente.

A antecâmara deve estar sempre muito bem perfumada e ventilada, mas não inundada com o sereno frio da noite.

Depois de uma detalhada revisão de si mesmo e da antecâmara em que temos que dormir, o Gnóstico deve examinar sua cama.

Se observarmos qualquer bússola, podemos verificar por nós mesmos que a agulha se orienta para o norte.

Inquestionavelmente, é possível aproveitar conscientemente essa corrente magnética do mundo que flui sempre do Sul ao Norte.

Orientemos o leito de forma tal que a cabeceira fique sempre para o Norte; assim poderemos usar inteligentemente a corrente magnética indicada pela agulha.

O colchão não tem que ser exageradamente duro nem tampouco muito brando, ou seja, tem que ter uma elasticidade tal que de modo algum afete aos processos psíquicos do adormecido.

As molas gritonas ou uma cabeceira que ranja e gema ao menor movimento do adormecido, constituem um sério obstáculo para estas práticas.

Coloca-se debaixo do travesseiro um caderno ou caderneta e um lápis, de modo tal que possa encontrar facilmente na escuridão.

As roupas de cama devem ser frescas e muito limpas; deve-se perfumar a capa do travesseiro com nossa fragrância preferida.

Depois de cumprir com todos estes requisitos, o Asceta Gnóstico procederá a dar o segundo passo desta disciplina esotérica.

Se colocará em seu leito e, tendo apagado as luzes, se deitará em decúbito dorsal, ou seja, sobre suas costas, com os olhos fechados e as mãos sobre o Plexo.

Ficará completamente quieto durante alguns instantes e, depois de haver-se afrouxado ou relaxado totalmente, tanto no físico como no mental, se concentrará em Morfeu, o Deus do sonho.

Inquestionavelmente, cada uma das partes isoladas de nosso Real Ser exerce determinadas funções, e é precisamente Morfeu (não se confunda com Orfeu) o encarregado de nos educar nos mistérios do sonho.

Seria algo mais que impossível traçar um esquema do Ser; porém, todas as partes espiritualizadas, isoladas, de nossa presença comum, querem a perfeição absoluta de suas funções.

Quando nos concentramos em Morfeu, este se alegra pela brilhante oportunidade que lhe brindamos.

É urgente ter fé e saber suplicar. Nós devemos pedir a Morfeu que nos ilustre e desperte nos mundos supra-sensíveis.

A esta altura começa a apoderar do Gnóstico Esoterista uma sonolência muito especial, e então adota a postura do leão:

"Jogado sobre seu flanco direito, com a cabeça apontando para o Norte, recolhe as pernas para cima lentamente até que os joelhos fiquem dobrados. Nesta posição a perna esquerda se apóia sobre a direita; logo coloca a bochecha direita sobre a palma da mão direita e deixa que o braço esquerdo descansa sobre a perna do mesmo lado".

Ao despertar do sonho normal não devemos nos mover, porque é claro que com tal movimento se agitam nossos valores e se perdem as lembranças.

Indubitavelmente, o exercício retrospectivo se faz indispensável em tais instantes, quando desejamos recordar com inteira precisão todos e cada um de nossos sonhos.

O Gnóstico deve anotar muito cuidadosamente os detalhes do sonho ou sonhos na caderneta ou caderno que colocou debaixo do travesseiro para este propósito.

Assim poderá levar uma recordação minuciosa sobre seu progresso íntimo na Yoga do sonho.

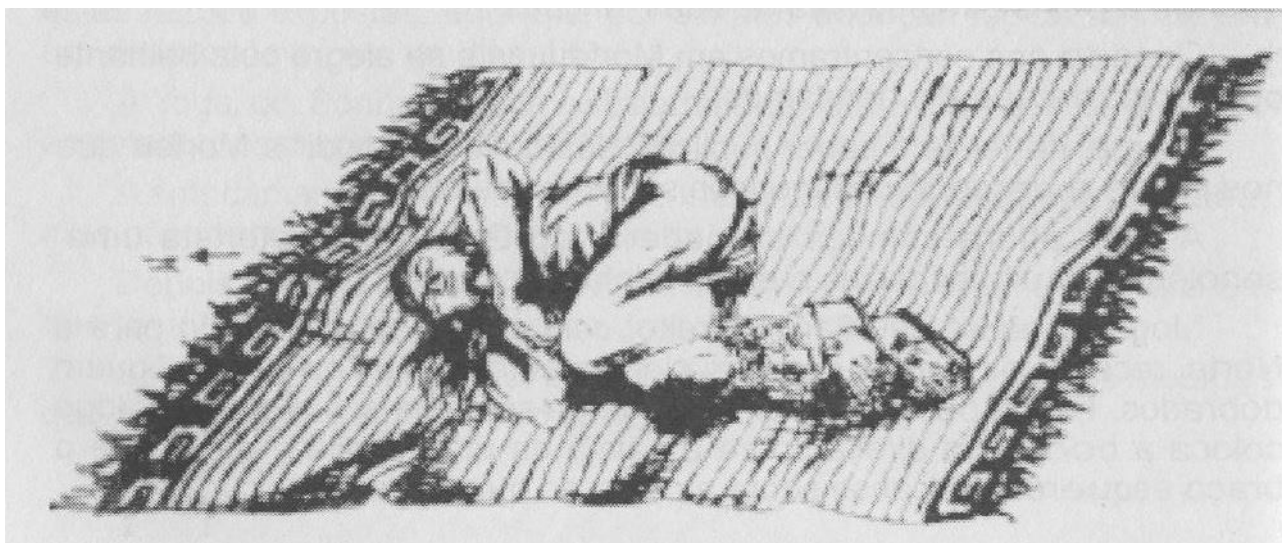
Ainda que só restem na memória vagos fragmentos do sonho ou sonhos, estes devem ser cuidadosamente registrados.

Quando não restou nada na memória, deve iniciar o exercício retrospectivo com base no primeiro pensamento que tenhamos tido no instante preciso do despertar. Obviamente, ele se encontra associado intimamente ao último sonho.

Precisamos esclarecer solenemente que o exercício retrospectivo se inicia antes de ter retornado totalmente ao estado de vigília, quando ainda nos encontramos em estado de sonolência tratando de seguir conscientemente a seqüência do sonho.

A prática do mencionado exercício se começa sempre com a última imagem que tenhamos instantes antes de retornar ao estado de vigília.

Terminaremos este capítulo afirmando solenemente que não é possível passar além desta parte relacionada com a disciplina da Yoga do sonho a menos que tenhamos obtido a memória perfeita de nossas experiências oníricas.



CAPÍTULO XVIII

O SONHO TÂNTRICO

Indubitavelmente, resulta urgente repassar mensalmente nosso caderno ou caderneta de notas com o propósito de verificar por nós mesmos o progressivo adiantamento da memória onírica.

Qualquer possibilidade de esquecimento deve ser eliminada. Não devemos continuar com as práticas subseqüentes enquanto não tenhamos obtido a memória perfeita.

Resultam particularmente interessantes àqueles dramas que parecem sair de outros séculos ou que se desenvolvem nos meios ou ambientes que nada têm a ver com a existência de vigília do sonhador.

Há que estar em estado de alerta percepção, alerta novidade, e pôr muito especial atenção ao estudo dos detalhes que incluem questões específicas, conversas, reuniões, templos, atividades inusitadas com outras pessoas, etc., etc., etc.



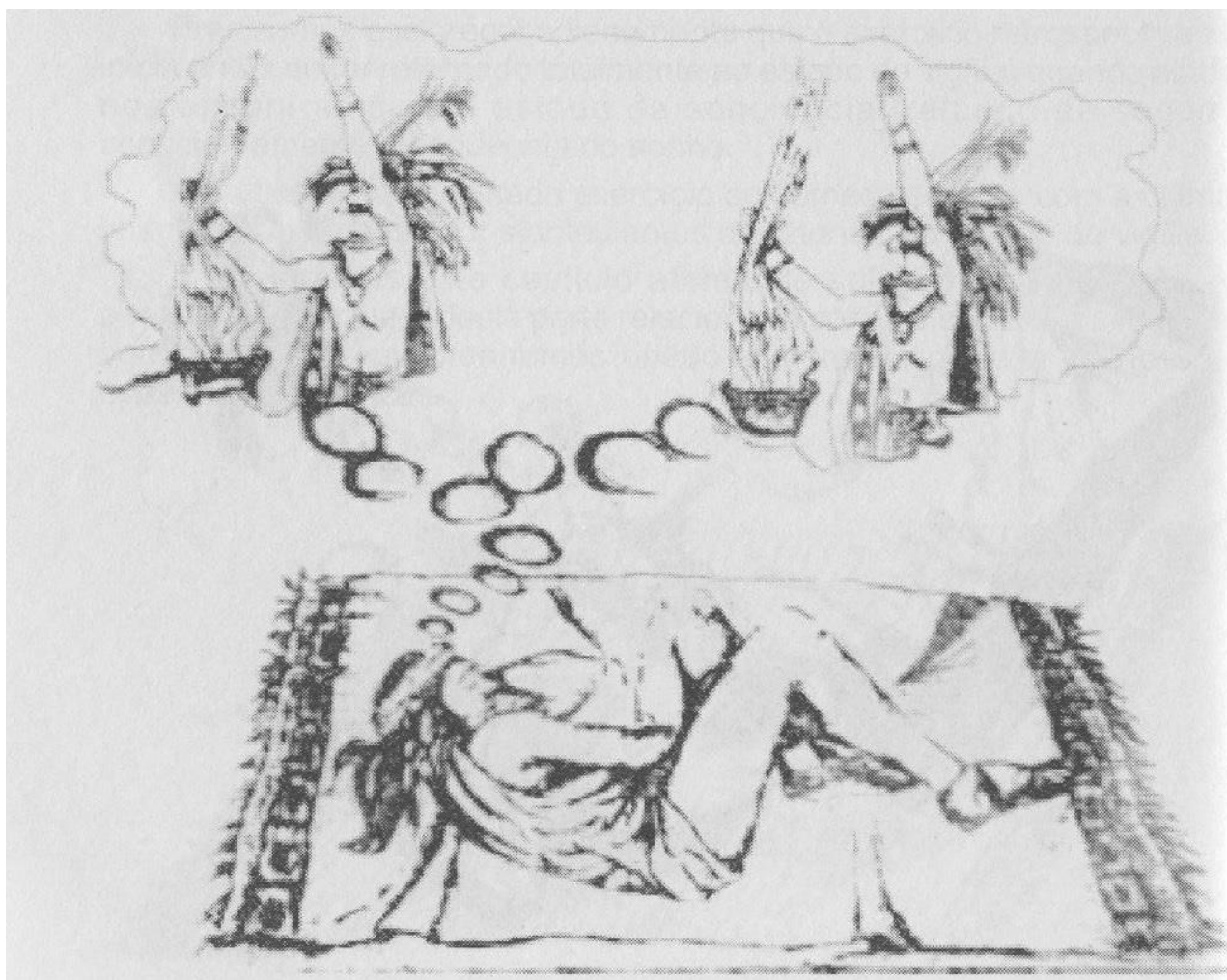
Obtido o desenvolvimento íntegro da memória onírica, eliminada já qualquer possibilidade de esquecimento, o processo de simbolização abrirá o caminho da revelação.

Devem procurar a ciência básica da interpretação dos sonhos na lei das analogias filosóficas, na lei das analogias dos contrários e na lei das correspondências e da numerologia.

As imagens astrais, refletidas no espelho mágico da imaginação, jamais devem ser traduzidas literalmente, pois são só representações simbólicas das idéias arquetípicas e devem ser utilizadas da mesma maneira que um matemático utiliza os símbolos algébricos.

Não está demais afirmar que tal gênero de idéias descende do mundo do Espírito puro.

Obviamente, as idéias arquetípicas que descendem do Ser sucedem maravilhosas nos informando, seja sobre o estado psicológico de tal ou qual centro da máquina, seja sobre assuntos esotéricos muito íntimos, seja sobre possíveis êxitos ou perigos, etc., envoltas sempre entre a roupagem do simbolismo.



Abrir tal ou qual símbolo astral, tal ou qual cena ou figura, com o propósito de extrair a idéia essencial, só é possível através da "meditação do Ser lógica e confrontativa".

Ao chegar a este estado da disciplina da Yoga do sonho, faz-se indispensável entrar no aspecto Tântrico da questão.

A sabedoria antiga ensina que Tonantzin (Devi Kundalini), nossa Divina Mãe Cósmica particular (pois cada pessoa tem a sua própria), pode adotar qualquer forma, pois é a origem de todas as formas. Portanto, convém que o Gnóstico medite sobre ela antes de ficar adormecido.

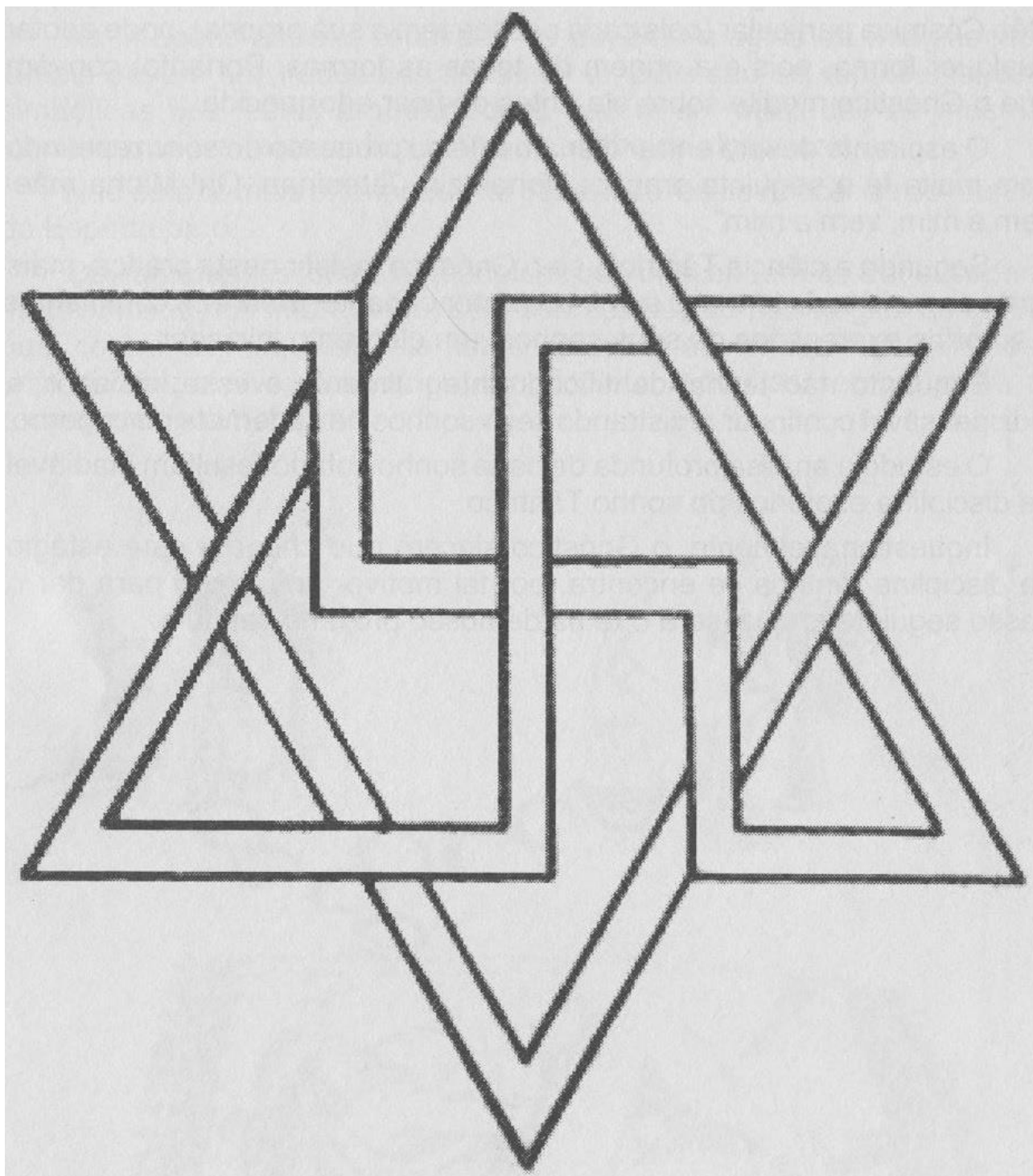
O aspirante deverá entrar diariamente no processo do sono repetindo com muita fé a seguinte oração: "Tonantzin, Teteoinan, Oh! Minha mãe vem a mim, vem a mim".

Segundo a ciência Tântrica, se o Gnóstico insistir nesta prática, mais tarde ou mais cedo terá que surgir como por encanto, dentre as cambiantes e amorfas expressões de seus sonhos, um elemento iniciador.

Enquanto não tenha identificado integralmente a esse iniciador, é indispensável continuar registrando seus sonhos na caderneta ou caderno.

O estudo e análise profunda de cada sonho cotado resultam inadiável na disciplina esotérica do sonho Tântrico.

Inquestionavelmente, o Gnóstico sincero que chega a este estágio da disciplina tântrica se encontra, por tal motivo, preparado para dar o passo seguinte, o qual será o tema de nosso próximo capítulo.



CAPÍTULO XIX

PRÁTICA DO RETORNO

Quando o aspirante realizou com pleno êxito todos os exercícios gnósticos relacionados com o esoterismo do sonho, é visível que então se encontra intimamente preparado para a prática do retorno.

No capítulo anterior, algo dissemos sobre o elemento iniciador que surge como por encanto dentre as cambiantes e amorfas expressões de seus sonhos.

Certas pessoas muito psíquicas, refinadas e impressionáveis, possuíram sempre em si mesmas ao elemento iniciador.

Tais pessoas se caracterizam pela repetição contínua de um mesmo sonho; esses psíquicos revivem periodicamente tal ou qual cena ou vêem em suas experiências oníricas, de forma constante, a esta ou aquela criatura ou símbolo.

Cada vez que o elemento iniciador - seja este último símbolo, som, cor ou pessoa, etc. - é recordado ao despertar do sonho normal, o aspirante, com os olhos ainda fechados, continua visualizando a imagem chave familiar e logo, intencionalmente, tratará de dormir novamente prosseguindo com o mesmo sonho.

Com outras palavras diremos que o aspirante tenta tornar-se consciente de seu próprio sonho e por isso prossegue intencionalmente com o mesmo, mas levando-o ao estado de vigília, com plena lucidez e autocontrole.

Converte-se assim em espectador e ator de um sonho, com a vantagem, por certo nada desprezível, de poder abandonar a cena à vontade para mover-se livremente no mundo astral.

Então, o aspirante, livre de todas as travas da carne, fora de seu corpo físico, desprende-se de seu velho e familiar ambiente penetrando em um universo regido por leis distintas.

A disciplina do estado de sonho dos tântricos budhistas conduz didaticamente ao despertar da consciência.

O Gnóstico só pode despertar, ao estado verdadeiro de Iluminação, compreendendo e desintegrando sonhos.

As sagradas escrituras do Hindustão afirmam solenemente que o mundo inteiro é o sonho de Brahama.

Partindo deste postulado hindu, afirmaremos de forma enfática o seguinte: "Quando Brahama desperta, o sonho conclui".

Enquanto o aspirante não tenha obtido ainda a dissolução radical, não só dos sonhos em si mesmos, mas também das molas psicológicas que os originam, o despertar absoluto será algo mais que impossível.

O despertar definitivo da consciência só é possível mediante uma transformação radical.

Os quatro Evangelhos Crísticos insistem na necessidade de despertar. Desgraçadamente, as pessoas continuam adormecidas...

Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, certamente foi um homem cem por cento desperto.

A multiplicidade de suas funções também nos indica com inteira precisão o antiquidade de seu culto e a profunda veneração com que lhe era dedicada em toda a mesoamérica.

Os Deuses Santos de Anahuac são homens perfeitos no sentido mais completo da palavra, criaturas absolutamente acordadas; seres que erradicaram de sua psique a toda possibilidade de sonhar.

Tlaloc, "que faz brotar", Deus das chuvas e do raio, sendo Deus é também um homem desperto, alguém que teve que eliminar de sua psique não só a seus sonhos, mas também, além disso, a toda possibilidade de sonhar. É o indivíduo sagrado principal da antiqüíssima cultura olmeca, e aparece sempre com a máscara do tigre-serpente nos machados colossais e em diversas figuras de jade.

Tezcatlipoca e Huitzilopochtli, criaturas do fogo, vivas representações da noite e do dia, são também homens acordados, seres que conseguiram passar além dos sonhos.

Fora do corpo físico, o homem desperto pode invocar aos Deuses Santos dos Astecas, Maias, Toltecas, etc.

Os Deuses dos códices Borgia, Borbónico, etc., etc., etc., vêm ao chamado do homem desperto.

Mediante o auxílio dos Deuses Santos, o homem desperto pode estudar, na luz astral, a Doutrina Secreta de Anahuac.

CAPÍTULO XX

AS QUATRO BEM-AVENTURANÇAS

No capítulo anterior muito dissemos sobre o elemento iniciador do sonho, e é óbvio que só nos resta agora aprender a usá-lo.

Quando o Gnóstico levou uma recordação sobre seus sonhos, inquestionavelmente descobre ao sonho que sempre se repete; este, entre outros, é certamente um motivo mais que suficiente para anotar no caderno ou caderneta a todos os sonhos.

Indubitavelmente, a experiência onírica sempre repetida é o elemento iniciador que, inteligentemente utilizado, conduz-nos ao despertar da consciência.

Cada vez que o místico deitado em sua cama se adormece intencionalmente, meditando no elemento iniciador, o resultado jamais se faz esperar muito.

Pelo comum, o anacoreta revive tal sonho conscientemente, podendo-se separar da cena à vontade para viajar pelos mundos supra-sensíveis.

Qualquer outro sonho pode também ser usado com tal propósito quando realmente conhecemos a técnica.

Quem desperta de um sonho pode prosseguir com o mesmo intencionalmente se este for seu desejo. Neste caso, deve dormir novamente revivendo sua experiência onírica com a imaginação.

Não se trata de imaginar que nós estamos imaginando, o fundamental consiste em reviver o sonho com todo seu cru realismo anterior.

Repetir intencionalmente o sonho é o primeiro passo para o despertar da consciência; separar-se à vontade do sonho e em pleno drama, é o segundo passo.

Alguns aspirantes conseguem dar o primeiro passo, mais lhes falta força para dar o segundo passo.

Tais pessoas podem e devem ajudar-se a si mesmos mediante a técnica da meditação.

Tomando muito sérias decisões, esses devotos praticarão a meditação antes de entregar-se ao sonho.

Como tema de concentração e auto-reflexão evidente, em meditação interior profunda, será, neste caso, seu problema íntimo.

Durante esta prática, o místico angustiado, cheio de emoção sincera, invoca a sua Divina Mãe Tonantzin (Devi Kundalini).

Derramando lágrimas de dor, o Asceta Gnóstico se lamenta do estado de inconsciência no qual se encontra e implora o auxílio rogando a sua Mãe que lhe dê forças íntimas para desprender-se de qualquer sonho à vontade.

A finalidade que persegue toda esta disciplina do sonho Tântrico é preparar ao discípulo para que reconheça claramente às quatro Bem-aventuranças que se apresentam na experiência onírica.

Esta disciplina esotérica certamente só é para pessoas muito sérias, pois exige infinita paciência e enormes superesforços íntimos.

Muito se disse no mundo oriental sobre as "quatro luzes" do sonho e nós devemos estudar esta questão.

A primeira delas é chamada a "luz da revelação", e escrito está com letras de ouro no livro da vida que se percebe justo antes ou durante as primeiras horas do sonho.

Sobra dizer, em grande maneira e sem muita prosopopéia, que, ao fazer mais profundo o sonho, a indesejável mescla de impressões residuais e a corrente habitual de pensamentos discriminatórios felizmente se vai dissolvendo lentamente.

Neste estágio do sonho se insinua progressivamente a segunda iluminação, aquela que se conhece na Ásia com o nome maravilhoso de "luz de aumento".

Inquestionavelmente, o Asceta Gnóstico, mediante a extraordinária disciplina do sonho Tântrico, consegue passar muito além desta etapa até capturar totalmente às duas luzes restantes.

Vivenciar claramente o cru realismo da vida prática nos mundos superiores de Consciência cósmica significa ter alcançado a terceira luz, a da "realização imediata".

A quarta luz é a da "Iluminação Interior profunda", e chega a nós como por encanto em plena experiência mística.

"Aqui no quarto grau de vazio, morá o Filho da Mãe clara luz", declara um tratado tibetano.

Falando francamente e sem rodeios, declaro o seguinte: A disciplina do sonho Tântrico é, em realidade, uma preparação esotérica para esse sonho final que é a morte.

Tendo morrido muitas vezes de noite, o Gnóstico anacoreta que tenha capturado conscientemente as quatro Bem-aventuranças que se apresentam na experiência onírica, no instante da desencarnação passa ao estado "post mortem" com a mesma facilidade com que se introduz voluntariamente no mundo do sonho.

Fora do corpo físico, o Gnóstico consciente pode verificar, por si mesmo, o destino que está reservado às Almas depois da morte.

Se cada noite, mediante a disciplina tântrica do sonho, pode o Esoterista morrer conscientemente e penetrar no mundo dos mortos, é claro que também pode, por tal motivo, estudar o Ritual da Vida e da Morte enquanto chega o oficiante.

Hermes, depois de ter visitado os mundos infernos, onde viu com horror o destino das Almas perdidas, conheceu coisas insólitas.

"Olhe a esse lado -diz Osíris ao Hermes-. Vê aquele enxame de Almas que tratam de remontar-se à região lunar? Umas são rechaçadas para a terra como torvelinhos de pássaros sob os golpes da tempestade. Outras alcançam com grandes adejos a esfera superior que lhes arrasta em sua rotação. Uma vez chegadas ali, recuperam a visão das coisas divinas".

Os astecas colocavam um ramo seco ao enterrar ao que tinha sido eleito por Tlaloc, o Deus da chuva.

Dizia-se que ao chegar o Bem-aventurado ao "Campo de delícias" que é o Tlalocan, o ramo seco reverdecia, indicando com isto à volta a uma nova existência, o retorno.

Aqueles que não tem sido escolhidos pelo Sol, ou por Tlaloc, vão fatalmente ao Mictlan, que fica ao norte, região onde as Almas padecem uma série de provas mágicas ao passar pelos mundos infernos.

São nove os lugares aonde as Almas sofrem espantosamente antes de alcançar o descanso definitivo.

Isto vem a nos recordar de forma enfática aos "nove círculos infernais" da Divina Comédia de Dante Alighieri.

Muitos são os Deuses e Deusas que povoam os nove círculos dantescos do inferno asteca.

Não está demais, nesta Mensagem de Natal 1974-1975, recordar ao espantoso Mictlantecuhtli e à tenebrosa Mictecacihuatl, "o senhor e a senhora de inferno", habitantes do nono ou do mais profundo dos lugares subterrâneos.

As Almas que passam pelas provas do "inferno asteca" posteriormente, depois da "Segunda Morte", ingressam felizes nos paraísos elementais da natureza.

Inquestionavelmente, as Almas, que depois da morte não descendem aos mundos infernos, nem tampouco sobem ao Reino da Luz dourada, nem ao Paraíso de Tlaloc, nem ao Reino da eterna concentração, etc., etc., etc., retornam-se ou retornam de formaediata ou imediata a um novo corpo físico.

As Almas escolhidas pelo Sol ou por Tlaloc gozam muito nos mundos superiores antes de retornar ao Vale do Shamsara.

Os anacoretas gnósticos, depois de terem capturado às quatro luzes do sonho, podem visitar conscientemente, cada noite, o Tlalocan ou descender ao Mictlan ou ficar em contato com essas Almas que antes de retornarem, vivem na região lunar.

CAPÍTULO XXI

O ANJO DA GUARDA

Iniciaremos o último capítulo do presente livro com a seguinte frase: O primeiro educador de todo grande Iniciado se converte, de fato e por direito, na causa fundamental de todas as partes espiritualizadas de sua genuína presença comum.

Qualquer Guru agradecido se prosterna humildemente ante o primeiro criador de seu Ser genuíno.

Quando, depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários se revela, ante nossos olhos cheios de lágrimas, a absoluta perfeição obtida no funcionamento de todas as partes espiritualizadas, isoladas, de nossa presença comum, o impulso do Ser, de gratidão para o primeiro educador, surge em nós.

Inquestionavelmente, a perfeição absoluta de todas e cada uma das partes isoladas do Ser só é possível morrendo em nós mesmos, aqui e agora.

Existem diversos estados de Auto-realização íntima. Alguns Iniciados conseguiram a perfeição de certas partes isoladas do Ser, porém, ainda têm que trabalhar muito até obter a absoluta perfeição de todas as partes.

De modo algum seria possível desenhar ao Ser, parece um exército de inocentes meninos... Cada um deles exerce determinadas funções. Obter a integração total é o maior desejo de todo Iniciado.

Quando se obtém a Auto-realização íntima da parte mais elevada do Ser se recebe, por tal motivo, o grau Ismech.

Nosso Senhor Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, indubitavelmente desenvolveu também a parte mais elevada de seu próprio Ser.

Os Deuses elementais da natureza tais como Huehuateotl, Tlaloc, Ehecatl, Chalchiuhtlicue -a Genebra de Tlaloc-, Xochiquetzal, a Deusa das flores, etc., assistem ao Iniciado em suas operações de magia elemental com a condição de uma conduta reta.

Porém, jamais devemos esquecer a nosso Intercessor elemental, o mago elemental em nós, que pode invocar aos Deuses elementais da natureza e realizar prodígios... Inquestionavelmente, é outra das partes isoladas de nosso próprio Ser.

Três Deusas, que realmente são somente aspectos de uma mesma Divindade, representam a nossa Divina Mãe (variante ou derivações de nosso próprio Ser) Tonantzin, Coatlicue, Tlazolteotl...

Muitas são as partes isoladas de nosso próprio Ser. A pessoa se enche de assombro ao recordar ao Leão da Lei, aos dois Gênios que anotam nossas boas e más obras, à Polícia do Karma - parte também de nosso Ser -, ao misericordioso, ao Compassivo, a nosso Pai-Mãe unidos, ao Anjo da Guarda, etc., etc., etc.

Os poderes flamígeros do Anjo da Guarda resultam extraordinários, maravilhosos, terrivelmente divinos...

De fontes perfeitamente gnósticas, em segredo conservadas nos monastérios Iniciáticos, e que diferem grandemente do pseudo-cristianismo e pseudo-ocultismo comum em uso do vulgo, soube realmente o que é o Anjo da Guarda.

Chegados ao campo misterioso da história e da vida dos Jinas, descobrimos não só ao Templo do Chapultepec no México e às pessoas da quarta vertical senão, também - e isto é assombroso-, aos poderes do Anjo da Guarda em relação com tudo isto.

Porque convém jamais esquecer que o Padre Prado e Bernal Díaz do Castelo, entre ambos, recreavam-se vendo os sacerdotes de Anahuac em estado de Jinas.

Deliciosamente flutuavam os anacoretas quando se transportavam pelos ares desde a Cholula até o Templo Maior; isto acontecia diariamente ao ocultar o sol.

Jamais tiveram em seus passeios noturnos horizontes mais augustos os discípulos do Sais no Delta do Nilo, nem os que nas mesetas da Pérsia seguissem a Zaratustra, nem os contempladores da Torre de Bel em Babilônia, que os que sempre tiveram aqueles que se submetem diariamente à disciplina do sonho Tântrico.

Fora do corpo físico, o anacoreta Gnóstico pode, se quiser, invocar a certa parte isolada de seu próprio Ser definida em esoterismo prático com o nome de Anjo da Guarda. Inquestionavelmente, o Inefável virá a seu chamado...

Uma serenidade diáfana, uma tranqüilidade sem limites, uma felicidade elevada como a que experimenta a Alma ao romper os laços com a matéria e com o mundo, em tudo o que sentimos naqueles momentos deliciosos...

O resto o pode coligir já, querido leitor, serviços mágicos aos Lohengrin sempre se podem receber...

Se em tais momentos de arroubo pedimos ao Anjo da Guarda o favor de tirar o corpo dormido dentre a cama, onde lhe deixamos repousando, e trazê-lo ante nossa presença, se realizará o fenômeno mágico com pleno êxito.

A pessoa pressente que vem o corpo físico já de caminho, trazido pelo Anjo da Guarda, quando sente em seus ombros anímicos uma entranha pressão...

Se assumirmos uma atitude receptiva, aberta, sutil, o corpo físico penetrará em nosso interior.

O tantrista Gnóstico consciente, em vez de voltar a seu corpo físico, aguarda que este venha a ele para viajar com o mesmo na Terra prometida, na quarta coordenada.

Posteriormente, mediante o auxílio do Anjo da Guarda, retorna o Asceta Gnóstico à sua casa e à sua cama sem o menor perigo.

Os Veneráveis Mestres da Fraternidade Oculta viajam com seus corpos físicos por entre a quarta vertical, podendo abandonar a mesma no lugar que o desejem.

Isto significa que os Mestres Ressurrectos da Ordem Superior podem dar-se o luxo, por certo nada desprezível, de renunciar a todos os sistemas modernos de transporte: navios, aviões, automóveis, etc., etc., etc.

O alto valor Iniciático que em si mesmos têm os procedimentos crítico-analógicos e simbólicos que nos antigos tempos foram a essência viva daquela escola Alexandrina dos

filateos ou "amantes da verdade" academia sintética do século IV, fundada por Ammonio Saccas, o grande eclético autodidata, e por Plotino, o continuador de Platão através dos séculos, com princípios doutrinários do Egito, México, Peru, China, Tibete, Pérsia, Índia, etc., etc., etc., permitiu a muitos Iniciados orientar-se no Caminho do fio da Navalha.

Menção muito especial merece a Androgilia de Ammonio Saccas, livro de ouro por excelência.

Indubitavelmente, o erro de muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas modernos radica no amor-próprio; querem-se muito a si mesmos. Desejam a evolução da miséria que carregam dentro... Desejam continuar, desejam a perfeição daquilo que de modo algum merece perfeição nem continuação.

Essas pessoas de psique subjetiva se acreditam ricas, poderosas e iluminadas, e cobiçam, além disso, uma magnífica posição no "mais além" mas em realidade nada sabem sobre si mesmos, desconhecem infelizmente sua própria impotência, nulidade, falta de vergonha, desventura, miséria psicológica e nudez.

Os gnósticos não aspiram a ser melhores nem piores, só queremos morrer em nós mesmos, aqui e agora.

Quando estabelecemos o "Dogma da Evolução" como fundamento de nossas melhores aspirações, partimos de uma base falsa.

Aos penitentes do rochoso caminho que conduz à Liberação Final jamais nos interessa a evolução. Sabemos que somos uns coitados e miseráveis... De nada serviria a evolução do si mesmo. Preferimos a morte suprema; só com a morte advém o novo.

Por que teríamos que lutar pela evolução e o progresso de nossa própria desventura? Melhor é a morte...

Se o grão não morrer a planta não nasce. Quando a morte é absoluta, isso que tem que nascer é também absoluto.

A aniquilação total do mim Mesmo, a dissolução radical do mais querido que carregamos dentro, a desintegração final de nossos melhores desejos, pensamentos, sentimentos, paixões, ressentimentos, dores, emoções, desejos, ódios, amores, ciúmes, vinganças, coragens, afetos, apegos, luxúria, etc., etc., etc., é urgente, inadiável, impostergável, a fim de que surja a chama do Ser, isso que não é do tempo, isso que é sempre novo.

A idéia que cada um de nós tenha sobre o Ser, jamais é o Ser. O conceito intelectual que sobre o Ser tenhamos elaborado, não é o Ser. A opinião sobre o Ser não é o Ser. O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser.

O temor à morte absoluta é obstáculo, óbice, inconveniente, para o lucro da mudança radical.

Cada um de nós leva em seu interior uma criação equivocada. É indispensável destruir o falso para que surja na verdade uma criação nova.

Jamais tentaríamos promover a evolução do falso, preferimos a aniquilação absoluta.

Dentre a negra e pavorosa fossa sepulcral do abismo surgem as diversas partes Flamígeras do Ser; o Anjo da Guarda é uma dessas tantas partes isoladas.

Aqueles que conhecerem realmente os mistérios do Templo, reflexo maravilhoso dos Mistérios Báquicos, Eleusínios e Pitagóricos, jamais desejariam continuar com sua miséria interior.

Há que retornar ao ponto de partida original, há que voltar para as trevas primitivas do Não Ser e ao Caos para que nasça a luz e surja em nosso interior uma nova criação.

Em vez de temer à aniquilação total, é melhor saber amar e cair nos braços de nossa Bendita Deusa Mãe-Morte.